



# Koinós **Kairós**

Revista Acadêmica da Prainha  
Ano XI/1-2 Janeiro/Dezembro 2014

ISSN ELETRÔNICO: 2357-9420 ISSN IMPRESSO: 1807-5096

SEMINÁRIO DA PRAINHA - 150 Anos {1864-2014}

# Καιρός

# Kairos

Revista Acadêmica da Prainha  
Ano XI/1-2 Janeiro/Dezembro 2014  
**10 Anos**

## Correspondências:

**KAIRÓS** – Revista Acadêmica da Prainha – ISSN 1807-5096

Endereço: Rua Tenente Benévolo, 201 - Cep: 60.160-040

Tel.: (0xx85) 3453-2150

Fortaleza – Ceará – Brasil

## Ficha catalográfica

*KAIRÓS*: Revista Acadêmica da Prainha / Faculdade Católica de Fortaleza.  
– Ano I, nº 1-2 (jan./dez. 2004) - . – Fortaleza: FCF, 2004 –

Semestral  
ISSN: 1807-5096

1. Teologia – Periódicos. 2. Filosofia – Periódicos. 3. Ciências Humanas –  
Periódicos. 4. Ciências Sociais – Periódicos. 5. Educação – Periódicos.  
I. Faculdade Católica de Fortaleza.

CDD 105  
205  
305  
370.05

## Bibliotecária responsável:

Deusimar Frutuoso de Almeida CRB- 3/578

***É proibida a reprodução dos artigos publicados nesta revista sem prévia autorização. Os artigos publicados, sua originalidade e redação são de inteira responsabilidade dos seus autores e não reproduzem necessariamente a opinião da revista.***

**Kairós** – Revista Acadêmica da Prainha  
Ano: Ano XI/1-2 Janeiro/Dezembro 2014

**Chanceler:** *D. José Antonio Aparecido Tosi Marques*  
**Arcebispo Metropolitano de Fortaleza**

**Diretor e Redator:** *Prof. Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen*  
**Redator adjunto:** *Profa. Ms. Lisieux D'Jesus Luzia de Araújo Rocha*

Publicação: **Faculdade Católica de Fortaleza**  
Diretor: *Prof. Ms. Pe. Antonio Almir Magalhães de Oliveira*

**Secretária:** Maria Uyára Félix Beleza  
**Diagramação:** Evaldo Amaro dos Santos

**CONSELHO CIENTÍFICO:**

*Prof. Dr. Carlos Josaphat, OP*  
*Prof. Dr. Francisco Manfredo Thomaz Ramos (FCF)*  
*Prof. Dr. Henrique Noronha Galvão (UCP-Lisboa)*  
*Prof. Dr. Luis Alberto De Boni (PUCRS)*  
*Prof. Dr. Manfredo Oliveira (UFC)*  
*Prof. Dr. Márcio Fabri dos Anjos*  
*Prof. Dr. Marcus Roberto Nunes Costa (UFP)*  
*Prof. Dr. Mário de França Miranda, SJ. (PUC-RJ)*  
*Prof. Dr. Ney de Souza (PUC-SP-Assunção)*  
*Prof. Dr. Pedro Rubens, SJ (UNICAP-PE)*  
*Profa. Dra. Paula Oliveira e Silva (Universidade do Porto)*

**CONSELHO EDITORIAL:**

*Prof. Dr. Francisco de Aquino Paulino*  
*Prof. Dr. Francisco Evaristo Marcos*  
*Prof. Dr. José Fernandes de Oliveira*  
*Prof. Dr. Moésio Pereira de Souza*  
*Profa. Dra. Aíla Luzia Pinheiro de Andrade*  
*Profa. Dra. Tânia Maria Couto Maia*  
*Profa. Dra. Maria Celeste de Sousa*

**Impressão:** Gráfica Encaixe

# SUMÁRIO

|                        |   |
|------------------------|---|
| <b>Editorial</b> ..... | 7 |
|------------------------|---|

## **Palavra do Diretor**

*Prof. Ms. Pe. Antonio Almir Magalhães de Oliveira*

|  |    |
|--|----|
| 150 anos do Seminário da Prainha ..... | 11 |
|--|----|

## **I – História**

*Francisco Lima*

|                                 |    |
|---------------------------------|----|
| Considerações Preliminares..... | 14 |
|---------------------------------|----|

*Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá*

|  |    |
|--|----|
| Sesquicentenário do Seminário da Prainha 1864 – 2014 ..... | 18 |
|--|----|

*Prof. Dr. Pe. Edilberto Cavalcante Reis*

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| Seminário da Prainha 1864 - 1966..... | 34 |
|---------------------------------------|----|

*Mons. Dr. Francisco Manfredo Thomáz Ramos*

|                                       |    |
|---------------------------------------|----|
| Seminário da Prainha 1964 - 2010..... | 37 |
|---------------------------------------|----|

## **II - Personalidades de Destaque**

|   |    |
|---|----|
| Dignitários formados nos 150 anos do Seminário da Prainha ..... | 47 |
|---|----|

*Profª. Ms. Lucy Pina*

|  |    |
|--|----|
| Dom Helder Câmara: Aspectos de sua vida..... | 49 |
|--|----|

*Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos*

|   |    |
|---|----|
| O tempo e a trama – Padre Cícero na narrativa dos devotos ..... | 53 |
|---|----|

Testemunho

*Dom Manuel Edmilson da Cruz*

|   |    |
|---|----|
| O Seminário da Prainha: Seu perfil, sua alma, seu espírito..... | 79 |
|---|----|

### **III – Filosofia**

*Prof. Dr. Jan G. J. ter Reegan*

O tempo na Filosofia Antiga e da Idade Média.....89

*Prof. Dr. Pe. Manfredo Araújo de Oliveira*

O tempo na Modernidade e na Contemporaneidade.....103

### **IV – Teologia**

*Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Aparecida Rodrigues Abrão*

O tempo da Graça.....124

### **Anexos**

*Prof. Vianney Mesquita*

Recensão literoeclesialística: Jesus Cristo e a Igreja atual.....140

## EDITORIAL

Seminário da Prainha, 150 anos de ensino superior no Ceará! Uma fausta data não só para a Igreja do Ceará e do Brasil, mas também para toda a sociedade cearense e brasileira. Desde a sua fundação, em 1864, saiu dos seus muros um clero bem formado, que se espalhou não somente sobre Ceará, mas sobre todo o Nordeste e parte do Norte. Um rápido olhar nos nomes dos dignitários eclesiásticos provindos de suas fileiras revela este fato. Além disto, o mundo político e cultural está repleto de nomes de pessoas ilustres que nesta casa receberam, além de uma mundivisão religiosa, uma sólida formação humanística.

A Faculdade Católica de Fortaleza, como último elo da grandiosa história desta Casa, continuadora da sua missão e dos seus objetivos, não podia deixar de comemorar festivamente esta data importante.

Com este intuito organizou a sua *XIV Semana Teológico-Filosófica* – 21 a 24 de outubro de 2014 – ensejando dar ênfase ao Sesquicentenário desta Instituição com o tema: *“O Tempo em sua dimensão Histórica, Filosófica e Teológica”*.

Apresentam-se, neste número especial e comemorativo da Revista Acadêmica da Prainha **Kairós**, as conferências pronunciadas durante esta Semana Teológico-Filosófica, comemorativa do jubileu dos 150 anos da fundação desta casa.

É de bom alvitre alertar que algumas conferências aqui publicadas mantêm o seu tom mais coloquial e informal, enquanto outros sofreram uma reelaboração e aperfeiçoamento, sobretudo no seu aparato crítico, em que este fato tenha afetado ou prejudicado seu caráter de pesquisa científica. Além disso, houve o acréscimo de alguns textos, publicados alhures em tempos passados, mas que oferecem esclarecimentos a respeito da pré-história e da história do Seminário da Prainha. Da mesma forma inseriu-se uma lista dos Cardeais, Arcebispos e Bispos que se formaram nesta abençoada casa e que foram – e alguns ainda o são – um testemunho vivo da seriedade da formação lhes oferecida. De um, Dom Edmilson Cruz,

publica-se uma reflexão sobre sua vida no Seminário. Escolheu-se a figura dele almejando homenageá-lo por sua constante e inspiradora presença em todos os adventos e promoções, organizados pelo então ITEP e atual Faculdade Católica de Fortaleza.

As Conferências foram agrupadas em IV Seções:

## I. História

Abre-se esta seção com um capítulo do livro do jornalista Francisco Lima – *Seminário da Prainha* – que nos fala da “pré-história” do Seminário com interessantes detalhes.

Segue-se a conferência do Professor Doutor Gisafran Nazareno Mota Jucá: *O Sesquicentenário do Seminário da Prainha*.

Um texto do Professor Doutor Padre Edilberto Reis sobre o *Seminário da Prainha – 150 anos de Ensino Superior*, substitui a conferência por ele ministrada.

Monsenhor Francisco Manfredo Thomas Ramos apresenta o seu discurso proferido por ocasião da instalação solene da Faculdade Católica de Fortaleza, 09 de fevereiro de 2010, em que oferece um inspirado relato não só histórico, mas também doutrinário, dos anos após 1964.

## II. Figuras expoentes do Seminário da Prainha

São inúmeras as pessoas, clérigos ou leigos, egressas do Seminário da Prainha, que se destacaram na história do Ceará e do Brasil. Enfatizam-se, nesta publicação duas delas: O Padre Cícero Romão Batista e Dom Helder Câmara. É claro que esta escolha significa nenhum demérito para tantos personagens ilustres que nestes 150 anos se projetaram com brilho na Igreja e na Sociedade Brasileira.

O Professor Doutor Regis Lopes Ramos apresenta uma incisiva pesquisa sobre *Padre Cícero na narrativa dos devotos*.

A Professora Mestra Lucy Pina discorre sobre *Aspectos da vida de Dom Helder Câmara*, e traz a lembrança dos primeiros anos de sua atividade, marcada pelo social.

Em anexo uma lista dos dignitários eclesiásticos da Igreja do Brasil que passaram por esta vetusta casa de formação.

### III. Filosofia

O Professor Jan Gerard Joseph ter Reegen tenta desvendar, em rápidas pinceladas como se pensava e vivia o *Tempo na Antiguidade e na Filosofia Medieval*, apresentando os mais famosos autores e fontes das duas épocas.

O Professor Doutor Padre Manfredo Oliveira dedica sua exposição ao tema *Tempo na Modernidade e Contemporaneidade*, onde – com o seu conhecido senso analítico – revela as facetas e a compreensão do Tempo nestes períodos.

### IV. Teologia

A Professora Doutora Maria Aparecida Rodrigues Abrão desenvolve a percepção do tempo com *Tempo da Graça na reflexão do Padre Antônio Vieira e Inácio de Loyola*.

150 - 150 - 150 - 150 - 150

#### 10 Anos da Revista Acadêmica da Prainha – **Kairós**.

Coincidindo com o Sesquicentenário do Seminário da Prainha, comemora-se também os 10 anos do lançamento da Revista **Kairós**.

Ao 1º número, aliás um número especial duplo (Ano 1 e 2 jan/dez 2004) intitulado *Pro Animarum Salute. Igreja no Ceará, Comunhão e Missão*, seguiram 16 números – alguns especiais - abordando temas teológicos do campo do dogma, pastoral, moral e estudos bíblicos, com também temas da Filosofia, tanto da antiga e medieval, como da moderna e contemporânea. Destaque merecem os números especiais sobre *Ética Contemporânea, Teologia e Ecologia e a Pessoa Humana em Edith Stein*. Embora com menor incidência há, também, temas psicológicos e sociológicos.

Na expressão do Medievo os temas apresentados na maioria dos números é do tipo “quodlibetiano”, quer dizer temas das grandes áreas do ensino e pesquisa da Faculdade, a saber Teologia, Bíblia, Filosofia e Psicologia, sem um direcionamento específico ou enfoque especial, salvo os números especiais mencionados.

Em total foram 18 números que – embora publicados um tanto irregularmente – de qualquer modo expressam a vitalidade da pesquisa e reflexão do corpo docente da Faculdade. Soma-se 144 (em números redondos) artigos publicados, de que 50 de colaboradores de fora da Instituição, inclusive um

autor provindo da Reforma. Destes 50 são de caráter teológico, 60 da área de Filosofia, 10 de cunho psicológico, e os outros 20 podem ser caracterizados como “miscelânea”. Nos últimos números foram acrescentadas duas novas seções: *Resenhas*, para apresentar e avaliar novidades nas várias áreas de pesquisa, e *Tradução*, que objetiva o conhecimento de textos importantes, do passado e do presente, nem sempre de fácil acesso por problemas linguísticos.

No decorrer destes 10 anos foram 3 os Diretores/Redatores da Revista:

- Professor Doutor Padre Francisco Evaristo Marcos, 2004 - 2009;
- Professor Doutor Padre Marcos Mendes de Oliveira, 2010 - 2011;
- Professor Doutor Jan Gerard Joseph ter Reegen. 2011 -

Em 2012 foi acrescentado um Redator Adjunto na pessoa da Professora Mestra Lisieux D'Jesus Luzia Araújo Rocha.

Acredita-se, sem falsa modéstia, que nestes 10 anos a Revista **Kairós** tenha conquistado um lugar no meio das publicações de Instituições de Ensino Superior, dedicadas às várias áreas das Ciências Humanas. Pode-se, constatando isto, dizer que alcançamos o nosso objetivo expresso no lema da Faculdade: *Cooperatores Veritatis?* Claro que não. A Revista oferece uma ajuda indicando pistas, levantando hipóteses, procurando desvendar e chegar um pouco mais perto da Verdade, ilimitada e inalcançável na sua profundidade.

150 – 150 – 150 – 150 - 150

Um “muito” obrigado a todos, e não foram poucos, que se dedicaram com corpo e alma ao planejamento e à composição deste número comemorativo, tanto do Sesquicentenário do Seminário da Prainha e dos 10 anos da Revista **Kairós**.

A todos uma boa leitura!

*Prof. Dr. Jan Gerard Joseph. ter Reegen*



## 150 ANOS DO SEMINÁRIO DA PRAINHA

*Prof. Ms. Pe. Antonio Almir Magalhães de Oliveira<sup>1\*</sup>*

As primeiras palavras são de agradecimento ao nosso Deus pelo privilégio histórico de estar participando das solenidades que marcam os 150 desta Casa.

A determinação, o trabalho e a fé de todos os que estiveram à frente desta histórica Instituição, transformaram-na em uma das mais importantes e tradicionais instituições religiosas e formativas de nosso país.

Em 6 de Junho de 1854 ocorreu a Criação da Diocese do Ceará através da Bula **Pro Animarum Salute** do Papa Pio IX. Isso teve como fruto primeiro e muito especial desta Igreja, dez anos depois, em 18 de outubro de 1864, a ereção do Seminário Episcopal do Ceará, conhecido como “Seminário da Prainha”.

A estrutura física do Seminário da Prainha abriga hoje a Cúria Arquidiocesana, a Escola de Pastoral Catequética e a Faculdade Católica de Fortaleza, todas essas a serviço do processo de evangelização da Arquidiocese de Fortaleza.

Impossível falar desta Instituição sesquicentenária sem fazer alusão ao que ela representou e representa para a Igreja do Brasil, pelo bem que fez e continua fazendo para a intelectualidade cearense e de outros lugares do Nordeste, já que abrigou e formou por muito tempo não só o clero da Arquidiocese de Fortaleza, mas também do Ceará, Piauí e do Maranhão. Via de regra, dentro de um nível de hostilidade contra a Igreja Católica, parte do mundo acadêmico e também escolar faz avaliações reducionistas a respeito da presença da Igreja no mundo, esquecendo-se, como é o caso, do que ela produziu em todas as dimensões da vida, contribuições indiscutíveis para a sociedade.

Nosso professor Pe. Edilberto Reis, citando o historiador cearense Raimundo Girão, expressa muito bem esse registro, ao afirmar: “O álbum

---

<sup>1</sup> Discurso proferido por ocasião da abertura da XIV Semana Teológico-Filosófica – 21 a 24 de outubro de 2014, comemorando o sesquicentenário do Seminário da Prainha.

comemorativo dos 50 anos do Seminário da Prainha não poupa adjetivos para qualificar os frutos de sua existência. Para o autor do Álbum era claro como o dia. Bastava olhar para o lastimável estado em que se encontrava o clero cearense antes da criação da diocese e, por conseguinte, do mesmo seminário, e ver o que se passava cinquenta anos depois: em lugar de um clero escasso, um celeiro de vocações. Eram tantas, que dava perfeitamente para exportar. A lista de padres cearenses, atuando fora do estado, é cuidadosamente enumerada como prova cabal disto. Além do mais, como se não bastasse o número de padres, o seminário ostentava orgulhosamente, já nas duas primeiras décadas do século XX, uma galeria de eminentíssimos membros do episcopado nacional. Havia entre eles até mesmo um arcebispo primaz. Com o passar dos anos, essa galeria cresceria mais ainda e daria à Prainha o glorioso título de Celeiro de Bispos da Igreja nacional. No lugar dos padres com pouquíssima formação intelectual, encontrados por D. Luiz, o Álbum, orgulhosamente apresentava a sua galeria de padres doutores. Mas isto não era só. Além dos padres doutores, o seminário se orgulhava de ser o berço da elite intelectual Cearense. Até hoje, os discursos que lembram saudosamente o que alguns chamam de *era de ouro do seminário da Prainha*, não podem deixar de lembrar que boa parte da elite intelectual do Ceará, e mesmo de estados vizinhos, passaram pelos seus bancos". (Revista Kairós n. 1-2 – janeiro-dezembro de 2004, p. 33-34).

Chegando ao nosso tempo, cumpre-nos afirmar que enfrentamos hoje **alguns desafios** que estão para além das nossas energias e da própria missão. **O primeiro grande desafio diz respeito ao Eixo da Formação** - segundo as diretrizes para a formação este eixo é o pastoral, o que significa dizer que tudo deve convergir, ter como horizonte a missão da Igreja, sua ação pastoral e evangelizadora. O referencial para alcançar os objetivos vamos encontrá-lo no magistério da Igreja. Por que não pensar nos dois últimos documentos produzidos pela CNBB - 102 – Diretrizes, com as suas cinco urgências? E para nós da Arquidiocese de Fortaleza, o nosso Plano de pastoral se encontra em perfeita sintonia com as Diretrizes. Totalmente ligado a uma das urgências temos outro documento - n. 100 – **Comunidade de Comunidades**: Uma nova paróquia - a conversão pastoral da paróquia, a fim de que nossas paróquias possam se estruturar de forma comunitária, com fundamento trinitário e de tamanho humano; ligado a isto, uma Catequese de inspiração catecumenal, superando o estilo atual que não responde mais. Por fim, esta pérola de orientação pastoral que é a **Evangelii Gaudium** do Papa Francisco. Quais os limites que encontramos dentro deste primeiro desafio? Muito prático e se dá por conta do mundo plural que vivemos - sem dúvidas a diversidade é uma riqueza e, do ponto

de vista teológico é a expressão de uma Igreja pneumatológica que respalda a pluralidade, mas que aponta para a **unidade, a comunhão, a eclesialidade**. Muitos têm a compreensão equivocada de que o pluralismo justifica construir caminhos paralelos, cada um a seu modo. Sem a busca da unidade, o que acontece é um paralelismo inaceitável. Na academia o limite é o da interdisciplinaridade; nem sempre conseguimos nas diversas disciplinas apontar para o horizonte pastoral, eixo para o qual devem convergir todas as disciplinas. O outro limite, e que foge da nossa esfera, é que os documentos de cunho pastoral têm a vocação para a **gaveta**.

O segundo grande desafio é como tornar atrativo um Curso de Bacharelado de Filosofia e Teologia para um público alvo além dos seminaristas. Aqui poderíamos ter uma grande colaboração das Paróquias, verdadeiras responsáveis pela formação de seus Agentes de Pastoral. Nessa perspectiva estamos procurando abrir novos caminhos com a inclusão de novos cursos; para isto temos a experiência e a parceria da UNICAP.

Na programação, prestamos homenagem a professores remanescentes e ex-alunos. É o elo que nos faz afirmar a ligação com a história da casa.

Ao finalizar nossos agradecimentos desde o primeiro bispo do Ceará - Dom Luis Antonio dos Santos que no início acumulou a função de Reitor do Seminário e o Padre Pedro Augusto Chevalier (Lazarista) - 1º Reitor até o Núcleo Gestor atual que tenho a honra de dirigir, evidentemente passando por todos os que dirigiram este Seminário e de tantos anônimos que colaboraram e colaboram para a sua eficaz continuidade.

Que a celebração deste sesquicentenário seja, de um lado, o reconhecimento da história e, de outro, a responsabilidade na construção do futuro que faça jus à memória desta casa. Agradeço a Deus e, isto modestamente, me orgulha de estar à frente da FCF, neste momento de graça para a Igreja do Brasil, especialmente de Fortaleza. Que Nossa Senhora de Nazaré continue conosco.

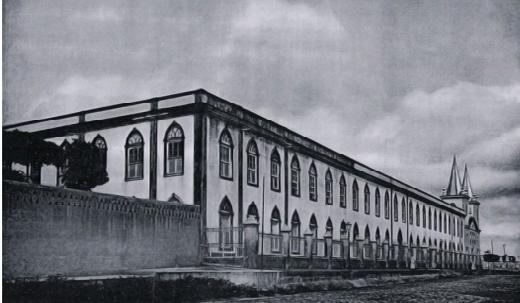
Agradeço a Dom José Antonio Aparecido Tosi Marques todo o apoio que tem dispensado a esta instituição.

Muito Obrigado.

*\*Pe. Antonio Almir Magalhães de Oliveira*  
Diretor Geral

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

*Francisco Lima<sup>1\*</sup>*



Construção majestosa aquela do velho Seminário da Prainha, de onde saíram os expoentes da cultura cearense, alguns, envergando a sotaina, outros, refeitos em trajes civis, exercendo atividades de diferentes matizes.

É um conjunto arquitetônico que inspira meditação e conduz às profundezas da História.

Não será exagero dizer-se que o Ceará teve no Seminário um embrião cultural decisivo. Foi ali, entre paredes volumosas que se educaram os padres que foram aos sertões. A alma do povo ouvia o clamor do missionário e ele vinha fortalecido do Outeiro da Prainha, onde se armara de fé para resistir aos abrolhos de um Ceará empobrecido. De norte a sul e de leste a oeste do Estado, a voz do padre ecoava e a sua mensagem impunha nas lonjuras da terra uma atitude e uma aspiração novas diante da vida.

Era natural que assim fosse.

Compreende-se melhor este fato, rebuscando no tempo a Fé de que as populações se animavam. Fica, assim, bem de propósito a observação de Rui Facó em seu “Cangaceiros e Fanáticos”:

“A situação dos pobres no campo no fim do século e mesmo em pleno século XX não se diferenciava daquela de 1856. Era mais do que natural, era legítimo, que esses homens sem terra, sem bens, sem direitos, sem garantias, buscassem uma ‘saída’ nos grupos de cangaceiros, nas seitas dos fanáticos,

---

<sup>1</sup> Do livro “O Seminário da Prainha”, BNB, 1982, pg. 15-18.

em torno dos beatos e conselheiros, sonhando a conquista de uma vida melhor”.

Certamente que, por isso e por mais, a presença do padre gerava confiança no povo. Muitos padres foram encarados como mitos, alvos de fanatismo por força das necessidades de um povo sedento de milagres... de alguma coisa capaz de mudar os rumos do seu destino indefinido. Surgiu um Cícero fazendo do Cariri o quartel contra a opressão dos poderosos, tal como antes havia surgido o padre Ibiapina, fazendo do seu verbo a força que depunha as armas dos valentões na fogueira da reconciliação. Este povo que queria milagres e queria uma “saída”, passou depois a querer a superação da sua pobreza, exigindo dos Vigários mais do que a evangelização. Pedia também a construção de obras que criassem a riqueza coletiva.

Era uma humanidade oprimida, querendo se descobrir na sua dignidade de gente.

O Seminário da Prainha foi, nesta hora da História, o ponto de irradiação da “arrancada” do Ceará. Vemo-lo distante, no tempo; no passado foi distante também, no espaço, porque Fortaleza pequena fechava seus horizontes nos contornos do Forte de Nossa Senhora da Assunção.

Não vai muito longe – só para um exemplo - a reação do povo porque se pretendiam reparos na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, inaugurada em 1906. “Por que gastar numa igreja do sertão?”, comentavam os críticos mais exigentes. Mozart Soriano Aderaldo assinala em sua “História Abreviada de Fortaleza” o seguinte:

“Para que tenhamos uma ideia de distância entre a futura Praça do Ferreira e o centro da acanhada Capital do meado do século XIX lembremos que, no local onde hoje se instala a Caixa Econômica Federal (esquina sudeste das ruas Floriano Peixoto e Coronel Guilherme Rocha) fez-se funcionar em modesto prédio então ali existente, uma sala de aula, mas os habitantes da cidade protestaram junto às autoridades pela escolha do lugar tão ermo para o ensino das crianças”.

João Brígido em seu livro “A Fortaleza de 1810”:

“Na enseada em que se acha atualmente a povoação chamada de Mucuripe, encontra-se uma única habitação com a porta no oitão e duas pequenas janelas na frente.

A praia era despovoada daí por diante na direção da Vila, apenas se encontrando, na barranca ao norte, antes de confrontar com o arrecife, seis casas de palha em alinhamento e três outras dispersas na baixa.

Dava-se a esta região o nome de Prainha.

Formavam, à vista do mar, desde a ponta do Mucuripe, casas pequenas e choupanas na praia e sobre as dunas, em numero total de 37, sendo a última o pequeno paiol de pólvora, na extremidade norte do local hoje ocupado por um ângulo do Passeio Público.

O ribeiro do Pajeú dividia em duas zonas distintas as terras imediatas à Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção; na margem direita, o planalto conhecido por Oiteiro da Prainha, ao lado oposto, terrenos ligeiramente acidentados, onde se acha agora a máxima parte da cidade.

Houve um tempo em que se supôs que a cidade tendia a dilatar-se no planalto do Oiteiro, sítio aprazível, com uma vista esplêndida sobre o oceano, bafejado de uma brisa constante”.

Era assim Fortaleza na primeira década do século passado. Esta retrospectiva da Prainha afigura-se necessária para se ter um ideia melhor do que representou a iniciativa de ali se instalar o Seminário Diocesano.

Antes, porém, não era esse o lugar preferido.

Em seu livro “História Eclesiástica do Ceará” (Imprensa Oficial, 1980) o historiador Geraldo Nobre afirma que se cogitara de lugar mais distante:

“Foi em 1724, por conseguinte, que os jesuítas abriram o colégio, não na povoação do Forte, onde haviam estado algum tempo, mas a certa distância, talvez nas proximidades da aldeia Paupina, depois Vila Mecejana, pois é certo que nesse local a Companhia de Jesus possuiu um Seminário, em 1830” (Página 213).

Edgard de Alencar, por seu turno, querendo deixar subsídios para a História, escreveu no **O Povo**, edição de 3 de abril de 1929 o relatório da Comissão Especial que tratou do assunto e levado ao Conselho Geral da Província a 25 de janeiro de 1830:

*“A Comissão Especial encarregada de redigir as propostas contidas na fala do Exmo. Sr. Presidente da Província, em que lembra a criação de um Seminário à imitação do de Olinda, de Pernambuco, para que hajam ao menos as cadeiras de Gramática Latina, Francês, Retórica, Filosofia e Geometria, a fim de que a mocidade da Província possa sair do estado de ignorância em que se acha, é a Comissão de Parecer que se leve à Assembléia uma representação com os fundamentos exarados nos artigos seguintes:*

*Art. 1º - Criar-se-á um Seminário na Vila de Aquiraz, distante desta cidade seis léguas, com as cadeiras acima mencionadas, havendo para isso quatro mestres pagos pela Fazenda Pública com os ordenados que forem compatíveis aos seus trabalhos, anexando-se a um dos mestres o ensino de Francês.*

*Art. 2º - A criação do Seminário deverá ser à custa das rendas públicas da Província e que seja construído junto á Igreja chamada – Colégio dos Extintos Jesuítas – erecta na mesma Vila que deverá ser reparada pelas mesmas rendas públicas, servindo o sítio anexo ao mencionado Colégio para recreio dos mestres e estudantes, visto pertencer à Nação, pedindo-se igualmente as alfaias de prata que se acham recolhidas no Tesouro desta Província, as quais foram levadas do mesmo Colégio.*

*Art. 3º - Devendo de necessidade serem suprimidas as Vilas Índios Mecejana, Arronche e Soure não só pela falta de população e de pessoas que ocupem os cargos de Governança, como para livrar aos índios da opressão que sofrem dos diretores que abusivamente são os que mais se utilizam dos seus braços para aumento de suas lavouras, vivendo pelo Diretório sujeitos ao capricho dos ditos Diretores, quando aliás devem ser considerados como qualquer outro cidadão, é pois a Comissão de Parecer que suprimidas ditas Vilas fiquem os patrimônios destas Câmaras, e mesmo as datas das terras aos índios mencionadas Vilas, inclusive as de Maranguape para o patrimônio do novo Seminário a fim de que com esses rendimentos se possa para o futuro construir edifícios necessários. Casa do Conselho Geral da Província, 25 de janeiro de 1830. João Facundo de Castro Menezes, Relator. Miguel Antonio da Rocha Lima e padre Antonio de Castro e Silva”.*

Não se consumou, porém, este intento.

A Prainha, mais tarde denominada “Bairro Santos Dumont” (O Povo, 2 de janeiro de 1929), haveria de sediar, 30 anos depois, o Seminário de que tanto o Ceará carecia.

*\*Francisco Lima*  
Ex-aluno do Seminário da Prainha

## SESQUICENTENÁRIO DO SEMINÁRIO DA PRAINHA, 1864-2014

*Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá\**



A vida é uma indagação contínua e a própria configuração do ser humano, com o passar dos anos, se expressa como revelação de uma insistente indagação; toda pessoa é uma indagação ambulante e não é à-toa que, no curso da nossa biogenética, nos curvamos ao passar dos anos, quando a maneira pesada de andar, com o pescoço curvo, seja de forma acentuada ou de modo discreto, a muitos incomoda e cada um de nós se afigura como a representação de uma constante revelação, da nossa fragilidade existencial, pois somos indagações ambulantes, conscientes ou inconscientes, em contínua busca de soluções aos insolúveis dilemas que nos rodeiam.

A procura de salvação não se afigura exclusivamente como uma revelação da identidade de determinada crença religiosa, igreja ou religião, ou de um certo país ou sistema, mas permanece estampada, no palco da história universal, como a semente fecunda de todo o conhecimento do processo histórico, sem fronteiras, na busca da almejada realização humana.

A sua configuração revela-se em forma indagável e o “continuum” da história não é explicado apenas no Livro dos Livros, a Bíblia, mas permanece em debate ao longo da história, e seja qual for o período ou século evocado, seja qual for a cultura reverenciada, sempre fulgura uma indagação. Somos indagações contínuas, repito, cercadas de múltiplas questões, na tentativa de compreender o curso histórico no qual estamos inseridos.

No peso das indagações que me acompanharam, ao longo dos anos vividos, uma delas perdurou de forma constante e dizia respeito exatamente ao histórico do Seminário da Prainha na história da minha vida e dos que comigo viveram: o que representou, nos anos de 1960, o meu internato, dos 11 aos 17 anos e dos demais colegas da Prainha? O período de nossa formação era assim constituído: seis anos do chamado "Seminário Menor" e mais cinco do "Seminário Maior", dedicados à formação filosófica e teológica de "muitos convidados e poucos escolhidos", como nos transmitia a tradição eclesial.

A primeira vontade de escrever sobre o Seminário se manifestou, logo após a minha saída, dessa instituição, em 1963, ao término da quarta série ginasial, que coincidia com a saída dos Padres Lazaristas, da direção da Prainha, precisamente um ano antes de completar "o centenário da Prainha," cem anos de dedicação da referida ordem religiosa à formação do clero da Arquidiocese de Fortaleza e de outras dioceses e de outros Estados.

Um detalhe complementar, sai em atendimento a recomendação do Reitor Lazarista, que não me via como alguém apto a seguir a carreira eclesial, modelada no sentido da manutenção de uma obediência contínua aos seus superiores.

Nada de condenável havia praticado, mas a minha insistência em fazer coro às críticas constantes ao rigor disciplinar dos lazaristas e à severa vigilância, que nos era direcionada, revela o estado de inquietação reinante entre os internos da Prainha daqueles dias. Um detalhe: voltei em seguida, quando o então Pe. Gerardo Ponte, futuro Bispo, vigário da paróquia de Fátima/ 13 de Maio/ me chamou, mais dois anos depois decidi sair.

A saída dos padres lazaristas, da direção da Prainha, em 1963, um ano antes da comemoração do centenário da respeitada instituição nos deixou cercados de indagações, sempre levantadas, mas nunca respondidas a contento: por que os lazaristas deixaram a direção do Seminário? Foi apenas em decorrência da insatisfação dos internos ou de algum caso contra "a moral e os bons costumes" ou teria sido, sobretudo, uma decisão do polêmico Arcebispo de Fortaleza, Dom José de Medeiros Delgado, louvado pelos que com ele trabalharam, como seus assessores imediatos ou mesmo pelos seminaristas que o conheceram de perto, mas criticado, pelos que o acompanharam, indiretamente, ao longo de sua estada como Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, seja, por seminaristas, oriundos de

outras dioceses, seja pela opinião de alguns padres que com ele conviveram, como os próprios padres lazaristas.

A respeito da polêmica presença de Dom Delgado, na Arquidiocese de Fortaleza, no período em que o Concílio Vaticano II despontava, (1962 - 1965) como uma renovação eclesial, com os prós e os contra sua atuação, além da monografia do Prof. José Fernandes Brandão, ao término do Curso de Especialização em Ciência da Religião, cursado em 1999, em defesa e reverência a Dom José de Medeiros Delgado, merece destaque a dissertação de mestrado [UFC] do historiador Márcio de Souza Porto, intitulada “Dom Delgado na Igreja do seu tempo [1963 1969]”.

O autor analisa a ação social de *Dom Delgado*, que se apoiava nas decisões do Concílio Vaticano II, destacando o seu envolvimento com a pastoral adotada, em prol do “*aggiornamento*” (atualização) da igreja, seguindo a trilha alimentada por Dom Helder Câmara, no Recife e Dom Antônio Fragozo, na Diocese de Crateús, aqui no Ceará. Fica explícito naquela dissertação, o fato de que Dom Delgado não pode ser definido como um membro da chamada esquerda católica, tampouco ser havido como aliado da chamada facção da direita da igreja católica dos anos 1960.

O curioso é que a mudança registrada, na história do Seminário, com a saída dos lazaristas, substituídos em sua direção pelos padres seculares, provenientes da Arquidiocese de Fortaleza e das demais Dioceses do Estado, integrantes do quadro docente do Seminário intitulado Regional, sacerdotes vindos de Sobral, Crato, Limoeiro do Norte e de outros estados foi mais passageira do que alvissareira, pois, em menos de cinco anos, uma nova crise se manifestou, na Prainha, ou melhor, o velho estado crítico ressurgiu, demonstrando que a questão básica não se restringia ao tipo direcional da consagrada instituição, mas ao modelo de formação adotado, que já não atendia o turbulento cenário da época.

Sobre o “porquê” da crise vivida pelo Seminário, em dois momentos de uma mesma década, com os lazaristas e sem os lazaristas, sem menosprezar as explicações expressas pelos mais de cinquenta entrevistados, envolvendo um arcebispo, três bispos, alguns padres lazaristas, como dois ex-reitores, dom Vicente Zico e Padre Agatão, e um professor, diretor espiritual, professor de português, o estimado Padre Gomes, lembrando que uma parte dos docentes era constituída por padres seculares e mesmo por ex-seminaristas, quando da instalação do Seminário regional.

Sobre essa época, destaco dois reveladores depoimentos: o primeiro é do Padre Osvaldo Carneiro Chaves, o consagrado e louvado professor de português, do Seminário de Sobral:

*Sobre a saída dos padres lazaristas da direção da Prainha, no meu entender não foram os lazaristas que saíram, foi um barco que afundou. Não foi o rato que saiu do navio, foi o barco que afundou. O seminário se acabou. Foi uma encruzilhada do Vaticano, uma encruzilhada histórica. Eu acho que foi o barco do Seminário que naufragou, porque fechou o nosso seminário, aqui, em Sobral, fechou o da Prainha, aqui foi em 1967. Ninguém sabia onde colocar os seminaristas. O reitor do Seminário inventou de colocá-los no Colégio Sobralense, que é diocesano: os seminaristas vão para lá, são estudiosos, acabam convencendo os outros para serem seminaristas também, para entrarem no Seminário, o que não aconteceu. Não por deficiência dos seminaristas, mas por causa do contexto histórico. O Concílio de Trento já acabara. Era uma madrugada.*

A segunda explicação nos foi apresentada pelo Monsenhor João Olímpio Castello Branco, da Diocese de Limoeiro do Norte, que passou apenas quatro anos na Prainha, pois foi cursar Teologia em Roma. Segundo ele,

*Você imagina o mar revolto, você conduzir uma barca num mar revolto, não é qualquer timoneiro que conduz. Então, a coisa estava efervescendo, esse vírus, se e que a gente pode chamar assim, esse desejo de liberdade. É proibido proibir, estava escrito lá em Paris. É proibido proibir. Trabalhe para viver, não viva para trabalhar. Então isso pegou dentro da igreja, dos seminaristas. Crise de autoridade, crise de obediência e os padres não estavam preparados e então não souberam enfrentar[...].*

O livro, de minha autoria - "*Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva*" - é o resultado do meu estágio de pesquisa de pós-doutorado, cursado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, sob a supervisão da Professora Dra. Sandra Jatáhy Pesavento, que já partiu dessa vida e a quem apresento uma dedicatória especial, evocando o poeta Carlos Drummond de Andrade, para quem "a morte é algo perfeitamente natural desde que não aconteça com aqueles que nos são caros."

O livro está dividido em tópicos temáticos, que não intitulei capítulos, envolvendo desde "O Seminário da Prainha na micro história urbana e sua memória," - dedicado à memória social de Fortaleza, expressa pela Literatura, por via das produções literárias, *A Normalista*, de Adolfo Caminha e *Aldeota*, outra obra de destaque, da literatura cearense, do romancista Jader de Carvalho, reveladores do cotidiano de Fortaleza, na segunda metade do século XX, e da Fortaleza do pós-segunda-guerra, com seus contrastes sociais, sempre ocorrentes ao longo da sua história.

Também recorri ao que denominei de “resquícios da memória individual”, ou seja, memória da Prainha na “individualização”, além de algumas memórias individuais, reveladoras de uma memória coletiva, composta pelos depoimentos de Dom Vicente Zico, um dos últimos reitores da Prainha, Arcebispo Benemérito de Belém do Pará, Padre Sebastião Agatão Dias, último reitor lazarista da Prainha, e o Padre Antonio Gomes Pereira, outro lazarista benquisto e lembrado pelos depoentes, além dos cearenses Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte, Professor Alberto Barbosa Viana, Monsenhor Dermival de Andrade Gondim, Padre Osvaldo Carneiro Chaves, Padre Gotardo Thomaz de Lemos, Padre Francisco Alves Teixeira, Professor Raimundo de Assis Holanda, Modesto Siebra Coelho, Roberto Caminha Cavalcante e o Professor Paulo Cartaxo Andriola. No total, foram 51 entrevistas, das quais as 13, aqui indicadas reproduzi na íntegra, não em virtude de uma simpatia especial, para com os entrevistados, mas pelo caráter representativo de cada uma delas.

O critério de escolha desses depoimentos, que denomino integrais, deveu-se ao significado revelador de cada uma dessas experiências, como, por exemplo, a do Padre Teixeira, que deixou a vida eclesiástica, casou-se e, após ficar viúvo, voltou ao sacerdócio.

Outra foi a dos meus amigos, “quase irmãos,” Modesto Siebra Coelho e Raimundo de Assis Holanda, ou ainda do Professor Paulo Cartaxo Andriola, oriundo da Diocese de Cajazeiras-PB, mas que cursou um ano no Seminário de Olinda, além da sua estada na Prainha, nos anos da crise.

As outras valiosas revelações, extraídas dos depoimentos dos demais entrevistados, envolvendo os residentes nas cidades de Fortaleza, Limoeiro do Norte, Crato, Sobral, João Pessoa, São Luiz, Teresina e Belém do Pará me fizeram compreender o significado de cada uma das experiências aqui vividas e ali rememoradas, não como se costuma generalizar na classificação das entrevistas, como um “resgate”, pois nada se resgata, na história, mas se rememora e se reconstrói o passado, no presente e com os olhos do presente, partindo das revelações, dos entrevistados, fornecidas não apenas pelo nosso modo racional de pensar, mas como uma demonstração da força reveladora do inconsciente coletivo.

Cada uma das entrevistas é um livro aberto acerca do papel do velho Seminário da Prainha, o que denominei como uma outra Fortaleza, fortalecida pela fé na busca da remissão dos pecados de uma desfortalecida Fortaleza, capital do Estado do Ceará.

Tais depoimentos conduzem ao que denominei “representação do imaginário sacralizado e os contrastes redimidos”, além de focalizar “o peso do celibato e o ideal de sua sublimação”, sem esquecer “a crise nos anos sessenta do Seminário da Prainha”, antes das considerações finais.

São 507 páginas moldadas espontaneamente, sem dificuldade em redigi-las, ou melhor, digitá-las, na revelação de um curso espontâneo da narrativa, pensada e confrontada, na busca de uma compreensão do curso de um processo de “longa duração”, que reconheço como o “*continuum*” da história, em dois tempos significativos, repensando as condições de formação religiosa, na segunda metade do século XIX, quando o racionalismo expresso no ímpeto positivista almejava destronar a Igreja Católica do seu papel de *Mater et Magistra*, naqueles dias e a outra Prainha, mais recente, às vésperas do Concílio Vaticano II.

Ao longo do citado trabalho, o tempo histórico da Prainha fluiu de forma espontânea e reveladora, embora um capítulo do livro tenha sido escrito, como frisei, logo após a minha saída da Prainha, em 1966. São rabiscos rebuscados e reveladores do meu inconsciente, que se associam ao inconsciente coletivo, na formação da nossa memória acerca do Seminário da Prainha.

Vamos ao século XIX ouvir uma narrativa sobre a cidade de Fortaleza, feita por Antonio Bezerra de Menezes, que tomou posse no Instituto do Ceará, em 1841 e faleceu em 1921

*Situado no bairro Outeiro da Prainha, ao lado leste da cidade, por sua posição sobre a colina, a poucos passos da praia, se apresenta alteroso e imponente a quem o vê do mar com a sua espaçosa frontaria de 24 janelas, tendo ainda à esquerda a linda capela de Nossa Senhora da Conceição.*

A ânsia de penetrar o labirinto da chamada “Ego-história” acompanhou-me ao longo da experiência existencial, mesmo antes de que essa opção metodológica fosse inserida na produção acadêmica. Se esse desafio persistiu, ao longo de mais de meio século existencial, por outro lado sempre o senti barrado, pois a sua representação se me afigurava de uma forma desestimulante.

Graças, porém, à descoberta do alcance da “história oral” e às revelações dos encontros da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), as fronteiras entre história e memória, no lugar de constituírem uma barreira, afloravam como representações que possibilitavam aproximar o que parecia impossível. É como se fossem duas fontes, em posições

paralelas, mas com traços comuns, simbolizados por uma água cristalina, fluida. Foi a leitura de *Memórias, Sonhos e Reflexões*, de Jung, entretanto, que me fez descobrir as dimensões do inconsciente. Nas palavras desse Mestre,

*Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou. Tudo o que nela repousa aspira a tornar-se acontecimento, e a personalidade, por seu lado, quer evoluir a partir de suas condições inconscientes experimentar-se como totalidade. A fim de descrever esse desenvolvimento, tal como se processou em mim, não posso servir-me da linguagem, científica, não posso experimentar como um problema científico.*

O pesado conceito do que se concebia como científico explica o dilema de Jung em aproximar o seu mundo interior do crivo acadêmico de sua época, panorama bem diferente dos dias atuais, onde o “não dito” e a “desconstrução” expressam a ânsia de romper com verdades anteriormente consagradas.

Alegoricamente ou como uma transubstanciação, nós mesmos, com o passar dos anos, quando percebemos que “a existência é rápida e falaz”, na expressão comovente do Pe. Antônio Tomás, passamos a perceber o presente não apenas como um estádio diferenciado do passado, mas como um curso normal, ao longo história, na busca de um amanhã, quer queiramos ou não, estejamos em um estádio otimista, contagiante, ou atormentado pela incerteza de um amanhã ameaçador, temendo o “dies irae, dies irae, calamitatis et miseriae, dies magna et amare valde”. [Dia de ira, aquele dia de calamidade e de miséria, grande dia, cheio de amarguras”].

Ao longo da minha formação, incluindo a própria conclusão no Ensino Superior, a divisão do tempo nos foi transmitida como se houvesse uma separação total, entre o passado, que já teria morrido, e o presente, cercado de indagações, com a esperança de um futuro melhor ou um amanhã temerário. É como se fossem três ilhas, representativas das nossas existências, mas a vida é formada por um arquipélago conectado, onde os laços de ternura ou de rupturas nos associam.

A melhor explicação do tempo nos foi transmitida por Santo Agostinho, conforme nos demonstra o filósofo Paul Ricoeur, um protestante, revelador do “Deus sem Nome”:

*Lembramo-nos das declarações estrondosas do autor das Confissões: existem três presentes, o presente do passado, que é a memória, o presente do futuro, que é a expectativa, o presente do presente, que é a intuição (ou atenção). Esse triplo presente é o princípio organizador da temporalidade; nele se declara a deiscência*

*Íntima denominada por Santo Agostinho de distentio animi, que faz do tempo humano a réplica deficiente da eternidade divina, esse eterno presente.*

Por isso, as nossas recordações representam uma revelação, consciente ou inconsciente, de um passado distante ou imediato, dependendo da lembrança evocada ou da experiência rememorada.

Dois momentos decisivos da história da Prainha, 1864 e 1963, são abordados na minha pesquisa do pós-doutorado mas, neste momento, tenciono incluir a terceira divisão temporal, a da Prainha de hoje, 2014, o ontem, o depois e o aqui e agora.

O meu interesse inicial em relatar a vida limitada pelas simbólicas muralhas que cercavam uma Velha Fortaleza, de identidade religiosa, ante uma Fortaleza, ontem remodelada, quando da urbanização dos centros civilizados, sob a tutela financeira da Inglaterra e na adoção de um arremedo do modelo social da França, na segunda metade do século XIX, até uma Fortaleza cada vez mais desfortalecida, a melhor definição da Fortaleza nos dias atuais, onde o peso das notícias sempre retratado com o vermelho do sangue derramado em distintos espaços sociais, cada vez mais inseguros, material e espiritualmente a todos preocupa.

Os dois períodos históricos, analisados em minha pesquisa, representados pela instalação do Seminário, em 1864, pelos Padres lazaristas, como um testemunho do processo de romanização *versus* o impetuoso desafio da racionalização do século XIX e a turbulência da crise vivida no início dos anos sessenta, do século imediatamente passado, até o fechamento temporário dessa instituição, com a saída dos lazaristas e mais incisiva com a decisão tomada pelos padres seculares e pelo Arcebispo Metropolitano, de “fechar” o Seminário, em 1966, constituem os dois cortes cronológicos por mim elencados, na revelação do processo de uma história de longa duração, maneira de definir a divisão temporal defendida pelo consagrado historiador Fernand Braudel.

Ao ser convidado para esta palestra, comemorativa do Sesqui-centenário da Prainha, diviso outro corte cronológico, outro desafio, a Prainha nos dias atuais. Afinal, a relação entre o ontem, o hoje e o amanhã, constituem a meta primordial da história, apesar da velha e vesga visão da ruptura entre os três tempos históricos como se o presente fosse a completa negação do passado.

Repito que o “*continuum*” da história nos remete ao amanhã, em decorrência do hoje e do ontem vivido e sofrido, negado ou relegado, mas presente como se fosse a força da luz solar no nosso curso existencial.

Refiro-me ao papel do Seminário, como expressão das perspectivas doutrinárias e pastorais apresentadas pela Igreja Católica e, para tanto, é bom abrir os olhos e os ouvidos ao mundo laico, campo a ser semeado e cultivado, de acordo com os preceitos evangélicos.

Sobre o papel da religião nos dias atuais, prendeu-me uma reportagem publicada por uma Revista, sob o título “A Nova Cruzada” e assim é iniciada a matéria:

*“É a vontade de Deus”, clamou o papa à multidão. Seu grito foi saudado com empolgação e rapidamente se espalhou por todo o mundo católico. A Igreja estava em crise, rachada, acuada pela expansão do Islã. Estamos em Clermont, na França, o ano é 1095, e Urbano II convocava os clérigos e nobres a iniciar a retomada da Terra Santa, conquistada por árabes no século 7. Prometendo indulgência plena (perdão de todos os pecados) para quem partisse para Jerusalém, Urbano II iniciou a Primeira Cruzada da Igreja Católica.*

E hoje?

“O Senhor continua precisando de vocês, jovens, para a sua igreja... Não sejam covardes. Saiam às ruas como fez Jesus”, diz o papa, desta vez, o papa é Francisco e o ano 2013. Diante dele 3 milhões de pessoas que fizeram vigília em Copacabana. Outros milhões o assistiram pela televisão ou pela internet.

Novamente a igreja está em crise. Depois de anunciar indulgência pela remissão a todos que o acompanhassem - mesmo que pelo Twitter -, Francisco convocou os seus soldados na última jornada Mundial da Juventude do Rio de Janeiro e, mais recentemente, pediu aos fiéis da Igreja que não sejam “cristãos de vitrine” e trabalhem pela paz.

É o início da Nova Cruzada: “os números são claros: a igreja está em declínio. O catolicismo perde influência na Europa e só cresce nas periferias do planeta. Não é à toa que o Vaticano foi buscar seu papa “no fim do mundo”.

Observemos o peso dos dados apresentados numa pesquisa, “embora abrigue a sede da igreja, a Europa deixou de ter o maior número de católicos, sendo superada pela América Latina. E o declínio continua com a secularização e a imigração. Em 1910, 65% dos católicos eram europeus e, em 2010, são 44%”.

O continente onde a Igreja mais cresce é na África, onde a igreja mantém 55 mil escolas, várias gratuitas, 20 universidades e 16 mil centros médicos e hospitais. E a maior população católica do mundo - a da América Latina - está em declínio, por causa da competição com os evangélicos.

Enquanto isso a igreja norte-americana luta contra escândalos sexuais e o Brasil se orgulha de ser considerado o maior país católico do planeta.

O declínio do catolicismo é assustador - maior do que em qualquer outro país. Em 1950, 95,7% dos brasileiros eram católicos, hoje são só 57%. Ainda assim é a maior população católica do mundo. Mas não nos esqueçamos de que o Brasil é o país que mais perde católicos no mundo. Dos brasileiros, atualmente 28% são evangélicos. E, 1950 eram 3,4%.

Hoje há um livre mercado espiritual na região, onde empresas novas e agressivas vendem os Evangelhos com linguagem mais atraente e apoio social às comunidades, diz um professor de estudos religiosos da Universidade Estadual da Pensilvânia, nos Estados Unidos.

Para combater essa tendência, a cruzada do papa Francisco valoriza a renovação carismática - a resposta católica ao neopentecostalismo, a la Padre Marcelo Rossi.

“Nos anos 70, início dos 80, eu não podia nem vê-los”, admitiu o Papa Francisco, enquanto voltava do Rio para Roma. “Agora vejo que esse movimento faz muito bem à igreja”.

Ao ler, costumeiramente, o jornal o Povo de Fortaleza-CE, em um desses finais de semana, prendeu-me a atenção, no caderno Vida & Arte, deste jornal, o artigo do médico cearense, residente no Recife, Ronaldo Correia de Brito, conhecido, entre nós, como autor das obras literárias *Estive Lá fora*, *Retratos Imorais* e *Galileia*.

Sob o título “Na academia e na Igreja”, ele comenta o teor do discurso de posse do ex-Presidente Fernando Henrique Cardoso, na Academia Brasileira de Letras, ao destacar a importância dos rituais na vida do homem:

Num mundo secularizado, onde as festas são apenas datas nos calendários e os ciclos agrários desapareceram, os ritos que marcavam as estações e as idades das pessoas - infância, adolescência, juventude, maturidade, velhice - agora são determinados pelas engrenagens de produção e consumo. Quase ninguém guarda o sentido sagrado do Natal, Carnaval, São João, Corpus Christi, Assunção, Ressurreição, solstícios e equinócios. Nem lembra que essas festas de origem pagã obedeciam às quatro estações do ano, aos

plantios e às colheitas, aos movimentos dos astros no céu, e que o cristianismo após sobre elas as suas celebrações religiosas.

E o Dr. Ronaldo, no decorrer do artigo, acrescenta:

Até mesmo a religião católica afastou-se do sagrado. Algumas celebrações parecem mais aulas de ginástica, comandadas por um padre professor de educação física, de voz impostada e olhos falsamente virados para cima, que falam de Deus como se vendessem bolsas Louis Vuitton.

As igrejas velhas, construídas para os fieis sentirem no seu interior a presença de Deus, exercem

uma impressão de oprimente tristeza, pela atmosfera de museu turva e morta que exala: pela plenitude de seus passados exumados e faticosamente conservados, de que se nutre um presente mesquinho..." "Não apenas o canto gregoriano foi substituído pelo voz melíflua de padres cantores bregas, os próprios rituais se esvaziaram de sua essência: o sagrado. A igreja tornou-se social, pop, natural, um Shopping Center de Deus Mix.

E, no final do artigo, o autor foi mais taxativo:

O sagrado foi banido de nossas vidas, dos rituais católicos, das seitas evangélicas caça níqueis. Recentemente, fiz questão de assistir algumas missas, de percorrer igrejas superlotadas e impressionei-me com o número de pessoas que comparecem a esses encontros sociais, comandados por padres de discursos incoerentes, sem força de convencimento, como se neles mesmos, os padres, faltasse crença no que afirmam e prometem. Os sermões não tocam em questões transcendentais nem se adéquam às questões modernas. São discursos técnicos, burocráticos, de um hermetismo sem poesia e sem iluminação.

Não tomo tais afirmações como minhas, mas as respeito e nelas percebo a cobrança que os leigos fazem, ao nos advertirem de que o avanço dos dias atuais, em busca do amanhã compensador, na tônica da maldita definição de pós-modernidade, ou globalização agonizante, não pode ser compreendida nem definida, se, ilusoriamente, manifestar um desejo de romper com o passado, pedra fundamental do hoje, que não pode ser entendido como uma ruptura com o ontem, definido como algo velho, superado, descartável.

Preocupante e contraditória é a indicação da Igreja Católica, Apostólica Romana, no cenário internacional. Por isso, é bom não esquecer da sensível mensagem do apóstolo, ao afirmar:

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos Anjos, se não tiver caridade, seria como o bronze que soa ou como o sino que tine. Se tivesse o dom da profecia, conhecesse todos os mistérios e possuísse toda a ciência, e se tivesse toda fé, de modo a transportar montanhas, mas não tivesse a Caridade, não seria nada. E ainda que distribuísse todos os meus bens para mantimento dos pobres, e entregasse meu corpo para ser queimado, se não tivesse a Caridade, nada me aproveitaria. A caridade é paciente, é benigna; a caridade não é invejosa, não trata levianamente, não se ensoberbece, não é ambiciosa, não cuida [apenas] de seus interesses, não se irrita, não julga mal, não folga com a injustiça, porém, alegra-se com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre. (São Paulo, 1 Cor.13,1-13).

No mundo atual muito se fala, muito se propaga, mais ainda se divulga, mas as vozes voláteis se perdem na ânsia da autoafirmação, onde o Ego pesa mais forte do que o saber ouvir, saber atentar, menosprezando o valor do senso coletivo em escala inferior ao absurdo do egocentrismo consumista.

As costumeiras confissões, ao longo da história da Igreja Católica, já não mais são tão usuais, como nos velhos tempos, ou precisamente no século imediatamente passado. Os laços de solidariedade e fraternidade, revelados nos depoimentos dos entrevistados, na minha pesquisa, nos convencem da necessidade da busca de um coletivo do outrem e dos outros modos de ser e ser e perceber a realidade existencial, que não devemos menosprezar, nem colocar a reboque da mercantilização da vida atual, onde tudo se comercializa, tudo se vende, tudo perde o seu valor intrínseco.

As respostas às impostas indagações constantes do mundo que nos cerca constituem um desafio a todos que se dizem católicos, apostólicos, romanos.

Ao Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, aos demais bispos do Ceará, aos padres, seminaristas e leigos as indagações se multiplicam e, ao nosso redor, o peso dos pesares hodiernos constitui um desafio a todos nós. E o que a Igreja no Ceará tem a nos apresentar ante tal desafio? A Fortaleza simbólica e concreta, que é como denomino o Seminário da Prainha desmoronou ou se sente impotente de enfrentar a turbulência do novo século?

Voltemos à narrativa, afinal não sou historiador, sou apenas um professor de História que lhes apresenta o próprio depoimento, que está nos dois últimos parágrafos do meu livro:

Os laços de solidariedade e o respeito aos outros, desde que não maculem o potencial da “individação”, merecem ser preservados como legado valioso do velho casarão da Prainha. Se a caridade cada vez mais se descaracteriza nos dias atuais e a esperança pode ser diluída pela falta de perspectivas de melhorias, é preciso ter fé e caridade, que nos façam persistir na luta em prol do coletivo.

Afinal, conforme mais uma vez nos lembra Jung, o consagrado psicólogo,

*A aventura espiritual do nosso tempo consiste na entrega da consciência humana ao indeterminado e ao indeterminável, embora nos pareça - e não sem motivos - que o ilimitado também é regido por aquelas leis anímicas que o homem não imaginou, e cujo conhecimento adquiriu pela “gnose” no simbolismo do dogma cristão, e contra o qual só os tolos e imprudentes se rebelam; nunca, porém, os amantes da alma.*

À primeira vista, a afirmativa de Jung poderia ser considerada extemporânea, mas, para reforçar a argumentação da sua validade, é importante considerar o papel das Religiões nos dias atuais.

O comentário do nosso conhecido padre Manfredo Oliveira bem o define:

Os grandes analistas, mesmo aqueles que não têm fé nenhuma, voltam a insistir na importância fundamental das religiões na nossa sociedade e até advogam o papel que as religiões podem contribuir para ajudar no processo de humanização da vida. Eles dizem que as religiões têm uma longa tradição ética e que podem, se elas forem capazes de traduzir sua linguagem para uma linguagem secular, elas podem dar enormes contribuições na busca da construção de um mundo alternativo. As religiões para eles seriam uma enorme significação, sobretudo no nível da busca de princípios que possam orientar o ser humano no mundo.

É verdade que as minhas palavras são a expressão de uma experiência pessoal, de um ex-interno da Prainha, dos seus 11 aos 16 anos, mas que não podem ser excluídas de uma experiência coletiva, revelada pela memória dos entrevistados, afinal o individual e o coletivo se imbricam e se complementam, na busca da compreensão do processo histórico.

Os velhos dilemas e desafios, como o do celibato, devem ser encarados com transparência, como uma autêntica modalidade de opção individual, voltada ao desafio do social hodierno.

Nas palavras de Dom Pietro Pardin, indicado para Secretário do Estado do Vaticano, o celibato “não é um dogma da igreja e pode ser discutido porque é uma tradição eclesial”.

Vários dos depoentes criticaram a permanente exigência do celibato ou reconhecem a sua contradição embora outros o defendam como uma opção existencial.

Como demonstrativo dessas opções, enquanto um afirma “Olha, o celibato, na verdade, é um bem e é um bem pessoal. O negativo do celibato é que seja uma coisa imposta, sem o qual não se chega ao almejado”, outros dois se revelam como defensores espontâneos dessa discutida opção existencial.

Para o Padre João Firmino Cruz, da Diocese de Iguatu, “Se casar passa a ser uma cruz, para o homem e para a mulher, se você quer ser revolucionário, você não pode se casar. Para ser um revolucionário mesmo, você tem que estar livre. Essa foi a experiência de Jesus Cristo, que nunca impunha, mas apresentava a sua maneira de vida a quem o quisesse seguir...”.

E o Padre José Maria Cavalcante Costa, da Arquidiocese de Fortaleza, e ex-Prainha, reforçou esse depoimento, ao ressaltar que

o celibato hoje, em vez de apelar muito no sentido místico, de ser uma imagem, meu lugar vai ser do céu.... é o testemunho da pobreza, por conta do reino de Deus, que quero abraçar, numa radicalidade do Evangelho. Há um direito que me assiste para me casar, mas eu deixo tudo para me entregar totalmente, ser livre de uma forma total, sem um apego a nada. Eu vejo o celibato nessa linha, da pobreza.

Para o hoje agrônomo Tarcísio Holanda, ex-interno da Prainha

quando a gente se reunia com os vigários, eu passei a vivenciar, a ver o que era uma vida de vigário, de padre diocesano, então me apavorei. É um homem sozinho, isolado que se dispunha a ajudar todo mundo, e não recebia a ajuda de ninguém. Quando terminava de rezar, todas as famílias iam para suas casas e ele ficava sozinho, só ele e Deus, precisava ter muita fé mesmo, pois não tinha com quem conversar, a quem perguntar, nem para perguntar se as coisas estavam no lugar, nem quem fizesse um chá. Não tinha nada. Era um homem abandonado. Eu vi muito padre chorando por causa dessa solidão. Não era só o celibato, em si, mas o isolamento social e afetivo, porque se você tem um amigo, você fica afeiçoado ao amigo, com quem você conversa[...].

O peso da solidão, no cotidiano de um sacerdote, pode ser expresso em distintas maneiras de manifestar os sentimentos vividos.

Para o padre Giovanni Sabóia, foi o herege Voltaire que lhe deu uma definição de padre: “que nenhum Papa, nenhum santo, nenhum teólogo deu”. E acrescentou: “padre é uma classe que estuda junta, trabalha separado e morre abandonado.”

O Professor Gerardo Campos explicou, na sua entrevista, que o peso maior para a sua saída da vida sacerdotal “foi mais a solidão. O padre era muito só. Lembro-me muito bem dessa experiência. O padre era muito só.”

Retomando a minha narrativa: Imprescindível é não esquecer a mensagem do apóstolo Paulo, insisto em repetir, na necessidade de uma total doação, quando destacou: “se eu falar a língua dos anjos e dos homens, mas não tiver caridade, nada sou...”

O reconhecimento do valor de uma ação concreta, baseada na sinceridade, que rima com caridade, ecoa em distintos espaços, no vulgar e no incomum, no trágico e no hilário, afinal a mensagem do conhecido, mesmo após falecido, “professor Raimundo”, na sua escolinha, nos é valiosa: “palavras são palavras, nada mais do que palavras...” ou, lembrando a tradição latina, “*verba volant*”, só os exemplos atraem. Sem a caridade, nada se obtém na busca de uma coerência existencial.

No temido século XXI, a desfortalecida Fortaleza, que não mais parece ser a Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, mas uma insegura capital, descapitalizada espiritualmente, cada vez mais ferida pela força do capital, ela se encontra à espera de uma redenção, ansiosa por uma fortalecida e concreta proposta existencial, pastoral, baseada na caridade.

A resposta aos anseios contemporâneos e às indagações, não respondidas, é um desafio direto aos que compõem a Igreja católica, apostólica, romana e ainda acreditam “in unum Deum [em um só Deus]... et expectam “*ressurrectionem mortuorum et vitam venturi saeculi.*”[e esperam a ressurreição dos mortos e a vida que há de vir.” Amém...

## Referências Bibliográficas

BRANDÃO, José Ribamar Fernandes. *A Verdade Sobre Dom José de Medeiros Delgado, Arcebispo de Fortaleza*. Monografia/Universidade Estadual do Ceará. Curso de especialização em Ciência e Religião: o fenômeno religioso. Fortaleza, 1999.

CAMINHA, Adolfo. *A Normalista*. Fortaleza: ABC, 2005.

CARVALHO, Jader. de. *Aldeota*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2003. (Coleção Clássicos Cearenses). [1 ed., 1963].

GINZBURG, Carlo. *mitos, Emblemas, Sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

Jornal *O Povo*, 24 abr. 2011 e 15 set. 2013.

JUNG, Carl Gustav. *Memórias, sonhos, reflexões*. Org. e ed. de Aniela Jaffé. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e religião*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

MENEZES, Antonio Bezerra de. *A Descrição da Cidade de Fortaleza*. Introdução e notas de Raimundo Girão. Fortaleza: Edições UFC/Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1992.

PORTO, Márcio de Souza. *Dom Delgado na Igreja de Seu Tempo*. (1963-1969). Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Departamento de História, Programa de Pós-graduação em História, Mestrado em História Social. Fortaleza, 2007. Dissertação de Mestrado.

Religião, A Nova Cruzada in *Revista Super Interessante*, set. 2013, p.66 - 75.

RICOEUR, Paul. *A Memória, A História, O Esquecimento*. Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 2007.

*\*Prof. Dr. Gisafran Nazareno Mota Jucá*

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo. Professor Titular do Curso de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE)

## SEMINÁRIO DA PRAINHA 1864 - 1964

*Prof. Dr. Pe. Edilberto Cavalcante Reis\**



A escolha deste dístico como lema da **Faculdade Católica de Fortaleza** é muito mais do que um simples recurso de marketing cultural. Hoje é muito comum as instituições utilizarem frases de efeito de cunho cultural, histórico ou, mais recentemente ecológico, para fins de marketing. Em nosso caso não foi esta a ideia. Ao escolher este lema pretendemos chamar atenção para alguns aspectos da história desta casa e sua importância no contexto da história intelectual do Ceará e de Fortaleza. Aspectos estes, muitas vezes pouco ou nada valorizados pela intelectualidade local. Consultando a historiografia cearense, especialmente a mais contemporânea, podemos perceber, sem muito esforço, que o papel histórico do Seminário da Prainha ficou reduzido ao de “**grande centro de formação do clero ultramontano**”. Isto se deve em grande parte a influência que o positivismo e outras matrizes de pensamento eivadas de preconceitos anticatólicos tiveram sobre a construção do campo intelectual brasileiro depois da proclamação da República.

Ao acolher a criação da Faculdade Católica de Fortaleza o Seminário da Prainha parece realizar o antigo sonho da criação de uma instituição de ensino superior católica em Fortaleza. Mas não é a primeira vez que o seminário serve de referência para a criação de uma universidade em nosso Estado. Não podemos esquecer a ligação profunda que a UECE tem desde suas origens, com o velho seminário. Por exemplo: Alguém lembra o dia em que se comemora o aniversário de fundação da UECE? **18 de outubro de 1973**. Isto mesmo: o mesmo 18 de outubro, cento e nove anos depois! Mero acaso da sorte? Acredito muito pouco em “acaso da sorte”. Parece-me o desabrochar de mais um fruto da efervescência intelectual iniciada em nossa terra depois da criação do Seminário Provincial do Ceará.

A longa história de envolvimento do Seminário da Prainha com o desenvolvimento da elite intelectual cearense demandaria muito mais que os poucos minutos de que dispomos nesta solenidade. Por isso me deterei em um recorte histórico: o contexto da fundação do seminário e as primeiras décadas de sua existência. Nele podemos demonstrar com clareza o argumento que agora sustentamos: o Seminário da Prainha teve um papel de destaque como uma das matrizes de formação da intelectualidade cearense de meados do século XIX até hoje.

Em 1864, ano da criação do seminário, Fortaleza tinha pouco menos que 20 mil habitantes, que viviam espremidos no quadrilátero formado pelas atuais avenidas Duque de Caxias, do Imperador e D. Manuel e a praia. O seminário ficava em uma localização privilegiada e bem ao gosto dos sanitaristas que cuidavam de higienizar as capitais do Brasil a exemplo do que acontecia na Europa e nos EUA: no barlavento da cidade, no alto de uma falésia e olhando para o mar da praia do peixe. Longe de cemitérios, matadouros, do burburinho e da sujeira da cidade.

A Fortaleza de então contava somente com 04 escolas secundárias para rapazes: O Liceu do Ceará, o Ateneu Cearense, o Panteon Cearense e o Colégio Cearense (do Pe. Luiz Perdigão). Para moças havia o Colégio da Imaculada Conceição (irmão caçula do seminário e que ainda merece igualmente ser estudado), e o Colégio Cearense (da profa. Carolina de Aragão).

Nesse contexto o seminário passou a acolher jovens de todos os lugares da província (posteriormente também das províncias vizinhas!) que seriam educados dentro dos princípios da educação francesa. O Francês era a língua materna dos padres formadores e era falada com fluência por alguns professores, mas não só! Era também a língua dos livros e manuais de teologia utilizados. O afrancesamento não parava aí; estava por todos os lados. Na espiritualidade de S. Vicente de Paula, nas devoções inculcadas nos seminaristas, nos horários (que eram iguais aos dos seminários lazaristas da França e assim permaneceram até 1914!), no estilo de vida e no modo de compreender o mundo.

Seria puro acaso ou mero fruto da boa “molecagem” cearense o fato de que o primeiro grêmio de intelectuais nascido na capital, menos de uma década depois da fundação do seminário (1872 -75), tomou o nome de “academia francesa”? E o que dizer dos intelectuais formados no seminário ou à sombra dele? Não foram só carolas pouco esclarecidos ou padres fanáticos e fanatizadores, como gostariam os positivistas. O que dizer do

Barão de Studart que ao mesmo tempo em que organizava o Instituto Histórico do Ceará e o Centro Médico Cearense, organizava também as conferências vicentinas às quais coordenou por 30 anos?

Em uma sociedade que se tornava cada vez mais plural, o seminário formava parte importante dos intelectuais que disputavam a atenção do povo cearense nas últimas décadas do século XIX e primeiras do XX. Ao lado de maçons e positivistas, espíritas e protestantes, que usavam com maestria os jornais e organizavam conferências para a população, se perfilavam gerações e gerações de padres e leigos católicos formados no seminário ou segundo o seu espírito.

Quão longe e quão perto estamos deste contexto! Quantas lições as paredes deste velho seminário tem para dar a esta nova instituição que nasce em seu seio! A Faculdade Católica de Fortaleza nasce iluminada por quase 150 anos de história (de erros e acertos!); mas, em contrapartida, nasce também com a missão de guiar pela mão o Seminário da Prainha em sua entrada no século XXI. Fazer com que ele retome seu lugar na trama da história. Fazer com que deixe de ser “aquele casarão vizinho ao Dragão do Mar!” e possa a cooperar com a Igreja em sua sagrada missão de Mãe e Mestra da Verdade.

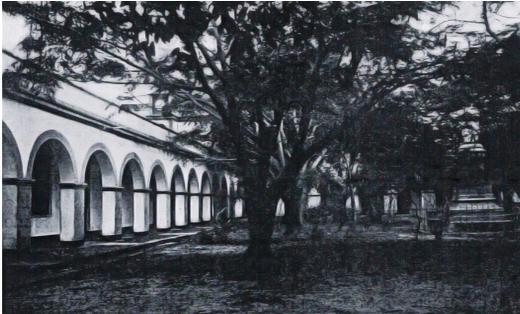
Muito obrigado.

*\*Prof. Dr. Pe. Edilberto Cavalcante Reis*

Doutor em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
Professor da Faculdade Católica de Fortaleza.

## SEMINÁRIO DA PRAINHA A PARTIR DE 1964

*Prof. Dr. Mons. Francisco Manfredo Thomaz Ramos\**



### Introdução

De perto vivenciei e participei, com vários graus de responsabilidade e, envolvimento, de grande parte do percurso desta vetusta instituição de ensino e formação, o Seminário da Prainha.

Congratulo-me, por isso, com a feliz iniciativa da atual equipe de direção Pe. Antonio Almir Magalhães de Oliveira, Diretor Geral, Pe. Francisco Evaristo Marcos, Diretor Acadêmico e Maria Aires Bastos Lino, Ecônoma, em comemorar esta efeméride dos 150 anos da fundação desta casa, precisamente através desta Semana Filosófico-Teológica que tem por tema “O Tempo em sua dimensão Histórica, Filosófica e Teológica”, dando, assim, azo a uma visão mais profunda e abrangente dos múltiplos significados desta hodierna celebração.

Como ponto de referência desta minha conferência sobre os anos logo após o encerramento das atividades do Seminário Provincial de Fortaleza, apresento o meu discurso proferido por ocasião da solene instalação da Faculdade Católica de Fortaleza, a 9 de fevereiro de 2010; sirvo-me dele para assinalar, devidamente, não só os marcos históricos dignos de nota destes anos, mas sobretudo a sua dimensão mais profunda.

Segue o texto do discurso.

“Na qualidade de Diretor Geral Interino desta recém-criada Faculdade Católica de Fortaleza, cabe-me a honra, em nome igualmente de meus co-Diretores, Pe. Edilberto Reis e Pe. Pietro Sartorel, de dirigir-vos, prezados Srs. e Sras., uma primeira palavra de abertura e saudação.

Dentro de quatro anos e oito meses, a 18 de outubro de 2014, estareis, se a Deus aprouver, comemorando solenemente, nesta mesma casa do Seminário da Prainha, o seu sesquicentenário de fundação. É, pois, com a alma cheia de júbilo e tomado da mais viva emoção que me congratulo em primeiro lugar e pessoalmente com V. Exa. Sr. Dom José Antonio Aparecido Tosi Marques, oitavo Bispo desta Arquidiocese de Fortaleza, e também com todos os seus fiéis, que vejo aqui tão bem representados por esta conspícua assembleia, pelo fato de que podeis prestar-vos para esta festa tendo diante dos olhos não mais somente o Seminário Episcopal do Ceará e suas sucessivas feições ao longo do tempo, com seu peso de tradições e êxitos, mas também e desde já a realidade promissora e desafiadora da nossa tão almejada Faculdade Católica de Fortaleza. Acabastes de ouvir a proclamação do texto solene e vibrante do Decreto do Sr. Arcebispo<sup>1</sup>, seguido da leitura da Portaria da Secretaria de Educação Superior, em seus termos formais e quase neutros. Nosso decreto de criação, canônica e civilmente promulgado e reconhecido, vem colimar um *desideratum* que foi concebido e proposto no momento mesmo em que D. José de Medeiros Delgado, então Arcebispo de Fortaleza, e os demais Bispos do Ceará, em novembro de 1966, fecharam o Seminário Provincial de Fortaleza. Ato contínuo, ressurgiu ele por força do Decreto 15 da Arquidiocese, de 2 de fevereiro de 1967, que fundava “o Instituto Superior de Cultura Religiosa (ISCRE) como sucessor do Seminário da Prainha, com finalidade de servir a todo o povo de Deus..., aberto aos candidatos ao

---

**<sup>1</sup>Decreto 004/2009 – D. José Antônio Tosi Marques:**

[...] No coração da Igreja Arquidiocesana de Fortaleza e sob as luzes do Magistério Universal: “É no contexto da procura abnegada da verdade que recebe luz e significado a relação entre fé e razão. «Intellige ut credas; crede ut intelligas»: este convite de Sto. Agostinho [Cf. S.TO. AGOSTINHO, Serm. 43,9: PL 38] vale também para as Universidades Católicas, chamadas a explorar corajosamente as riquezas da Revelação e as da natureza, para que o esforço conjunto da inteligência e da fé consinta aos homens alcançar a medida plena da sua humanidade, criada à imagem e semelhança de Deus, renovada de maneira mais admirável, depois do pecado, em Cristo, e chamada a resplandecer na luz do Espírito. A Universidade Católica, mediante o encontro que estabelece entre a riqueza insondável da mensagem salvífica do Evangelho e a pluralidade e imensidade dos campos do saber em que aquela se encarna, permite à Igreja instituir um diálogo de fecundidade incomparável com todos os homens de qualquer cultura.

Com efeito, o homem vive uma vida digna graças à cultura e, se encontra a sua plenitude em Cristo, não há dúvida que o Evangelho, atingindo-o e renovando-o em todas as suas dimensões, é também fecundo para a cultura, da qual o mesmo homem vive.” (Ex *Corde Ecclesiae*, 5-6).

Dado e passado nesta Cidade Metropolitana de Fortaleza e Câmara Arqueiepiscopal, aos 28 de agosto de 2009 – Memória Litúrgica de Santo Agostinho – Bispo e Doutor da Igreja.

sacerdócio, a religiosos e leigos” (Ibid). - São as novas auras sopradas pelo Concílio Vaticano II. – Este voto, em parte alcançado, a 19 de março de 1973, com a inauguração da Faculdade de Filosofia de Fortaleza (FAFIFOR) e a reabertura do Curso Maior Teológico do Seminário, veio no entanto a sofrer revezes. De fato, a primitiva unidade do Instituto foi rompida em janeiro de 1983, pela separação do curso dos leigos, com o nome de Instituto de Ciências Religiosas – ICRE - e do Curso Seminarístico, tornando-se este último, por determinação dos Srs. Bispos do Ceará, a 27 de fevereiro de 1985, no Instituto Teológico-Pastoral do Ceará (ITEP); um ulterior retrocesso se deu com o fechamento da FAFIFOR em 1988. Mas, com renovada esperança, o projeto inicial retorna, graças à nova LDB (Lei de Diretrizes e Bases), de 1996, quando a 22 de fevereiro de 2002 são credenciados pelo MEC os dois Institutos, o ITEP e o ICRE, e seus respectivos cursos de Teologia autorizados; os referidos cursos serão posteriormente reconhecidos, em 2006 e 2007. E agora finalmente, nesse Natal de 2009, o sonho de Dom Delgado concretiza-se plenamente pela aprovação oficial da nova Faculdade Católica de Fortaleza, com a consequente extinção dos dois Institutos. – Os limites do tempo de que disponho nesta alocução, não me permitem demorar-me em comentar essas etapas da evolução desta casa de educação, ao longo dos últimos 45 anos, dos quais tive o privilégio de ser testemunha permanente *de visu*, se excetuarmos os seis anos em que, por três ocasiões distintas, me ausentei do Brasil para ulteriores estudos. Desejo apenas destacar os pontos comuns de aproximação dos dizeres do Decreto 15, de Dom José Delgado, de 1967, com os termos do presente Decreto de Dom José Antonio, quais sejam:

- na inspiração primeira vinda do Vaticano II;
- na destinação da Instituição para formar os candidatos ao sacerdócio, bem como os demais agentes de pastoral, leigos e leigas;
- na inserção da mesma no “Plano de Pastoral de Conjunto”, do ano de 1966 ( - Dom José Antonio, por sua vez, chega mesmo a lançar mão da expressão: “No coração da Igreja Arquidiocesana de Fortaleza ...”-);
- ainda, na “eliminação da multiplicidade de órgãos de formação”;
- na abertura ao ecumenismo e ao diálogo com todos os homens de boa vontade.

Permiti-me transcrever apenas este texto final de Dom José Delgado, em seu documento: "...o Instituto Superior de Ciências Religiosas [...] contribuirá para que cresçamos em clima de unidade visível [...com os diversos projetos pastorais] e, crescendo unidos, possamos trabalhar em comum, o que importará em tornarmo-nos mais capazes de refletir a unidade da Igreja" (Ibid.).

Seria demasiado longo e sem dúvida descabido, neste momento, tentar explicitar a ligação e consonância destes dois decretos com os documentos – bem numerosos – do Magistério vivo da Igreja, seja os dos Pontífices seja os dos Bispos da América Latina, após o Concílio, tais como, sobretudo, para os Papas, a Encíclica *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, e as Constituições Apostólicas *Sapientia Christiana* e *Ex corde Ecclesiae*, de João Paulo II – que ele mesmo denomina, a esta última, de *magna charta* das Universidades Católicas e, por extensão, "de todas as Instituições Católicas de Ensino Superior" (Ibid. nn. 8 e 10) . Aliás, no Decreto de 28 de agosto, Dom José Antonio refere, como ouvimos, dois parágrafos centrais dessa Constituição (vd. nn. 5 e 6).

Quanto ao Magistério de nossos bispos, reunidos em Conferência Geral, valeria destacar o *Documento de Puebla* (cf. nn. 385 – 443; 1012 -1062), sempre atento aos "marginalizados e pobres", onde se pode sentir o respiro do então Presidente do Celam, Dom Aloísio Lorscheider; e também, há três anos, o *Documento de Aparecida* (nn. 328 – 346). Se quisermos, entre tantas referências possíveis, escolher uma delas, por assim dizer paradigmática, por explicitar a nota constitutiva, essencial, da Escola Católica Superior, poderíamos recorrer à pena de João Paulo II, que, na *Ex Corde Ecclesiae* , no seu estilo tão característico, circular e concêntrico - quase repetitivo - , nos afirma por exemplo, o seguinte:

Com efeito, o diálogo da Igreja com as culturas do nosso tempo é o setor vital, no qual 'se joga o destino da Igreja e do mundo neste final do século XX'. Não existe senão uma cultura: a do homem, que provém do homem e é para o homem. E a Igreja, perita em humanidade, segundo a expressão do meu predecessor Paulo VI na ONU, investiga, graças às suas Universidades Católicas e ao seu patrimônio humanístico e científico, os mistérios do homem e do mundo, esclarecendo-os à luz que a Revelação lhe dá (Ibid. n. 3).

Não gostaria, contudo, de encerrar este parágrafo, sem aduzir ao menos um texto do cabedal inapreciável do Magistério Extraordinário e Supremo da Igreja: trata-se da Declaração Conciliar *Gravissimum Educationis*, que no parágrafo dez conclama os alunos das Universidades e Faculdades Católicas a que: "[...]se formem de fato como homens de

grande saber, preparados para enfrentarem tarefas de maior responsabilidade na sociedade e para serem também no mundo testemunhas da fé.”

E ainda, no parágrafo seguinte, dirigindo-se em particular às Faculdades de Ciências Sagradas, lembra-lhes que:

a elas é que [a Igreja] confia a tarefa gravíssima de preparar os seus próprios filhos, não apenas para o Ministério Sacerdotal, mas principalmente, ou para ensinarem nas cátedras de estudos superiores eclesiais, ou para aprofundarem as matérias com sua contribuição pessoal, ou ainda para ocuparem os postos mais árduos do apostolado intelectual (Ibid. n. 11).

Fica, pois, aqui o convite e o desafio para aqueles que, dentre os nossos queridos alunos, leigos e clérigos, se sentirem dotados do carisma do ensino (cf. I Cor. 12, 38), sob o discernimento da Igreja : não malbarateis o vosso dom! Lembrai-vos apenas de que “se falarmos todas as línguas dos homens e dos anjos..., se possuírmos a ciência inteira..., mas não tivermos o amor..., nada somos!” (I Cor. 13, 1.2).

Concluo. Sem dúvida, de par com este *gaudium de veritate*, - tão caro a Santo Agostinho (cf. Conf. X, xxiii, 33), isto é, “a alegria de procurar a verdade, de descobri-la e de comunicá-la” (João Paulo II, ECE, n.1), - que agora experimento, há um outro sentimento que empolga o meu espírito: é o da gratidão! “Servo inútil, antes de tudo rendo glória a Deus, Pai das luzes e doador de todo bem, que “fez para nós este dia” de hoje – “exultemos e alegremo-nos nele!” (Sl. 117, 24).

Aos nossos Pastores, que “o Espírito Santo colocou para reger a sua Igreja” em Fortaleza, nestes novos tempos do Concílio Vaticano II, - a eles que solícitamente sempre nos orientaram, apoiaram e incentivaram no cumprimento das tarefas de que nos incumbiram, a mim e aos demais membros da equipe de direção, mormente nas etapas mais cruciais do longo caminho percorrido por esta casa -:

- a Dom José de Medeiros Delgado, o pioneiro, que teve a ousadia de dizer em seu Decreto de fundação do ISCRE: “Significará a meu ver um passo que poucas Dioceses do Brasil estão, como Fortaleza, em tempo de dar na Igreja de Jesus Cristo, nesta memorável hora do Concílio Vaticano II” (Ibid., Apêndice);
- a Dom Aloísio Lorscheider, de quem repito o breve necrológio que escrevi quando do seu passamento: Àquele que por vinte e dois anos, com coração paterno de bom pastor, conosco “caminhou no

amor” (Ef. 5, 2), - à nossa frente e ao lado de cada um de nós – aca-  
lentando sonhos, sofrendo revezes e celebrando vitórias, o preto  
de gratidão, saudade e intercessão na prece filial da Comunidade  
Acadêmica da Prainha,- a de então e a de hoje -”. (Guia Acadêmico  
do ITEP 2008);

- ao Cardeal Cláudio Hummes, o qual, em que pese o tempo breve em que permaneceu conosco, também sempre nos distinguiu com sua amizade e disponibilidade;
- e a Dom José Antonio Aparecido Tosi Marques, nosso Chanceler, que tomou a peito essa empreitada complexa e melindrosa da uni-  
ficação dos nossos Institutos e da instalação desta Academia e, com prudência e firmeza, lhe pôs cobro.
- Nosso reconhecimento, neste ponto, se faz também extensivo à  
pessoa veneranda de Dom Manuel Edmilson da Cruz que, desde os inícios do pastoreio de Dom Aloísio Lorscheider, tem estado sempre ao nosso lado, confortando-nos com sua solicitude e sabedoria. Igualmente reverenciamos as pessoas dos senhores Bispos titulares das Dioceses sufragâneas de Fortaleza que foram, por disposição estatutária, com o senhor Arcebispo “os últimos responsáveis” pelo destino do Instituto Teológico-Pastoral do Ceará, durante os vinte e cinco anos de sua existência.

Nossa Faculdade sente-se, além disso, penhorada aos Srs. Ex-Governadores Tasso Jereissati e Lúcio Gonçalo Alcântara, bem como ao atual Sr. Governador do Estado do Ceará, Cid Ferreira Gomes, por sua prestimosa atenção quando necessitamos de ajuda para a recuperação de duas alas de nosso edifício e, mais recentemente, no tocante à restauração da Igreja da Prainha e da fachada fronteira do prédio.

Em seguida, tenho presente na memória e mais ainda no afeto do coração a incontável teoria de quantos, nestas últimas décadas, operários da primeira e da undécima hora, grandes e pequenos, letrados ou humildes trabalhadores manuais, conhecidos ou quase anônimos, ombro a ombro construíram e vêm sustentando esta casa de formação da Prainha, no empenho diuturno de suas melhores energias, físicas, mentais e espirituais. Dada a impossibilidade de sequer tentar nomeá-los singularmente, não posso, contudo, me abster de declinar pelo menos o nome daqueles que se fizeram presentes à primeira conclamação de Dom Delgado na abertura do ISCRE, a 7 de abril de 1967: Paulo Eduardo Andrade Ponte, José Alberto

Montenegro Castelo, Luís Gonzaga Magalhães Uchoa, Antônio Sidra Rodrigues e Daniel Jouffe, que comigo formaram a primeira equipe de direção, completada por Oscar Peixoto Filho, como ecônomo; e os professores, que com estes integraram o primeiro corpo docente ordinário do Instituto, entre 1967 e 1969, a saber: Miguel Fenelon Câmara Filho, Tarcísio Santiago de Almeida, Antônio Soares Pinto (Suzenito), Jan ter Reggen, Norberto Gorrissen, André Haguette, Caetano de Tillesse e Agamenon Tavares. Quero, por fim, complementando esta lista, sinalizar, nestes últimos quarenta e três anos, desde o fechamento do Seminário Provincial de Fortaleza, em 1966, os demais professores que vieram a compor as equipes de direção, seja do ICRE, seja do ITEP, como também da FAFIFOR: Antonio Colaço Martins, Mariano Rocha Matos, Francisco de Assis Mendes Góes, Francisco Pinheiro Landim, Elisabeth Strümpfler, Antônio Carlos Machado, Leonardo Martin, Manfredo Araújo de Oliveira, Rogério Matos, Antônio Almir Magalhães, Jaefson Rodrigues, Pietro Sartorel, Emílio Castelo, Tânia Couto Maia, Celiomar Pinto de Lima, Marly Soares, Brendan Coleman, Carlos Alberto Silva, Paulo Ernando, José Paulo Hernández, Luciano Sampaio, Miguel Becker, Ribamar Brandão e Edilberto Reis. A estes nomes devo acrescentar os de Maria Estrela Araújo Fernandes e Rosa Nogueira, que nos ajudaram valiosamente nos últimos passos para a efetivação da Faculdade, a primeira com o Projeto Político Pedagógico que nos indica o rumo a seguir, e a última com sua assessoria junto ao MEC. Recebam todos eles o preito da imorredoura gratidão de nossa novel Faculdade.

Pondo um fecho às minhas palavras, elevo agora a mente à Senhora da Assunção, nossa Mãe, à proclamação de cujo dogma tive a ventura de assistir, mal chegado a Roma, pela primeira vez, aos 16 anos. A ela, a cada dia, desde então, tenho consagrado “meus estudos e atividades literárias”, e a ela, hoje, de público, mais uma vez, protesto, sem restrições, meu amor filial e Lhe digo o mais sentido obrigado!

Fortaleza, em 9 de fevereiro de 2010

Francisco Manfredo Thomáz Ramos”

*\* Prof. Dr. Mons. Francisco Manfredo Thomáz Ramos*

Doutor em Filosofia e Teologia pela Universidade Gregoriana – Roma

E Pós-Doutorado na mesma Universidade;

é, atualmente, professor ordinário da FCF liberado para pesquisas na sua área de competência.

---

## APÊNDICE



### FACULDADE CATÓLICA DE FORTALEZA

Arquidiocese de Fortaleza - C.N.P.J.: 07.471.600/0001-87

Rua Tenente Benévolo, 201 - Centro/60160-040 Cx. P. 295 - Fortaleza-Ceará-Brasil

Tel.:(85) 3453-2150 - www.catolicadefortaleza.edu.br - catolicafort@fortalnet.com.br

## ATA DA INSTALAÇÃO DA FACULDADE CATÓLICA DE FORTALEZA

Aos nove dias do mês de fevereiro de 2010, às 8 horas, no **Seminário da Prainha**, situado na Rua Tenente Benévolo, 201, Bairro Centro, em Fortaleza - Ceará, realizou-se a instalação da **Faculdade Católica de Fortaleza - FCF**. A cerimônia de Instalação foi realizada no auditório da sede com capacidade para duzentas e vinte e oito pessoas. Recebidos todos os convidados no auditório, o Prof. Dr. Pe. Francisco Evaristo Marcos, Coordenador do Curso de Teologia e cerimonialista deu início ao evento, cumprimentando, agradecendo a presença de todos e apresentando o roteiro do evento composto primeiro pelo Ato Acadêmico e em segundo com a Celebração da Santa Missa Votiva do Espírito Santo em ação de graças em agradecimento ao Senhor por tudo o que foi conquistado. Disse que esta data é histórica pela instalação oficial da querida Faculdade Católica de Fortaleza, que continua a missão desta augusta casa de Ensino Superior desde 1864, Seminário da Prainha. Com tais palavras iniciou a cerimônia, citando a criação Canônica pelo Decreto do Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano de Fortaleza Dom José Antonio Aparecido Tosi Marques, no dia 28 de agosto de 2009, Festa litúrgica de Santo Agostinho, e sancionada posteriormente pela Portaria numero 1746, do Diário Oficial da União, publicado no dia 24 de dezembro de 2009 do Ministério da Educação que ao mesmo tempo, declarou extintos o Instituto Teológico-Pastoral do Ceará – ITEP e o Instituto de Ciências Religiosas – ICRE. Em seguida convidou algumas autoridades para compor a mesa: primeiramente, Sua Exa. Revma. Dom José Antonio Aparecido Tosi Marques, Arcebispo Metropolitano de Fortaleza e Chanceler da Faculdade Católica de Fortaleza, presidente da solenidade, em seguida o Exmo. Professor Francisco José Pinheiro, Vice-Governador do Estado do Ceará, representando o Governador do Estado Cid Ferreira Gomes; a seguir o Revmo. Monsenhor Dr. Francisco Manfredo Thomaz Ramos - Diretor Geral da Faculdade Católica de Fortaleza; o Professor Dr. Pe. Edilberto Cavalcante Reis – Diretor Acadêmico; Professor Pe. Pietro Sartorel – Diretor Adminis-

trativo/Financeiro; a Professora Dra. Irmã Maria Celeste de Sousa – Coordenadora do Curso de Filosofia e o Professor Dr. Pe. Francisco Evaristo Marcos – Coordenador do Curso de Teologia que também é o cerimonialista do evento e o Professor Dr. Jan Gerard Joseph ter Reegen – Coordenador do Curso de Pós-Graduação. Pe. Evaristo registrou a presença do Deputado Teodoro Soares, amigo da Casa, do Prof. Antônio Colaço Martins – Reitor da Universidade do Vale do Acaraú, do Professor Sr. José Rosa – companheiro de todas as horas, Professor Luís Antonio Madeira Cunha - Diretor da Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza, do Professor Airton de Almeida Oliveira – Presidente do Sindicato dos Estabelecimentos Particulares de Ensino do Ceará, Deputado Artur Bruno – Presidente da Comissão de Educação, Cultura e Desporto, representando o Presidente da Assembléia Legislativa do Estado do Ceará, Deputado Domingos Filho, os formadores de nossas casas religiosas, nossos professores e professoras e tantos outros presentes ao Ato Acadêmico. Em seguida passou a palavra a Dom José Antonio para a abertura oficial. Após saudar a todos, Dom José Antonio deu início ao Ato Solene de Instalação da Faculdade Católica de Fortaleza e abertura do ano letivo de 2010. Deu as boas-vindas a todos os que aceitaram o convite e agradeceu a presença deles no evento. Logo em seguida, Pe. Evaristo convidou todos os presentes a entoarem o Hino Nacional Brasileiro. Após o Hino Nacional, o cerimonialista convidou o Professor Mestre Pe. Antonio Almir Magalhães de Oliveira, para fazer a leitura do Decreto do Sr. Arcebispo, que cria a Faculdade Católica de Fortaleza. Feito isso, foi a vez de o cerimonialista convidar o Professor Dr. Jan ter Reegen para fazer a leitura da Portaria do Ministério da Educação. Mais uma vez, o cerimonialista registrou a presença de algumas autoridades presentes, como a Sra. Maria Brands – Coordenadora da Escola Pastoral Catequética da Diocese de Fortaleza, que também funciona nesta casa, a presença do Pe. Raimundo Nonato Timbó – Administrador Diocesano da Diocese de Sobral, da Senhora Alda Oliveira, que representa o Secretário de Cultura, Professor Auto Filho, e a da senhora Olga Paiva, amiga e assessora permanente para assuntos do Seminário da Prainha. Em seguida Pe. Evaristo Marcos passou a palavra para o Professor Dr. Monsenhor Francisco Manfredo Thomaz Ramos, que falou sobre o tema: “A História recente dos Institutos da Prainha”. Depois das saudações de praxe, Monsenhor Manfredo Ramos fez um resumo da História do Seminário da Prainha, a partir do fechamento do Seminário da Província de Fortaleza a subsequente abertura do Instituto de Ciências Religiosas de Fortaleza, para concluir com uma breve perspectiva da missão que aguarda a nova Faculdade. O Professor Dr. Pe. Edilberto Cavalcante Reis foi o próximo convidado a falar sobre Seminário da Prainha e a

Educação Superior no Ceará em que fez um paralelo entre o Seminário e outras instituições superiores de educação no nosso Estado. Professor Dr. Pe. Evaristo registrou a presença de Dom José Haring – Bispo da Diocese de Limoeiro do Norte, Pe. Gotardo Lemos, Dom Adalberto Paulo da Silva - nosso bispo auxiliar Emérito, Pe. João Jorge Corrêa Filho – Vigário Geral da Arquidiocese de Fortaleza, Pe. Clairton Alexandrino de Oliveira – Vigário Episcopal, Irmã Rosália Alencar Alves – Secretária da CNBB – Nordeste I. O cerimonialista convidou Dom José Antonio para falar sobre o tema: A Faculdade Católica de Fortaleza e sua importância para a Igreja de Fortaleza. Após saudar as autoridades civis, eclesíásticas e acadêmicas, Dom José Antonio brilhantemente destacou a importância da Faculdade para toda sociedade cearense e também brasileira, pelos nomes famosos que haviam passado por suas salas de aula. Depois de Dom José Antonio, foi a vez do representante do Governo do Estado do Ceará – Professor Francisco José Pinheiro - falar. O cerimonialista citou alguns e-mails de saudações recebidos pela Instalação da FCF, entre eles o de Dom Fernando Panico – Bispo Diocesano de Crato que se encontrava em São Paulo, participando do Seminário Nacional de Liturgia, também de Dom Antonio Roberto Cavuto – Bispo da Diocese de Itapipoca que não pode estar presente. Do Pe. João Batista Libânio da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia – FAJE e em seguida leu o cartão enviado pelo Cardeal Dom Eugênio de Araújo Salles – Arcebispo Emérito do Rio de Janeiro ex-aluno do Seminário da Prainha. Nada mais havendo a acrescentar, o presidente da solenidade, Dom José Antonio, deu por encerrada a cerimônia de instalação. Em seguida foi servido um coquetel, que se estendeu até mais tarde. O Diretor Geral Interino Revmo. Monsenhor Dr. Francisco Manfredo Thomaz Ramos pediu-me que, como secretária da entidade, lavrasse a presente ata, o que fiz, e vai assinada pelo Diretor Geral Interino e por mim, Maria Uyára Félix Beleza, secretária Ad-Hoc, considerando todos os professores e autoridades citadas como signatários da ata e presentes ao ato.

*Maria Uyára Félix Beleza*  
Secretária

*Prof. Dr. Mons. Francisco Manfredo Thomaz Ramos*  
Diretor-Geral Interino

Fortaleza, 9 de fevereiro de 2010

## DIGNITÁRIOS FORMADOS NOS 150 ANOS DO SEMINÁRIO DA PRAINHA

### Cardeais

Dom Eugênio de Araújo Sales (Rio de Janeiro) - 1920 - 1912

Dom José Freire Falcão (Brasília) - 1925 –

### Arcebispos e Bispos

| Nome   | ★           | † |
|--|-------------|---|
| Dom José Lourenço da Costa Aguiar<br>(Manaus-AM)         | 1847 - 1905 |   |
| Dom Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva<br>(Crato-CE) | 1863 - 1929 |   |
| Dom Carloto Fernandes da Silva Távora<br>(Caratinga-MG)  | 1863 - 1933 |   |
| Dom Aureliano Matos<br>(Limoeiro do Norte-CE)            | 1889 - 1967 |   |
| Dom Felipe Conduru Pacheco<br>(Parnaíba-PI)              | 1892 - 1972 |   |
| Dom Raimundo de Castro e Silva<br>(Oeiras-PI)            | 1905 - 1991 |   |
| Dom José Terceiro de Souza<br>(Penedo-AL)                | 1908 - 1983 |   |
| Dom Helder Pessoa Câmara<br>(Olinda-PE)                  | 1909 - 1999 |   |
| Dom Expedito Eduardo de Oliveira<br>(Patos-PB)           | 1910 - 1983 |   |
| Dom José Bezerra Coutinho<br>(Estância-SE)               | 1910 - 2008 |   |
| Dom Francisco Hélio Campos<br>(Viana-MA)                 | 1912 - 1975 |   |
| Dom Manoel Tavares de Araújo<br>(Caicó-RN)               | 1912 - 2006 |   |
| Dom Francisco Expedito Lopes                             | 1914 - 1957 |   |

| (Garanhuns-PE)   |             |   |  |
|--|-------------|---|--|
| Nome   | ★           | † |  |
| Dom Alberto Guadêncio Ramos<br>(Belém-PA)                            | 1915 - 1991 |   |  |
| Dom Vicente de Paulo Araújo Matos<br>(Crato-CE)                      | 1918 - 1998 |   |  |
| Dom Nivaldo Monte<br>(Natal-RN)                                      | 1918 - 2006 |   |  |
| Dom Newton H. Gurgel<br>(Crato-CE)                                   | 1923 -      |   |  |
| Dom Pompeu Bessa<br>(Limoeiro do Norte-CE)                           | 1923 - 2000 |   |  |
| Dom Manoel Edmilson da Cruz<br>(Auxiliar de Fortaleza-CE)            | 1924 -      |   |  |
| Dom Francisco Autregésilo de Mesquita<br>(Afogado das Ingazeiras-PE) | 1924 - 2006 |   |  |
| Dom Gerardo Ponte<br>(Petrolina-PE)                                  | 1924 - 2006 |   |  |
| Dom Miguel Fenelon Câmara<br>(Teresina-PI)                           | 1925 -      |   |  |
| Dom José Mauro Ramalho de Alarcon e<br>Santiago (Iguatu-CE)          | 1925 -      |   |  |
| Dom Heitor de Araújo Sales<br>(Natal-RN)                             | 1926 -      |   |  |
| Dom Benedito Francisco de Albuquerque<br>(Itapipoca-CE)              | 1928 -      |   |  |
| Dom Paulo Ponte<br>(São Luís-MA)                                     | 1931 - 2009 |   |  |
| Dom Jorge Tobias de Freitas<br>(Nazaré da Mata-PE)                   | 1935 -      |   |  |
| Dom José Doth de Oliveira<br>(Iguatu-CE)                             | 1938 -      |   |  |
| Dom Jacinto Furtado<br>(Crateús-CE)                                  | 1947 -      |   |  |
| Dom Plínio José Luz da Silva<br>(Oeiras-PI)                          | 1955 -      |   |  |
| Dom Sebastião Bandeira Coelho<br>(Coroatá-MA)                        | 1959 -      |   |  |

Fonte: Pesquisa elaborada pelo Prof. Dr. Jan G. J. ter Reegen

## DOM HELDER CÂMARA: ASPECTOS DE SUA VIDA

*Profa. Ms. Lucy da Silva Pina Neta\**



Boa noite! Obrigada pela atenção nesta noite. Hoje venho para conversar-mos um pouco sobre um tema que me é particularmente caro, Dom Helder Camara.

Pode parecer clichê, mas começo esta conversa lhes dizendo o quão afortunados somos todos que temos o privilégio e a graça de caminhar por onde caminharam alguns dos grandes homens da História. E, aproveito também para reafirmar que Dom Helder saiu muito cedo do Ceará, mas o Ceará jamais saiu dele. Vamos, porém, ao que me trouxe aqui... as memórias no Seminário da Prainha.

O seminarista Helder entrou aqui aos 14 anos de idade. Este foi o lugar onde ele aprendeu muitas coisas, porém o conceito de padre, este ele trouxe de casa. E as perguntas naturais são: “mas o que pensava este menino? o que podia ser um padre?”

Desde quantos anos – 4? 3? – eu dizia que queria ser Padre. Quando atingi os 9 ou 10 anos, meu Pai me chamou e me disse: “Você está crescendo e continua a dizer que quer ser padre. Você sabe o que significa ser padre? E aquele maçom, aquele homem afastado de práticas religiosas, faz um retrato de Padre, de comover...” “O Padre não tem direito de ser egoísta. Não pode pensar só em si. Tem de viver para ou outros”. “O Padre acredita que toca no Cristo com as próprias mãos.” Quando ele acabou a descrição eu comentei: “É exatamente um Padre assim que eu desejo ser”. “Ele me abraçou e, daí por diante, foi o primeiro a me ajudar em minha vocação”. (CAMARA, 63ª Circular, 1972, f102).

Minhas inquietações agora gravitam ao redor da seguinte pergunta: que recordações essas paredes e arcos deixaram neste jovem?

Eu devo muito ao meu Seminário! Mas eu estudei, eu me ordenei em 1931, estudei no Seminário de Fortaleza. Devo muito ao meu Seminário! Agora, entrei no terreno social e os meus professores me ensinaram o que eles sabiam, isto é, que o grande embate ia ser entre leste e oeste, entre capitalismo e socialismo, e que dos males o menor. Eu sai do seminário com isto na cabeça.

Aqui, como ele mesmo disse, recebeu uma formação teológica, filosófica e supostamente cultural. A lição mais arraigada nele foi, porém, certamente a colegialidade. É impossível pensar o Dom dissociado desde modelo da gestão. E por que digo que isso ele aprendeu aqui. Porque, nas notas de suas memórias sobre os anos vividos aqui ele relata sempre dois episódios: o primeiro já quando estava por receber a tonsura, e ele pediu ao Padre reitor, o Lazarista Tobias Dequidt, que aceitasse a sua candidatura a **Congregação Mariana [Congregante de Maria]**, sob o argumento de que, desde que havia ingressado no Seminário, este pedido era feito e logo negado. Argumentou que as proibições do regulamento não tinham sentido, como, por exemplo, os imensos corredores que tinham que cruzar em absoluto silêncio em vez de ensinar-lhes a educar o diálogo como seres que sabem se respeitar e respeitar os demais; ou quando impunham o absoluto silêncio na sala de estudos da biblioteca, sem considerar que há entre os alunos aqueles que precisam da ajuda de seus companheiros, mas uma vez prefere nos impor o egoísmo do individualismo silencioso. Como podemos ser sacerdotes, estar com o povo, se entre nós não falamos. Ante tais argumentos, o Reitor não teve outro remédio senão aceitá-lo, mas ainda não era bom o suficiente, pois como ele, havia 18 jovens na mesma situação, cujas notas baixavam por desrespeitarem o regulamento nos mesmos pontos. Rendido pelos argumentos do seminarista-menino, o Reitor os admitiu, a todos.

Desde cedo e por toda a vida ele foi um formador pastoral, sem deixar de lado o intelecto. Ele nunca se deixou acomodar pelos cargos que ocupou ou pelos trabalhos que realizou, a formação continuada sempre o acompanhou. Talvez por isso que seus escritos sejam, ainda hoje, tão atuais.

Como seminarista e, logo padre recém-ordenado, a que se dedicou Helder?

Logo que entrou, ele era um jovem, muito aplicado, embora tenha de reconhecer que reprovou o primeiro ano, por não saber Latim. Precisou entrar para a turma do 3º ano do Seminário Menor, sendo preterido à classe que lhe correspondia, o quarto ano. Superado esse pequeno impre-

visto, porém, o menino pegou o ritmo de estudos. Suas notas, guardadas ainda hoje na sala de História Eclesiástica do Ceará, dão conta disso. Seu calo, até o final da formação, foi mesmo o canto, quiçá se tivesse tido um professor como o que regeu o coro na noite passada, quem sabe, tivesse progredido melhor na música.

Seus primeiros trabalhos, entretanto, foram por aqui mesmo. Na biblioteca, é culpa ou, melhor dito, é graças a ele e aquela conversa que falei há pouco, que foram criadas na biblioteca daquela época duas sala de estudos: uma para os que preferem a companhia silenciosa dos colegas e outra para os que precisam estudar em pequenos grupos (digo pequenos, porque senão vira formação de quadrilha!).

Logo, o Reitor lhe confiou o trabalho de escrever pequenos relatórios sobre os livros que chegavam ao Seminário como sugestão para a formação dos jovens. Ele os lia e entregava suas “fichas de leitura”. O Reitor dava o parecer final, até que um dia, um dos livros que lhe deram para averiguação continha páginas com grampos. A censura prévia o molestou muito, disse com todo o respeito, que se não poderia lê-lo por completo, preferia não lê-lo em partes, pois sua imaginação poderia criar coisas piores ou melhores do que estava escrito.

Usou o argumento da imaginação para recordar ao Padre o episódio em que ele teve as suas anotações meditativas retiradas da carteira de estudos, sob o pretexto de que a imaginação não é uma boa companheira para um seminarista. Nesta ocasião ele, a pedido do Pe. Reitor, suspendeu a escrita dessas Meditações e só as retomou nos anos de 1940 e as escreveu até quase o fim da vida, hoje já reunimos mais de sete mil desses textos.

Helder sugeriu ao Reitor que o melhor era adverti-lo sobre o conteúdo do livro, pois uma confiança pela metade não é confiança. O Reitor, mais uma vez, se redeu aos argumentos e aceitou a sugestão.

Ao ser ordenado, aos vinte e dois anos e meio [com uma licença especial do Vaticano], em 15 de agosto de 1931, na antiga catedral desta cidade, a ele é confiado o trabalho social [outra marca indelével deste lugar – o serviço social]. Aqui foi assistente da Liga de Professores Católicos, exerceu a experiência da docência no Liceu; trabalhou com os Círculos Operários católicos, ajudou a fundar a Legião Cearense do Trabalho e coordenou a campanha da Liga Eleitoral Católica – LEC.

A pedido do Arcebispo, Pe. Helder foi de cidade em cidade para fazer o que, nos dias de hoje faz um cabo eleitoral: apresentar o candidato que

melhor se enquadrava, à época, aos interesses eclesiásticos. E, creiam: ele logrou!!

“Seu governador”, Menezes Pimentel, homem que hoje, empresta seu nome a biblioteca pública aqui da praça em frente, foi eleito graças aos esforços deste ilustre cabo eleitoral. Contemporâneo desse trabalho, ele também, segundo as indicações de seu arcebispo, militou entre os “camisas verdes integralistas”, integralistas. Ele foi um observador e um interessado agente multiplicador dessas ideias [Aliás, abro aqui um parêntese para dizer que esta é uma fase sobre a qual ainda há muito por se escrever], deixou a militância ideológica para atender ao pedido do arcebispo, que o alçará ao cargo de secretário de Educação do Estado.

A súbita “promoção” pegou Helder de surpresa! Porque, na qualidade de “cabo-eleitoral”, atribuiu parte de sua credibilidade ao fato de que não ocuparia nenhum cargo público, seu trabalho era antes, religioso-pastoral, buscava esclarecer seu rebanho. Não houve jeito! Pe. Helder tornou-se um burocrata. Passados pouco mais de quatro meses, entregou o cargo por não se adaptar a isso que hoje se convencionou chamar governabilidade. Ao assinar sua carta de renúncia, ele também carimbou seu *ticket* de partida do Ceará. A desobediência lhe custou amargos anos na primeira fase de sua vida no Rio de Janeiro, exatamente como burocrata da Educação.

### Referência Bibliográfica

CAMARA, Dom Helder. **63ª Circular Abertura da AJP para o plano mundial**. 8/9.12.1972, Recife. À Família Mecejanense. Rio de Janeiro. 09 fl.

*\*Profa. Ms. Lucy da Silva Pina Neta*

Mestre em Ciências da Religião e Licenciada em História pela UNICAP. Historiadora responsável pelo Centro de Documentação (CeDoHC), do Instituto Dom Hélder Câmara do Recife. Nomeada (2014) Perita em História para a causa da Beatificação e canonização de Dom Hélder Pessoa Câmara, da Arquidiocese de Olinda e Recife. Correspondente e pesquisadora voluntária do Núcleo de Memória da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ).

## O TEMPO E A TRAMA O PADRE CÍCERO NA NARRATIVA DOS DEVOTOS

*Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos\**



### 1. Introdução

Mais do que o dia, era a noite que lhe dava o que contar. Contava, por exemplo, que a alma do seu pai havia pedido para ele não deixar os estudos. De fato, ele não deixou, mas o mais interessante é que história continua e, além de continuar, se encerra profética: falando sobre o sonho, ele conseguiu o apoio de um padrinho para iniciar e concluir a formação no Seminário de Fortaleza.

Em pauta, portanto, o poder da narrativa: para convencer o padrinho, primeiramente. Depois, para dar um sentido religioso à vida de quem contava. No engate dos fios, a trama estava segura: um fato gerava o outro. Daí a coerência da boa narrativa, com começo (o sonho), meio (o padrinho) e fim (o seminário). Melhor do que isso, porém, foi pôr o enredo como preâmbulo de uma história maior: a história de Juazeiro do Norte.

No final de 1871, a convite de amigos, ele celebrou a Missa de Natal na Capela de Juazeiro do Norte, na época um povoado com algumas casas e dois pedaços de rua. Lá, na primeira noite de sono, mais uma visão: sentado numa cadeira da mesma sala onde dormia, ouviu, mas sem entender, as vozes que vinham de fora. Inopinadamente, Cristo e os doze apóstolos entraram e formaram uma cena: a Santa Ceia, de Leonardo da Vinci. Nada estranho, já que muitos sertanejos tinham no oratório da casa a reprodução (ou a recriação) do quadro.

“Estou muito magoado com as ofensas que os homens estão fazendo”, reclama Jesus. “Vou fazer”, continua, “um último esforço para mostrar o amor infinito do meu coração”. Jesus se volta para o Padre e pergunta “Você está vendo essa gente?”. Cícero então vê a chegada de uma leva de famintos e recebe a ordem do Filho de Deus: “Tome conta deles” (Cf. SOBREIRA, 1969: 35-43).<sup>1</sup> Portanto, mais um desfecho para o alargamento do volume de histórias que ele gostava de contar; desfecho que, tal como as *Mil e uma Noites*, convocava o início de mais uma boa história, quer dizer, boa para contar e melhor ainda para ouvir.

Com a mãe e duas irmãs, ele foi morar em Juazeiro do Norte. Tinha 28 anos. Celebrava missa, recebia confissões, fazia batizados, dava a Extrema-Unção, repetia conselhos e, como era de se esperar, contava histórias, sobre a vida dos santos e outros exemplos de elevação espiritual. Fazia, pois, o que qualquer padre costumava fazer. Até com maior gosto, porque dizia estar ali pela missão que Cristo havia lhe dado.

Até morrer, continuaria a ter sonhos. Em um deles, talvez o mais conhecido, um grande urso irrompeu o ventre da terra e era recebido por uma festa de meninos nus. “Por que isso?”, perguntou o Padre Cícero. “Estamos alegres”, eles responderam, “porque este é o *Garra das Garras*” (Cf. XAVIER DE OLIVEIRA, 1982: 52).

Em março de 1889, mais visões. Desta vez, de dia e com provas. Acontecem, pela primeira vez em público, os milagres de Juazeiro do Norte. A hóstia verte sangue, transforma-se em sangue, tão rubro e abundante que chega a correr pelo braço da beata Maria de Araújo até empoçar o chão. Tanto sangue, tão vistoso, se concluiu, só poderia ser o sangue de Cristo. Começava, assim, o fluxo da romaria, igualmente abundante e vistoso. Não para todos: apenas para os olhos que sabiam ver e os ouvidos que sabiam escutar.

As narrativas, assim como sangue, transbordam. Aos derrames pela hóstia ligam-se visões e conexões de outras beatas com o Céu, além das histórias individuais, contadas por parte de cada romeiro que alcança

---

<sup>1</sup> Antes de relatar a aparição de Cristo com os Doze Apóstolos, o Padre Azarias Sobreira fez, no seu livro *O Patriarca de Juazeiro*, o seguinte comentário: “Houve, logo no alvorecer do seu ministério, um caso muito íntimo que ele, Padre Cícero, me referiu confidencialmente...”. Já a professora Amália Xavier, em seu livro *O Padre Cícero que eu conheci*, publicado em 1969, afirmou que a visão era “coisa conhecida por muitos juazeirenses a quem ele mesmo (O Padre Cícero) contou, pormenorizando...” (XAVIER DE OLIVEIRA, 1982: 47). Presume-se que, em tom confidencial, o Padre Cícero espalhou a história em várias ocasiões. O fato, enfim, se tornou o mito fundador de Juazeiro do Norte e a explicação do que iria acontecer.

sua graça. Para completar, passam a correr notícias sobre a descrença do Bispo, funcionando como o polo negativo de Juazeiro do Norte, ou melhor, a contraposição que faz uma narrativa ficar mais interessante, na medida em que o bem é posto diante do mal.

Em novembro de 1889, uma carta do Bispo Dom Joaquim pede explicações e, o mais grave, avalia o silêncio do Padre Cícero como quebra do voto de obediência (DELLA CAVA, 1985: 73). Somente em 7 de janeiro de 1890, Padre Cícero escreve um relatório, pedindo perdão por não ter se comunicado antes e argumentando que os peregrinos lhe deixavam sem tempo. O fato havia ocorrido no meio de uma seca, explica. O quadro era de desespero. Ainda assim, ninguém deixava de ter esperança. “Romarias, preces e novenas e mais novenas”. Na espera e na súplica, chegara então o dia de “comunhão reparadora grande ao Sagrado Coração segundo sua divina intenção”. Após uma noite de confissões, veio então a origem de tudo. Na boca de Maria de Araújo, a hóstia transformou-se em sangue, “uma parte ela engoliu, servindo-lhe de comunhão, e a outra correu pela toalha”.

“Vexado para continuar as confissões”, admite o Padre Cícero, “não prestei atenção e por isso não apreendi o fato, na ocasião em que se deu; porém, depois que depusitei a âmbula no Sacrário, eu vou descendo, ela vem entender-se comigo cheia de aflição e vexame de morte”. Conclusão: “para maior honra e glória de Deus, eu sou obrigado a dizer que é verdade, porque fui testemunha muitas vezes”.

D. Joaquim José Vieira fica com dúvidas. Pede a transferência de Maria de Araújo de Juazeiro do Norte para a Casa de Caridade do Crato, mas não foi obedecido. Começa, desse modo, a longa sequência de atritos entre as autoridades da Igreja e o capelão de Juazeiro do Norte. Na carta do dia 4 de julho de 1890, D. Joaquim pondera: se Maria de Araújo fosse realmente uma santa, ela estaria pronta para obedecer. “Para mim”, ele conclui, “está tudo acabado, não há sobrenaturalidade” (*Apud.* MAIA, 1974: 55, 56 e 57).

Ai teve, então, uma longa rede de tensões e conflitos entre o Padre Cícero e os bispos do Ceará. Não será essa a questão, porém, sobre a qual pretendo desenvolver o presente texto, e sim as narrativas dos devotos que começaram a surgir em 1889. Não apenas inventariar ou identificar aquilo que os fiéis contaram, mas afirmar que esse caleidoscópio de narrativas faz parte da sacralização de Juazeiro do Norte, dotando-o de sentidos que ligam a vida do devoto à vida do Padre Cícero. Pressupõe-se, então, que tais narrativas são criadoras e criaturas de Juazeiro do Norte.

As primeiras narrativas das beatas e do Padre Cícero falavam em milagres com origem noutras histórias, que estavam na Bíblia ou nas vidas dos santos, transmitidas por tradições orais e escritas. Familiarizados com o contar e o ouvir de graças alcançadas, bem como das prodigiosas biografias de homens e mulheres escolhidos por Deus, os devotos dos sertões receberam as notícias sobre o “Milagre de Juazeiro” como um acontecimento extraordinário, porém inserido em perspectiva coerente e plausível. Assumindo a condição de devotos do Padre Cícero, homens e mulheres passaram a dar ressonância aos prodígios de Juazeiro do Norte na medida em que todos também se sentiram partícipes do movimento, protagonizando narrativas de promessas e dádivas recebidas. As crenças geravam histórias, assim como as histórias produziam crenças.

Antes de explicado, Juazeiro do Norte é narrado. O pesquisador que se debruça sobre o que foi dito ou escrito sobre a cidade toma um susto que, no decorrer do tempo, volta a se repetir. Cada romeiro conta suas histórias e, atualmente, a romaria chega a ter quase um milhão de devotos por ano. A respeito de documentos escritos, a situação é semelhante: os inventários que dão conta do número de cordéis sobre Juazeiro são constantemente superados, em razão da descoberta de um exemplar desconhecido dos pesquisadores ou por causa da publicação de um novo folheto.

Além de ter sido a cidade onde viveram poetas de significativa importância, como João de Cristo Rei (1900-1983), Manoel Caboclo (1916-1996) ou Expedito Sebastião (1928-1997), Juazeiro do Norte destacou-se como um centro de impressão de folhetos. Duas grandes oficinas espalharam folhetos por todo o Nordeste, durante mais de 40 anos: a tipografia do poeta José Bernardo da Silva, no decorrer dos anos 1940 e 1950, e a tipografia de Manoel Caboclo, nos anos de 1960 e 1970. Todos eram devotos do Padre Cícero, e fizeram, com estilos próprios e marcantes, uma tessitura de narrativas que ritualizaram a sacralidade de Juazeiro do Norte. Constituíram parte da imensa produção de narrativas que até hoje circulam pelos ouvidos dos romeiros. Uma produção poética escrita (e falada) na linguagem dos devotos, como meio de autocompreensão e engendrando relações de pertença.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, a observação de Paul Ricoeur é bastante inspiradora: “contrariamente à tradição do *cogito* e à pretensão do sujeito de conhecer-se a si mesmo por intuição imediata, devemos dizer que só nos compreendemos pelo grande atalho dos sinais de humanidade depositados nas obras de cultura. O que saberíamos do amor e do ódio, dos sentimentos éticos, e em geral, de tudo o que chamamos de o *si*, caso isso não fosse referido à linguagem e articulado pela literatura?” (1990: 58).

Com a hóstia que vertia sangue, o povoado foi se transformando em cidade de migrantes que alargavam o tamanho das ruas e romeiros que faziam de Juazeiro do Norte um “Centro do Mundo”. De algum modo, todos esses sertanejos se moveram na esperança de ter soluções para as dores do dia a dia. Para curar uma doença, para pedir um bom casamento, emprego, um pedaço de terra ou inverno abundante, migrantes e romeiros exercitavam uma fé cotidiana, como parte das astúcias que procuravam superar desventuras e necessidades do viver. Foram esses devotos que transformaram Juazeiro do Norte em lugar sagrado: meio do mundo e de sobrevivência.

## 2. A tessitura hagiográfica

A mulher rouba a criança e, no berço vazio, deixa outro recém-nascido, sorridente e de olhos azuis. Os pais, Joaquim e Vicença Romana, ficam sem entender, mas criam o menino como se fosse o filho levado. Só o tempo iria mostrar que a troca tinha sentido. Um sentido maior do que se poderia imaginar.

Para registrar o fato, foi preciso também apelar para a rima, como fez o poeta João de Cristo Rei e como fizeram muitos outros que contaram o nascimento do Padre Cícero. Os romeiros já sabiam, mas era preciso confirmar que ele “veio habitar neste mundo/com a ordem do Eterno/ para redimir os crimes /de todo povo moderno /e defender seus devotos / do castigo do inferno” (folheto: *Nascimento do Padrinho Cícero e a troca misteriosa das Crianças*). Há outras versões, no entanto, em uma delas, foi um anjo quem trouxe a criança de olhos azuis, no meio de uma luz fora do comum, o que explicaria a cegueira da mãe do mãe do Padre Cícero (como se percebe em fotografia da época).

Isolado e piedoso, o menino foi crescendo: “não queria companheiro / nem gostava de brincar / sua preocupação / era fazer oração / ouvir missa e estudar”, assim registrou João de Cristo Rei. A peculiaridade é confirmada por José Bernardo da Silva: “Os meninos lhe chamavam / para na rua brincar / e ele então respondia: / Deus não quer, eu não vou lá / tenho minha ocupação / vou cuidar em oração / que Deus me manda rezar” (folheto: *O Nascimento do Pe. Cícero na Cidade do Crato – CE*).

Em *A Vida e Novos Sermões do Padre Cícero*, a métrica de João Martins de Athayde concluiu que “... a natureza / já tinha o predestinado, / ele aprendia a doutrina / antes de ser ensinado”. Desde cedo, o destino já era claro: “Ele tinha 5 anos /era bem pequenininho, /a noite a mãe procurou /não achou-o no bercinho /achou-o nos pés de uma imagem /dormindo ajoelhadinho”. A

mãe perguntou o que ele ali fazia, e a resposta foi tipicamente hagiográfica: “... eu vim rezar, dormi e sonhei com Deus”.

De acordo com João Martins, “a doutrina de Jesus / ele sempre argumentava”: “Dizia aos outros meninos / ninguém deve se entreter / com as coisas deste mundo / que vão desaparecer / agora as coisas de Deus / foram, são e hão de ser”. Portanto, a repetição do mote *corpo x alma*: “coisas desse mundo” (João Martins), “não brinca com os meninos” (José Bernardo), “nem gosta de brincar”. (Cristo Rei).

De seis para sete anos”, escreve Cristo Rei, o menino passava longas horas fora de casa, não se sabia aonde. Preocupado, chama a “criada” e dizia o autor que “seu trabalho é reparar / onde Cícero vai ficar”. Suspenso. Mas, já que se trata da vida de um santo, o desenlace da narrativa assume um sentido mais ou menos previsível. A “criada” reparou que o menino “levantou-se ocultamente” e “com três imagens entrou / num sítio de bananeira”. Ela o seguiu e descobriu o segredo, “lá num canto sombrio / de longe foi avistando / ele firme ajoelhado / com seus três santo de lado / constantemente rezando”.

O sagrado ganha consistência na medida em que a sexualidade se ausenta. A carne seria o abrigo de um espírito enviado por Deus. Sendo assim, a preocupação dos devotos com a pureza do corpo aparece no nascimento e na infância. Poucos são os comentários sobre o corpo adulto, como se vê, por exemplo, em um folheto de João de Cristo Rei, referindo-se à vida no Seminário de Fortaleza: “nunca se mostrava despido / os outros tiravam a roupa / ele ficava vestido / depois entre os que lhe via / tomava banho e saía / e nunca foi percebido” (folheto: *Nascimento de Padrinho Cícero e a troca misteriosa das crianças*, João de Cristo Rei).

“E quando no seminário / os seus colegas ocupava / os tornos lá da parede / na hora que ele chegava / que torno nela não via / nela o chapéu sacudia / e pregado ele ficava”. Esse é, sem dúvida, o caso mais contado pelos romeiros. Menos conhecido, mas nem por isso menos impactante, é o caso da marca de ferro: “Seus colegas foram um dia / os seus cavalos ferrar / porém ele não querendo / seu bichinho maltratar / por cima a mão lhe passou / e com o dedo aplicou / seu ferro sem o queimar”. Outro pouco conhecido, mas de grande efeito, é o caso contado no folheto *Nascimento do Padre Cícero na cidade de Crato - Ceará*, quando José Bernardo menciona que o padrinho “levantou um morto na serra de São Pedro”.

Não é difícil perceber que essas narrativas são hagiográficas. E, como bem ressalta Michel de Certeau, a hagiografia “se refere não essen-

cialmente 'àquilo que se passou', como faz a história, mas 'àquilo que é exemplar'". (1982: 273). Isso significa que, já no nascimento, há uma marca: "Enquanto que a biografia visa colocar uma evolução e, portanto, as diferenças, a hagiografia postula que tudo é dado na origem com uma 'vocaçãõ', com uma 'eleição'. O santo é aquele que não perde nada do que recebeu". (1982: 273). O santo já nasce santo. Padre Cícero veio ao mundo numa "troca misteriosa", já nasceu puro. "Parece que a natureza / já tinha o predestinado", afirma João Martins de Atahyde.

Outra característica da hagiografia que Michel de Certeau ressalta e que também está nas narrativas sobre o Padre Cícero é a presença do sofrimento: a vida do santo tem "um tempo de provações (combates solitários) e um tempo de glorificações (milagres públicos)". (1982: 273). Perseguido pela Igreja, Cícero sofreu calado — eis uma das provas que as narrativas orais ou escritas mostram para pontuar as narrativas sobre o Padre Cícero.

O Padrinho que emerge nas narrativas tem traços da santidade católica. É por isso que, em cada história sobre a sua vida, reúne as vidas de vários outros santos. Trata-se de um santo ao passo que é legitimado por outros "exemplos" de santidade. Se múltiplas histórias fazem o "Santo de Juazeiro", isso significa que inúmeros santos fazem a história do "Padrinho".

### 3. O Merecimento

O Padrinho protege, mas também castiga. O castigo, é claro, vem para quem pecou, e o pecado mais recorrente é a depreciação. No folheto *A Moça que virou cobra*, de Severino Gonçalves, mostra o caso da filha de um fazendeiro. Descrente, ela chegou a dizer: "Só creio no padre Cícero / quando ele me castigar / fizer eu cair as pernas / meus braços se deslocar / criar ponta e nascer dente / correr virada em serpente / mordendo quem encontrar". No dia seguinte, ela sumiu e ninguém sabia do seu paradeiro. Com três semanas, porém, chegou a notícia sobre uma cobra que se arrastava em Juazeiro do Norte. A moça havia se transformado numa serpente, "leprenta cascuda e feia", lamentando o seu destino e prevenindo os pecadores: "Quando eu zombei de padrinho / era uma gentil menina / porém Deus me castigou / ando cumprindo uma sina / virada em uma serpente / culpada disto somente / foi minha língua ferina". Mas, ainda em Juazeiro do Norte, ela se penitenciou e implorou "valei-me Frei Damião". Orou e o velho capuchinho lhe deu o perdão, "a fera desencantou-se, / estava santificada".

Alguns folhetos mudam os detalhes, mas o conteúdo é praticamente o mesmo: o exemplo da moça que virou cobra (ou outros animais) porque falou mal do Padre Cícero. Em outros casos, novos personagens, igualmente sagrados, como se vê já nos títulos: *O rapaz que virou bode porque profanou Frei Damião*, de José da Costa Leite; *O Protestante que virou num urubu porque quis matar Frei Damião*, anônimo; *Exemplo da Crente que profanou Frei Damião* (e virou macaca), de Vicente Vitorino; *O Rapaz que virou bode porque surrou a mãe dele*, de Luís de Lira ou *A Moça que Bateu na Mãe e virou Cachorra*, de Rodolfo Coelho Cavalcante.

O pesquisador Mark J. Curran (1987: 154-162) afirma que *A Moça que virou cachorra porque bateu na mãe*, de 1962, atingiu um impressionante número de vendas: em torno de 500 mil folhetos. O sucesso incentivou a criatividade de Rodolfo Cavalcante, que passou a escrever mais sobre a temática, com títulos que não deixavam a menor dúvida sobre o conteúdo da história: *O Rapaz que Bateu na Mãe e Virou Bicho em Feira de Santana*, *A Mulher que Foi Surrada pelo Diabo*, *O Filho que Levantou Falso à Mãe e Virou Bicho*, *A Mulher que Deu à Luz uma Cobra porque Zombou do Bom Jesus da Lapa*, *O Rapaz que virou Bicho em Minas Gerais* e outras.

Ao comentar essa série de narrativas, Mark Curran infere que “a arte do exemplo” está na constituição de uma linguagem colorida e interessante: “Quanto mais terrível seja o monstro penando e a descrição dele, melhor será o folheto.” Isso significa que “não é necessário acreditar no monstro nem no enredo (embora neles acredite muito leitor). O importante é divertir-se com os detalhes da história e aceitar a possibilidade de castigo do mal praticado por um Deus severo e justiceiro” (1987: 161).

Do mundano ao religioso, ou do trágico ao cômico, o sucesso de um cordel está, também, na habilidade com que o poeta manipula as palavras. De um jeito ou de outro, a ressonância do cordel relaciona-se com o poder de sedução da linguagem, com a forma pela qual o poeta descreve detalhes e cria as tramas.

A conquista de uma graça ou o recebimento da pena se enquadram numa experiência religiosa que fornece coerência para o mundo e para as (re)ações de um santo. Além do *Exemplo da Moça que virou cobra porque falou do Pe. Cícero*, existe um impressionante quadro de narrativas que nascem dessa experiência religiosa e, ao mesmo tempo, lhe dão força e concretude. No folheto *Os Milagres de Padrinho Cícero*, João de Cristo Rei nos remete a um caso de significativa popularidade no imaginário dos romeiros. É a história de um rico fazendeiro, “que zombava de meu Padrinho / com seu coração maldoso”. O caso se inicia com a morte de plantas e animais pela

falta de chuva. Desgostoso, o fazendeiro se zanga e manda um portador ir até Juazeiro para dar um recado ao Padre Cícero: "... em minha terra / a lavoura está perdida / e antes que eu perca tudo / com esta seca comprida / me mande um tostão de chuva / para salvar minha vida".

Então meu Padrinho disse  
ao portador presente:  
um tostão de chuva é muito  
ninguém suporta a enchente  
para ele se arranjar  
basta três vinténs somente

Lhe deu dois vinténs de troco  
e o cara voltou vexado  
chegando disse ao patrão  
pronto: já fiz seu mandado  
pegue o troco do dinheiro  
e espere o resultado.

O castigo veio, e no mesmo dia: "Então começou do céu / o nevoeiro baixando / a chuva grossa caindo / as águas no chão rolando / a cheia cobrindo tudo / os animais se acabando". Com a ajuda dos vizinhos, o dono da fazenda e sua família conseguiram se salvar, mas tudo o que eles tinham foi destruído: "planta de cana e mandioca / tudo desapareceu / o engenho caiu também / a bicharada morreu".

Sabe-se que, para o católico, há uma troca entre o Céu e a Terra: o devoto pede, o santo dá e recebe o pagamento da "promessa". No caso citado há pouco, porém, o fazendeiro queria comprar chuva. Consequência: o milagre veio em forma de castigo. Além de desenvolver uma estratégia de convencimento sobre o poder do Padre Cícero, o poeta deixa claro que, no mercado das trocas com o Além, o respeito não pode ser esquecido.

A fim de criar ou aumentar a crença nos prodígios de Juazeiro, a "Literatura de Cordel" não se cansa de lembrar os perigos da vida sem proteção. No final das narrativas que incorporam as profecias atribuídas ao Padre Cícero, é frequente o comentário sobre o destino infeliz dos desprovidos de fé. Em geral, segue-se uma escala de merecimento. Quando o pecado (ou o erro) não é de grande porte, o castigo é menor. O milagre não é aleatório, aparece dentro de uma certa coerência, deixando exemplos e lições.

Em seu estudo acerca das "crenças populares na Inglaterra dos séculos XVI e XVII", Keith Thomas ressalta que, ao se buscar explicação para o infortúnio, acreditava-se que "o sofrimento era provavelmente devi-

do à culpa moral de alguém, sendo o sofredor o culpado mais provável”. Pensava-se que os seres humanos sofriam quando mereciam o sofrimento (THOMAS, 1991: 518).

Os adeptos da boa conduta receberiam benefícios e os pecadores ganhariam estradas de infortúnio. Tal forma de explicar a (in)felicidade, comum em várias configurações culturais, funcionava, em certos casos, como controle das rebeldias. A lógica do merecimento, “levando o sofredor a rever seu próprio comportamento moral, ajudava a reforçar as normas sociais existentes. Tanto a magia como a religião tornaram-se assim um importante meio de controle social”. Em outros termos: cada um devia se conformar com o infortúnio, nada mais que a natural consequência do erro. A saída única para estabelecer uma vida melhor seria livrar-se das ações condenadas nos códigos das tradições orais ou escritas (THOMAS, 1991: 518). Em Juazeiro do Norte, essa lógica seria a mesma. Isso, obviamente, levando-se em consideração que houve desvios e confusões.

#### 4. Confusões

No poema *Os Milagres do Pe. Cícero*, Expedito Sebastião da Silva informa sobre o caso “do romeiro que veio / só para presenciar / do Padre Cícero um milagre / pra em sua terra contar”. Quando chegou a Juazeiro, o devoto ficou numa rancharia, perto da casa do Padre Cícero, esperando algo de extraordinário: “... com paciência esperava / com atividade imensa / do Pe. Cícero um milagre, / feito na sua presença”. O tempo passou e nada. Aí ele resolve falar com o padrinho:

— Meu Padrinho, há três dias  
que estou em Juazeiro,  
pra do senhor assistir  
um milagre verdadeiro  
pra contar em minha terra  
como faz todo romeiro.

O Pe. Cícero ouvindo  
o romeiro assim a falar,  
pousou nele sério os olhos  
depois disse a Ihe fitar:  
não sou Deus, meu amiguinho,  
para milagre operar.

Mas como aquele romeiro  
com o Pe. Cícero insistisse,  
para operar um milagre  
para que ele assistisse

o padre pra ele olhando,  
com severidade disse:

— Meu amiguinho, a você  
vou um pedido fazer,  
quero saber se me faz  
para me satisfazer;  
o romeiro respondeu:  
faço com todo prazer.

— Pois bem disse o Pe. Cícero  
quando em casa chegar,  
você pegue a espingarda  
do vizinho e vá levar  
que você trouxe escondido,  
sem ele lhe emprestar.

— Pois com aquela espingarda  
todo dia o seu vizinho  
sai pela mata caçando  
pra matar algum bichinho  
pra comer com a família  
com seu humilde ranchinho.

— Você promete entregar-lhe  
a espingarda na mão?

— Prometo, disse o romeiro  
chorando de emoção  
depois dali retirou-se  
tristonho fitando o chão.

Padre Cícero, então, ultrapassava a “lógica do merecimento” e, no lugar de mandar um castigo, oferecia um generoso benefício. O poeta insinua: o motivo que orientou a visita desse romeiro misturou fé, desconfiança e curiosidade. Houve certa falta de respeito, é verdade, mas o castigo não foi de grande peso porque o padrinho perdoou. Afinal, importante era abrir os olhos do incrédulo para as verdades do sagrado.

Se existe coerência na realização dos milagres, isso significa que o sofredor merece apoio, e o descrente, uma justa punição. De qualquer modo, há uma lição para o bom viver. Os prodígios do Padre Cícero não oferecem somente dádivas ou penalidades, pois carregam, também, um exemplo para entrar no inventário das orientações vitais.

Isso, no entanto, não é uma regra. Às vezes, o foco não se atém ao princípio do “merecimento”. É o caso de um milagre narrado pelo Sr. Elias

Rodrigues e registrado pelo Sr. José Marques em seu livro de memórias. O Sr. Elias conta que, em 1922, seu pai foi a Juazeiro do Norte, visitar o Padre Cícero. Sua irmã não pôde fazer a viagem porque ainda não estava curada de uma enfermidade desconhecida, mas pediu para o pai trazer uma “lebrancinha do Padrinho”.

“E sua filha ficou boa”?, perguntou o padre Cícero. O romeiro diz que sim e que ela “até mandou pedir uma lebrancinha”. “Eu vou mandar, quando o amiguinho estiver de volta venha buscar”. Dito e feito. Dias depois, ele chega à casa do padre Cícero. “Está aqui a lebrancinha da menina. Não abra esta caixa enquanto não chegar na sua casa.” Era um pacote lacrado e, durante a viagem de volta, ele teve vontade de ver o que tinha dentro, mas se controlou. Quando estava chegando, avistou na frente da casa uma quantidade de pessoas fora do normal. “Será que estão sabendo da minha chegada?”, pensou. Aproximou-se mais, viu que a filha havia morrido e, chorando, abriu o pacote. Dentro, havia uma mortalha (SILVA, 1996: 62).

“Como se vê o Padre Cícero previa os acontecimentos” - assim o Sr. José Marques fecha a narrativa. Em contraste com a história contada nos versos de Expedito da Silva, o Padre Cícero não salva ninguém. Pelo contrário, faz é mandar uma mortalha. E o mais impressionante: a mortalha não tem nada a ver com um castigo, como seria de se esperar. Não é premiar, nem punir. O enredo não se desenvolve na “lógica do merecimento”. A questão é outra: o poder de prever, ou melhor, a potência de prever numa trama assombrosa. O ouvinte fica sabendo, com medo ou até pavor, que o poder do “Padrinho” tem seus caprichos e, acima de tudo, tem seus mistérios.

Fundamental é mostrar o poder misterioso em uma trama sedutora, envolvente, seja pelo medo, pelo terror ou pela dádiva. Nessa textura narrativa, que chama atenção pela arrumação de detalhes e pelos desfechos dramáticos, a performance do “Padrinho” vai do ato curativo ao presente da mortalha.

No folheto *O Homem que falou com o Diabo em Juazeiro*, João de Cristo conta sobre o farmacêutico que viu uma “aparição”: o próprio Demônio, camuflado e se apresentando como enviado do “Ministro Poderoso”. “Ministro Poderoso”, esclarece o Diabo disfarçado, “... é a estrela / do círculo da redenção / que apelidou-se com o nome / de Padre Cícero Romão”. O Diabo deveria salvar uma alma de um padre que fora condenada ao inferno porque o pai lhe jogara praga numa ocasião de descontrole. O Diabo esclareceu que o caso se resolveria com a celebração de uma missa. Em

seguida, ele falou das agruras da vida e “saiu deixando um mau cheiro”. O farmacêutico providenciou a celebração. “O diabo foi quem perdeu”, conclui o poeta, “o padre foi quem ganhou”.

Por vias não muito convencionais, o poeta fala sobre o acordo entre o bem e o mal: o Padre Cícero dá uma missão ao Diabo. E o Diabo, sem reclamar, cumpre a ordem. Sem resistência, ele faz uma boa ação, nos moldes da teologia evangélica: atende ao santo para salvar uma alma.

Ao ser indagado, pelo farmacêutico, sobre a origem do Padre Cícero, o Diabo responde: “Quando Deus formou o mundo / eu fui formado também / já se chamava este santo / o Penhor do Sumo Bem / portanto a idade dele / dela não sabe ninguém”. Além disso, chega ao ponto de dizer que ele “veio habitar neste mundo / exposto na tirania / para redimir o povo / que vem fazer romaria”. Mais ou menos fora dos cânones, o Diabo fez (ou foi obrigado a fazer) uma boa ação. Além de mostrar o poder do Padre Cícero, o “mal” se comportou como se fosse o “bem”.

Se incontáveis histórias fazem um santo e se inúmeros santos fazem uma história, tais relações carregam uma infundável articulação entre “maneiras não autorizadas de caçar”, como diria Certeau (1994). Isso significa dizer que, mesmo seguindo a tradição da hagiografia, os santos e as histórias de Juazeiro do Norte não estão em um modelo congelado.

Em cada história, há um exemplo que mostra como as coisas são, como deveriam ser, ou como vão ser. Afinal, as narrativas da experiência religiosa fazem parte dos modos pelos quais os narradores dizem o mundo, qualificando-o e constituindo-o de determinadas maneiras. O “Padrinho” ganha consistência tal como deseja o imaginário dos peregrinos. A (re)produção e a circulação de histórias sobre o Padre Cícero guardam íntima relação com a vontade de ter bem próximo um grande protetor, fazem parte de uma predisposição para o encontro com o sagrado. Afinal, a sacralidade existe quando há crenças que fertilizam essa existência.

## 5. Mudança e permanência

Em 1934, um divisor de águas: ele deixa de viver em Juazeiro do Norte e vai morar no Além. Isso não significa, no entanto, que ele simplesmente partiu, porque com certa frequência, ele voltou, para fazer previsões e outros milagres. João de Cristo Rei conta que o Padre Cícero, depois da morte, veio pregar em Roma, mostrando ao Papa que continuava a trabalhar pela salvação: “Do meu pessoal Romeiro / transformei-me em um Barbonho / dum idioma estrangeiro, / já converti muito Réu / ando em Roma e vou

no Céu / e visito Juazeiro.” (Folheto: *O Sermão misterioso de Padrinho Cícero Romão*).

Há uma cronologia que, no final das contas, permanece: data e lugar de nascimento; os estudos no seminário da Prainha; a volta para Juazeiro; a guerra de 1914 e outros “dados”. No folheto *Nascimento do Pe. Cícero na Cidade de Crato - Ce e o Milagre quando levantou um morto na serra de São Pedro*, José Bernardo escreve que o jovem Cícero morava no Crato e “foi para o seminário / aprender para ser padre / de Jesus Cristo um vigário”. Logo depois, o poeta esclarece que o “biografado” pertence a uma história sagrada, colocando-o no plano da eternidade: ele “veio salvar o pecador / Deus foi que o mandou / fazer o que é necessário”. A cronologia se dilui no atemporal. A existência do “mortal” emerge daquele que, ao mesmo tempo, é Alfa e Ômega.

“Com 24 anos”, continua José Bernardo, “como padre se ordenou”. Nos versos seguintes, o trânsito entre o céu e a terra permanece: “Depois que se ordenou / voltou para o Cariri / um sacerdote caridoso / Deus mandou pra nos remir / do Sul ao Norte e Estrangeiro / tem sido bom conselheiro / a quem devemos ouvir”. Aí o leitor (ou o ouvinte) fica sabendo que o Padre Cícero: “Residiu no Crato uns anos / onde foi seu nascimento / cumprindo as suas ordens / nas luzes do sacramento”. Em seguida, o folheto volta a lembrar que Cícero não era um padre comum: “Por casamento e batizado / nunca exigiu dinheiro / por bem da vida humana / nunca foi interesseiro / da Igreja sempre zeloso / ministro maravilhoso / veio salvar o mundo inteiro.”

Para alguns poetas, não basta anunciar a existência celestial antes do nascimento, em 1844. Em certas narrativas, é preciso entrar em detalhes sobre o convívio do “padrinho” com “Jesus, Maria e José”. Em outras palavras: existem “biografias” que começam com informações sobre períodos que antecedem sua primeira interferência no mundo dos pecadores. No manuscrito *Trabalhos do Padre Cícero* (MOTA, s/d: 137), João Mendes de Oliveira informa que:

A virge da Conceição,  
Na hora em que reparou  
Tanta desgraça na terra,  
Ficou passada de dô  
De vê nós no cativêro  
Do demônio tentadô.

Jesus foi e perguntou:  
— “Nossa Senhora das Dôre,

Me dissei, Divina Mãe,  
Rainha dos Pecadôre,  
Por que é que vós chorais?"  
— "Meu Filho, é destes horrôre!"

Jesus, Maria, José  
Proguntou a meu Padrim  
Se se astrevia a morá  
Nesta cidade de espim  
Para salvá os cristão,  
Do grande ao pequeninim.

A resposta foi positiva e Cícero veio habitar em Juazeiro do Norte. Por causa disso, "Jesus fez deste lugá / O porto da salvação / terra santa e milagrosa / Fonte de todo o perdão".

A vida do Padre Cícero faz parte de um tempo sem começo nem fim. Flutua na eternidade. Sua passagem pelo mundo dos pecadores é a manifestação de um ser eterno, cuja origem e destino se perdem na nebulosidade do infinito. Ao ser lugar onde um pedaço da eternidade fez sua morada, Juazeiro transmuta-se em território ligado às coisas do outro mundo, com portas e janelas por onde o devoto toca o sagrado.

Não se fala em "morte" do Padre Cícero. Acredita-se que, em julho de 1934, o venerado padrinho "se mudou". O caso do Padre Cícero em Roma, há pouco citado, é uma das muitas outras histórias que reafirmam a existência de uma meta-história. Várias são as narrativas que mostram a presença do "Padrinho" depois de 1934, nas mais variadas formas de fazer curas, dar conselhos ou aplicar um castigo.

Às vezes, Frei Damião assume o papel de continuador do Padre Cícero. No folheto *O Sonho de Frei Damião Profetizando o Futuro*, João Fernandes diz que "...o padrinho Cícero Romão / no ano de trinta e quatro / fez uma separação / mas entregou seus romeiros / nas mãos de Frei Damião" (*Apud.* Carvalho, 1977: 16). Para Rodolfo Cavalcante, "No ano de 34 / meu padrinho se separou / e com três anos depois / Frei Damião aqui chegou / mostrando que de meu padrinho / ele é o sucessor" (*Apud.* CARVALHO, 1977: 16). Mesmo depois da morte, o "Padrinho" continua vivo. Eis uma mola mestra do grande poder de um santo protetor: a negação de sua morte.

Para os devotos, a repressão sofrida por Juazeiro é geralmente lembrada como uma penitência (provação) colocada na vida do Padre Cícero. Às vezes, o devoto fica mais indignado e elabora um retrato do inimigo, dotando-o de atributos como inveja ou desonestidade. O poeta João

Martins de Athayde, por exemplo, assegura que “o padre Cícero / não aprecia dinheiro / e isso faz desgostar, / outro padre interesseiro” (*Folheto A Vida e Novos Sermões do Padre Cícero*). O escultor José Duarte, fiel seguidor do Patriarca, diz que: “Esse negócio de suspender ele de Ordem é porque ele não trabalhava pra Santa Sé. Todo dinheiro que davam a ele, ele dava de esmola ao povo. Aí o senhor bispo via que ele não trabalhava pra Santa Sé e suspendia ele da Ordem”. (*Apud*. COIMBRA, 1980: 240).

A submissão do Padre Cícero é uma qualidade típica dos santos. Quando os devotos falam sobre o “Padrinho”, quase sempre existe uma virtude destacada: o sofrimento sem revolta, assim como sofreram vários santos e o próprio filho de Deus, que aceitou o martírio na Cruz para salvar a humanidade - claro indício de um imaginário penitencial, que coloca no sofrimento (in)voluntário o sentido de purgação do espírito.

A paciência do “Padrinho” compõe mais um elemento para provar sua santidade. Os algozes do Padre Cícero constituem uma espécie de “mal necessário”. Perseguiram-no e, por causa disso, serviram como argumento para explicitar as qualidades do grande santo protetor.

Ergue-se um Padre Cícero de acordo com o imaginário dos devotos: puro e virtuoso, porque, entre outras qualidades, era obediente, paciente e suportava, sem revolta, o pesado sofrimento da perseguição. O “Padrinho” foi criado no imaginário dos devotos com profunda força de verdade, como nos mostra o seguro depoimento do poeta João de Cristo Rei para o projeto “Literatura de Cordel” em 1977:

Dizem que nós somos fanáticos, mas fanáticos por quê? Que é que nós temos de fanatismo? (...) Mas se nós somos fã pelo Juazeiro, pelo Padrinho Cícero, é porque ele merece. Porque nós vemos nele um homem imitador de Nosso Senhor Jesus Cristo, um homem paciente, humilde, milagroso, santo, de ciência e virtude, paciência. (...) Um homem santo, um homem de verdade, um homem consolador, um homem que dava consolação a todos nós, curava todos os males, tanto da alma quanto do corpo, dava satisfação, fazia seus milagres. Eu vejo esse homem, dou valor a esse homem — quer dizer que eu sou fanático? (...) Eu vou dizer o que é fanatismo. Bem, aconteceu agora há pouco que um jogador de futebol chamado Tostão deu uma pancada no olho e veio a um médico do Brasil, no momento não me lembro qual foi a cidade. E veio fazer uma revisão no olho. E no lugar que esse homem se achava pra fazer essa revisão afluiu uma massa de gente de alta categoria, de tal maneira que foi preciso a polícia intervir, quando não, seria invadido aquele ambiente. Eu digo, isso é que é fanatismo.

Conforme João Martins de Athayde, Cícero Romão era “nascido para igreja / criado para doutrina / mandado ao mundo por Deus / cum-

prir a ordem divina / ensinar aos irmãos / tudo que a igreja ensina". Assumindo a condição de porta-voz dos devotos de Juazeiro do Norte, o poeta anunciou que a missão do Padre Cícero de salvar a humanidade dos pecados se realizava por meio da Igreja: "no seminário de Olinda / aprendeu e ordenou-se / no serviço da igreja, / de corpo e alma entregou-se" (*A Vida e os Novos Sermões do Padre Cícero*). Para os fiéis, Padre Cícero era um defensor da Igreja Católica.

Os poetas glorificam o Padre Cícero com suporte nos valores do catolicismo. Em certos casos, no entanto, o devoto extrapola a fronteira da dogmática oficial e começa a imaginar que Padre Cícero "é uma pessoa da santíssima trindade" (João Mendes de Oliveira) ou a estabelecer profecias sobre o fim do mundo. No calor das crenças, Padre Cícero é o padrinho de todos, capaz de operar milagres, oferecendo previsões, conselhos, curas e castigos. Desse modo, Padre Cícero se afasta de uma teologia clerical, pois, oficialmente, não é aceito como um santo.

Por outro lado, o Padre Cícero dos devotos está desacordado em relação à Igreja Oficial porque o leigo não devia nem podia possuir o poder de definir os lugares do sagrado. O "Santo de Juazeiro" foi gerado quando a política de "Romanização" caminhava com toda energia. A preocupação do clero romanizado não estava somente em fiscalizar o conteúdo dos ensinamentos ou crenças. Um ponto de fundamental importância era definir quem poderia transmitir esses conteúdos, quem teria a competência para guiar os rebanhos de Deus e definir o que é ou não é pecado, o que pode ou não pertencer à Igreja, o que vale ou não vale. De acordo com a política romana, somente os membros da hierarquia clerical poderiam falar sobre o sagrado.

Considerável parcela das imagens com as quais os devotos constituíram o Padre Cícero foram católicas — ainda mais, de uma Igreja tridentina; mas a fé que definiu essa sacralidade floresceu em um terreno sem legitimidade canônica: no meio de uma heterogênea massa de "católicos" (nem sempre tão católicos...) que desde os primórdios da colonização já era vista como ignorante e pecadora. Cícero é um santo feito em ambivalência: está dentro e fora da Igreja oficial.

Na voz de Manuel Caboclo, o *Sermão de Meu Padrinho no ano de 32* se compõe na rede de valores do catolicismo. De acordo com o poeta, o "Padrinho" iniciava a homilia abençoando os romeiros. Logo em seguida, anunciava: "a mãe de Deus é quem chama / o povo do mundo inteiro / para deixar suas terras / e visitar Juazeiro". Juazeiro era a terra prometida: "Quando te faltar a fé / da santa religião / ou te faltar o descanso / a água,

comida ou pão / venha para o Juazeiro / que achará remissão”. Mas era preciso ter cuidado, sobretudo com o casamento: “A mulher falsa ao marido / que a ele não considera / vai sofrer eternamente / os horrores da miséria / fica sendo escravizada / dos anjos da besta-fera”.

*Os Versos Antigos dos Primeiros Poetas*, registrados por Maria Campina (1985:205) seguem os mesmos valores. Mais que isso: seguem quase a mesma rima. De acordo com um poeta não identificado, Padre Cícero falava: “As mulheres falsas aos maridos / que a Deus não considera / vão sofrer eternamente / em desconto das misérias / hão de ser atormentadas / junto com a besta fera”.

Valores e rimas semelhantes. Enquanto Manuel Caboclo escreve “E o homem depravado / que deixa sua mulher / os filhos passando fome / e dá outra qualquer / o seu nome está escrito / no livro de Lúcifer”, o poeta que não se identifica registra “Estes homens depravados / que possuem muitas mulher / roubam de suas famílias / para dar a outra qualquer / têm seus nomes escritos / no livro de Lúcifer”.

Os exemplos de semelhança entre composições do cordel multiplicam-se *ad infinitum*. Se as comparações contemplam o universo dos benditos a situação é a mesma. Rimas e palavras usadas de modo semelhante evidenciam que há um complexo trânsito entre o oral e o escrito, entre o coletivo e o individual.

Há um fluxo entre escritor e leitor, entre declamação e audição. O sujeito da criação torna-se coletivo, perde-se no meio das tradições, atualizadas ou não. O cordel pode ter matriz em um bendito, o bendito poder ser inspirado em um milagre que o romeiro vivenciou ou em outro cordel. Essa rede sem fim dilui, em certa medida, a noção de autor que se faz na ideia de criação realizada pelo ato individual (Cf. FOUCAULT, 1992 e CHARTIER, 1999).

No caso do cordel, lidar com o que está escrito é, necessariamente, já entrar em contato com um leitor, ou um ouvinte. Ante a intensidade com que acontece o trânsito entre oral e escrito, entre oralidades e escrituras, a noção de leitura mistura-se, em vários sentidos, com a ideia de autoria. A imensurável profusão de narrativas — escritas, faladas ou cantadas — que circulam nas devoções de Juazeiro do Norte e as múltiplas relações entre o que cada devoto escuta ou lê constituem um caleidoscópio em que as figurações não permitem separações nítidas entre autor e leitor, ou entre autor e ouvinte.

Por outro lado, vale lembrar que fazer cordel é, também, um “meio de vida”. Mesmo tratando-se de uma criação coletiva e de devoção, o folheto sobre Juazeiro do Norte é, também, uma mercadoria. Isso faz com que, em certos momentos, o direito autoral seja reivindicado. Expressando a relação entre sobrevivência e criação poética, o poeta-devoto João de Cristo Rei tentou inibir o plágio com uma advertência publicada no fim de um cordel: “Meu folheto é registrado / Processo dentro da lei / Ladrão que for encontrado / Publicando verço meu / Sem ter por mim rubricado” (*Apud.* CARVALHO, 1994: 72).

Para qualificar o Padre Cícero, o devoto lança mão de sua experiência religiosa calcada no catolicismo: nascimento sem a participação do sexo e planejado pela Sagrada Família; infância dedicada às orações; vocação precoce para o sacerdócio; voto de castidade; conselheiro dentro dos princípios clericais; obediente; caridoso; desprendido das “riquezas materiais”; adepto da penitência e “imitador de Nosso Senhor Jesus Cristo” (JOÃO DE CRISTO REI); sacerdote honesto, bom, incompreendido e perseguido. Com esses predicados, os fiéis configuram a vida do Padre Cícero e juntam argumentos para dizer que ele é o “Grande Santo do Sertão”.

Acreditar na trajetória miraculosa do Padre Cícero, ouvindo e (re)produzindo histórias de um mundo encantado, é realizar um ritual que fornece contorno e impulso para o ato de acreditar, dando-lhe mais e melhor visibilidade. Significa encontrar (ou procurar) palavras para anunciar — e ao mesmo tempo criar — a vivência religiosa.

Em certo sentido, essas narrativas são constituídas pelo calor da linguagem poética, que coloca palavras ou imagens em espaços de encantamento e fé. Como ressalta Bachelard, quando se refere ao “excesso de vida” no calor da imagem poética: “... há sentido em falar de uma linguagem quente, grande lareira de palavras indisciplinadas onde se consome o ser, numa ambição quase louca de promover um mais-ser, um mais que ser.” (1990: 35).

Quem acredita nos poderes de Juazeiro do Norte tem sempre algo para contar. Cada “causo do padrinho” alimenta a religiosidade, produzindo o encantamento e o calor das palavras sobre os milagres de Juazeiro. A fé produz histórias e as histórias exprimem fé.

Com origem em novos acontecimentos, os fiéis refazem suas memórias. Nesse processo descontínuo e ambíguo, são elaboradas novas interpretações em torno de parâmetros instituídos pela tradição. Por exemplo:

em 1961, no calor da “Guerra Fria”, o poeta João José da Silva publicou o folheto *Palavras do Padre Cícero Sobre a Guerra Nuclear*. Abraão Batista escreveu *Receita do Padre Cícero contra o Cólera*, publicado em 1992, quando o Ceará estava ameaçado por essa epidemia. Vários outros títulos revelam que a fé se renova de variadas maneiras: *A voz do Padre Cícero contra a Guerra das Malvinas*, escrito por João de Barros; *Encontro de Tancredo com Pe. Cícero no Céu*, do poeta Pedro Bandeira ou *A visita de Luiz Gonzaga ao Padre Cícero Romão*, feito por Lucas Evangelista para narrar a chegada do “Rei do Baião” ao Paraíso Celeste.

Com o passar do tempo, a imagem do Padre Cícero vai se constituindo das mais variadas maneiras. Além das imagens colocadas no oratório doméstico, na capa do cordel e em outros lugares de devoção, há produtos como o “Vinho Padre Cícero” e a “Pomada Padre Cícero”. Ademais, uma enorme quantidade de estabelecimentos no Nordeste, ou até mesmo em outras regiões, recebe o nome “Padre Cícero”: farmácias, oficinas, lojas, lanchonetes, borracharias, postos de gasolina, restaurantes, mercearias...

Vislumbrar as imagens do “Santo de Juazeiro” assemelha-se à manipulação de um caleidoscópio. Sua memória se faz em múltiplas temporalidades e nos mais distintos suportes. Sua força simbólica reside nessa variedade de contornos, nesse constante reordenamento de traços que atualiza imaginários da tradição. Do santo da casa à casa do santo, o imaginário em torno do Padre Cícero é uma peleja sem fim.

Se vários santos inventam a hagiografia de Juazeiro do Norte, se inúmeras histórias criam a santidade do “Padrinho”, isso significa que a experiência religiosa se faz em múltiplos tempos e espaços, que se movimentam nas escritas do cordel, nas oralidades, nas rezas, nos benditos, no caminhar de cada devoto, na carne que vibra a cada impacto dos pés a palmilhar o território sagrado... É uma experiência composta no cheiro de caldo de cana ou no suor nas ruas cheias de romeiros; no calor da vela queimando sobre o túmulo do “Padrinho”, na quentura do sol que o chapéu de palha não consegue minorar, na voz do ambulante que procura seduzir os romeiros... Memória e esquecimento atualizam o sangue derramado, por meio dos ouvidos que escutam, dos olhos que veem e dormem, do nariz que cheira, da boca que fala, reza e come, da pele que sente, dos pés que andam no chão sagrado...

## Referências Bibliográficas

### 1. Literatura de Cordel

ATHAYDE, João Martins de. *A vida e novos sermões do Padre Cícero*. Juazeiro do Norte, 1950. 15p.

REI, João de Cristo. *A Profecia Misteriosa sobre os trez dias de escuro*. s/d. 08p.

\_\_\_\_\_. *Profecia de Padrinho Cícero sobre os 3 estrondos, o desencanto do horto e do rio Jordão*. s/d. 03p.

\_\_\_\_\_. *Profecia, vida e morte de Padrinho Cícero Romão*. s/d. 07p.

\_\_\_\_\_. *Profecia de Padrinho Cícero sobre a Igreja do Horto*. Juazeiro do Norte. s/d. 08p.

\_\_\_\_\_. *O que diz Meu Padrinho Cícero sobre a Santa Romaria*. s/d. 07p.

\_\_\_\_\_. *O Sermão Misterioso de Padrinho Cícero*. s/d. 08p.

\_\_\_\_\_. *O Mundo em Lamentação*. s/d. 08p.

\_\_\_\_\_. *O Velho que Enganou o Diabo*. Juazeiro do Norte, s/d. 08p.

\_\_\_\_\_. *História da Guerra de Juazeiro em 1914*. Juazeiro do Norte, s/d. 08p.

\_\_\_\_\_. *Nascimento de Padrinho Cícero e a troca misteriosa das Crianças*. Juazeiro do Norte, 1978. 08p.

\_\_\_\_\_. *O homem que falou com o Diabo em Juazeiro*. Juazeiro do Norte. s/d. 09p.

\_\_\_\_\_. *Os Milagres de Padrinho Cícero*. s/d, 08p.

GONÇALVES, Severino. *A Moça que virou cobra*. s/d. 08p.

PACHECO, José. *Lampeão e a Velha Feiticeira*. s/d. 08p.

SILVA, Expedito Sebastião da. *Os Milagres do Padre Cícero*. Juazeiro do Norte.

\_\_\_\_\_. *Em Defesa do Pe. Cícero 'O Apóstolo do Nordeste'*. Juazeiro do Norte, 1983.

SILVA, João Vicente da. *Exemplo da Moça que virou cobra porque falou do Padre Cícero*. s/d. 08p.

SILVA, José Bernardo da. *O Nascimento do Padre Cícero na cidade do Crato - Ceará*. s/d. 08p.

\_\_\_\_\_. *O Cruzeiro do Horto levantado pelo Revmo. Pe. Cícero e sua congregação entre 1900 e 1901*. Juazeiro do Norte, 1942. 08p.

SILVA, Manoel Caboclo e. *O Sermão de meu padrinho no ano de 32*. Juazeiro do Norte, 1989. 06p.

\_\_\_\_\_. *O Padre Cícero em Roma*. 1979, 08p.

\_\_\_\_\_. *A Visita dos Romeiros como era antigamente*. s/d. 08p.

SILVA, Minelvino Francisco. *A Guerra do Juazeiro e o Poder do Padre Cícero*. s/d. 08p.

## 2. Documentos

ADERALDO, Cego. *Eu Sou Cego Aderaldo*. São Paulo: Maltese, 1994.

ALBUQUERQUE, Ulisses Lins de. *Um Sertanejo e o Sertão*. Rio de Janeiro: J. Olímpio; Brasília, INL, 1976.

ANDRADE, L. Costa. *Sertão A Dentro (alguns dias com o Padre Cícero)*. Rio de Janeiro: Typ. Coelho, 1922.

ANSELMO, Otacílio. *Padre Cícero: Mito e Realidade*. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1968.

ARAÚJO, Antônio Gomes de. "Padre Pedro Ribeiro da Silva – o fundador e primeiro capelão de Juazeiro do Norte". *Revista Itaytera*, ano IV, n. IV, 1958.

BARTHOLOMEU, Floro. *Joazeiro e o Pe. Cícero - Depoimento para a História* (Discurso em resposta ao Dr. Paulo de Moraes e Barros, membro da comissão incumbida pelo Governo Federal de inspeccionar as Obras do Nordeste). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1923.

BEZERRA, Antônio. *Notas de Viagem*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1965.

BRITO, José Figueiredo. "A Contribuição dos Romeiros na construção Econômica do Cariri". *Revista Itaytera*, ano 02, 1956.

CAMELLO, C. Nery. *Atravéz dos Sertões*. Rio de Janeiro: Editora a Noite, 1939.

CAMPINA, Maria Conceição Lopes. *Voz do Padre Cícero e Outras Memórias*. São Paulo; Ed. Paulinas, 1985.

CASTRO, Godofredo de. *Joazeiro na Assembléa Legislativa do Ceará – Discursos pronunciados nas sessões de 16, 19, 22 e 23 de Setembro de 1925*

refutando acusações feitas pelo deputado Martins Rodrigues ao padre Cícero Romão Baptista e ao dr. Floro Bartholomeu da Costa. Fortaleza: Typographia S. José, 1925.

“Cópia Authêntica do Processo Instruído Sobre os Factos do Joazeiro (1891)”. (IMOPEC- Instituto da Memória do Povo Cearense - Fortaleza.)

DELGADO, Dom José de Medeiros. *Juazeiro, Padre Cícero e Canindé* – documentário pastoral. Fortaleza, 1968.

DINIS, Manoel. *Mistérios de Joazeiro*. Joazeiro: Tipografia Joazeiro, 1935.

LOURENÇO FILHO, Manoel B. *Juazeiro e o Pe. Cícero: cenas e quadros do Fanatismo no Nordeste*. São Paulo: Ed. Comp. Melhoramentos, s/d.

MACEDO, Padre Manuel. *Joazeiro em Foco*. Fortaleza: Empresa Editora de Autores Católicos, 1925.

MACEDO, Nertan (org.). As Quatro Pastorais de Dom Joaquim José Vieira. In: *O Padre a Beata*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, 1961.

XAVIER DE OLIVEIRA, Amália Xavier de. *O Padre Cícero que Eu Conheci*. Recife: Editora Massangana, 1982.

XAVIER DE OLIVEIRA, Antônio. *Beatos e Cangaceiros*. Rio de Janeiro, 1920.

THEÓPHILO, Rodolpho. *A Sedição do Joazeiro*. São Paulo: Monteiro Lobato & C. – editores, 1922.

VIDAL, Reis. *Padre Cícero – Joazeiro visto de perto, o padre Cícero Romão Baptista sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: Gráfica A Noite, 1936.

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular Na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec: Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcante. *A Terra da Mãe de Deus*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

BLOCH, Marc. *Os Reis Taumaturgos*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1993.

BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1992.

CARVALHO, Gilmar de. Editoração de Folhetos Populares no Ceará. *Revista de Comunicação Social - UFC*. Fortaleza: Imprensa Universitária da UFC, v.17, 1987.

CERTEAU, Michel de. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

\_\_\_\_\_. *A invenção do Cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

\_\_\_\_\_. *A Cultura no Plural*. Campinas: Papyrus, 1995.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural, entre práticas e representações*. Lisboa: Difel / Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. *A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999.

CURRAN, Mark J. *A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na moderna literatura de cordel*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1987.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura Européia e Idade Média Latina*. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1996.

DARNTON, Robert. *O Grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

\_\_\_\_\_. *O Beijo de Lamourette*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1985.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELUMEAU, Jean. *A Confissão e o Perdão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

FERREIRA, Jerusa Pires. *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

\_\_\_\_\_. *Cultura e História Social: historiografia e pesquisa. Projeto História*. São Paulo, n. 10, dez. de 1993

FIGUEIREDO FILHO, José Alves de. *O Folclore no Cariri*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1960.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Belo Horizonte: Vega – Passagens, 1992.

\_\_\_\_\_. (org.) *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão.* Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

KUNZ, Martine. Os Milagres do milagre na voz do poeta popular. *Jornal D. O. Letras.* Fortaleza, n. 16, novembro de 1989.

\_\_\_\_\_. O Sonho, o Padre e o Poeta. *Revista Documentária Comemorativa dos 150 anos de Nascimento do Padre Cícero Romão Batista.* Fortaleza, 1994.

\_\_\_\_\_. Pe. Cícero e a Literatura de Cordel. *Anais do Seminário 150 anos do Pe. Cícero.* Fortaleza: RCV Gráfica e Editora, 1994.

\_\_\_\_\_. *Expedito Sebastião da Silva: poeta-artesão de Juazeiro do Norte.* Juazeiro do Norte: Edições Ipesc-Urca, 1977.

MATOS, Edilene. *O Imaginário na Literatura de Cordel.* Salvador: Edições Macunaíma, 1986.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. Para uma Leitura Sociológica da Literatura de Cordel. *Revista de Ciências Sociais - UFC.* Fortaleza, vol. VIII, 1977.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. Um Confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado. *História da Civilização Brasileira* (tomo III, volume 2). São Paulo: Difel, 1977.

MOTA, Leonardo. *Cantadores (poesia e linguagem do Sertão Cearense).* Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, s/d.

\_\_\_\_\_. *Violeiros do Norte.* Rio de Janeiro: Editora A Noite, 1955)

RAMOS, F. Régis Lopes. *Caldeirão: um estudo histórico sobre o Beato José Lourenço e suas comunidades.* Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará, 1991.

REIS, João José. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX.* São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, Lêda Tâmega. *Mito e Poesia Popular.* Rio de Janeiro: Funarte /Instituto Nacional do Folclore, 1986.

RONDELLI, Beth. *O Narrado e o Vivido: o processo comunicativo das narrativas orais entre pescadores do Maranhão*. Rio de Janeiro: FUNARTE/IBAC, 1993.

SCHOLEM, Gershom. *A Cabala e seu Simbolismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1997.

SLATER, Candace. *Trail of Miracles*. Oakland: University of California Press, 1986.

THOMAS, Keith. *Religião e o Declínio da Magia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VEYNE, Paul. *Acreditaram os Gregos nos Seus Mitos?* Lisboa: Edições 70, 1987.

VITAL E SOUZA, Candice. *A Pátria Geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Editora UFG, 1997.

ZUMTHOR, Paul. *La Mesure du monde*. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

\_\_\_\_\_. *Introdução à Poesia Oral*. São Paulo: Hucitec / Educ, 1997.

*\*Prof. Dr. Francisco Régis Lopes Ramos*

Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.  
Consultoria do Conselho Estadual de Preservação do Patrimônio Cultural.

## O SEMINÁRIO DA PRAINHA: Seu perfil, sua alma, seu espírito.

*Dom Manuel Edmilson da Cruz\**



Seminário Episcopal do Ceará, Seminário Arquidiocesano de Fortaleza, Seminário Provincial de Fortaleza, Seminário Regional Nordeste 1, FAFIFOR (Faculdade de Filosofia de Fortaleza), FCF (Faculdade Católica de Fortaleza). Tantos e tão belos títulos! Tantas e tão expressivas designações numa só e mesma e admirável Instituição, numa só e gloriosa realidade! A começar pela grandeza arquitetônica do edifício, seu estilo inconfundível, sua localização na cidade, cuja construção e formação acompanhou e para a qual contribuiu e continua contribuindo ao longo de sua história. Basta lembrar o altaneiro e majestoso monumento da praça adjacente, - a coluna Cristo Redentor, - hoje um dos cartões postais da cidade de Fortaleza construída pelos padres do Seminário contra a opinião dos entendidos, à imitação da famosa Collone Vandôme, de Paris, erguida com o bronze dos canhões conquistados nas batalhas de Napoleão Bonaparte.

Na Universidade da Vida que tem por Faculdades principais a Faculdade do Lar, a Igreja e a Escola, a Faculdade Seminário (menor e maior) exerce uma função insubstituível na formação da pessoa e da personalidade. Inicialmente impercebida, ela vai acontecendo de variados modos, innotados tons e formas diversificadas numa sequência que em todos e em cada um ininterruptamente se processa, marcando permanentemente cada um e edificando-lhe a imagem e a figura para sempre. Processo muitas vezes inconsciente, mas nem por isso ineficaz. Pois "fica sempre um pouco de perfume nas mãos que espalharam rosas,

nas mãos que sabem ser generosas.” É o que também nos ensina o adágio popular: “Dize-me com quem andas e eu dirte-ei quem és” que em outras palavras pode-se traduzir por: “Dize-me o que falas e dirte-ei quem és”.

Acompanhando os betanistas (Associação dos ex-alunos do Seminário São José de Sobral) e os asselistas (do Seminário Santo Cura d’Ars de Limoeiro do Norte) nos seus programados encontros de todos os anos, observa-se que por unanimidade eles proclamam convictos que é ao Seminário que eles devem o que são e conseguiram ser na vida. E em todas as suas reuniões, em todas essas reuniões densas de conteúdo existencial e de testemunhos impressionantes, seja pela nobreza da gratidão – um reconhecimento que vai crescendo sempre, - seja pela repetição que não enfada, mas ao invés reciprocamente os revigora e anima a tal ponto que, atendendo ao apelo da consciência em decorrência da minha convicção do que acima classifiquei como Faculdade do Lar, sempre lhes chamei a atenção, por dever de justiça, para o papel anterior e igualmente verdadeiro que neles se processa sem exceção, isto é, a influência do lar cristão, o que equivale a dizer: do lar católico.

Si – sol – lá – ré

Ré – lá - si – sol

Si – sol – lá – ré

Ré – lá - si – sol

As torres da Prainha. Celestiais, altaneiras, majestosas. Um gosto, quicá um momento de oração. No seu silêncio permanente toda uma eloquência. Como era bom pousar sobre elas um olhar atento e contemplativo. Outro lado importante que não dá para relegar-se aos desvãos do esquecimento, é este: ex-aluno do Seminário é gente de bem, pessoa ajustada à vida, alguém de atuação marcante na sociedade, alguns que dão nome a rua de cidade, figura de destaque na história de seu lugar de origem, do seu Estado natal, e às vezes, até do nosso país.

Recordando a vida no Seminário voltemos o olhar para o aspecto físico da casa.

A entrada. A grande escadaria de cedro que se bifurca a certa altura para os dois lados do vestíbulo e que conduz ao primeiro piso. Os longos corredores, os harmoniosos arcos das largas paredes, os espaçosos galpões dos recreios, os pátios, as árvores. No Seminário Maior as duas tamarineiras plantadas, dizem, pelo seminarista Antônio Tomás, futuro

Pe. Antônio Tomás. As duas vetustas e verdejantes árvores das quais uma foi cortada na reforma que prolongou a nave lateral direita da Prainha. E no Seminário menor a tamareira. As imagens estátuas. A do Santo Cura d'Arts no galpão de recreio do Seminário maior, a de São Vicente de Paulo já mencionada, no centro do átrio do Seminário Menor. O belo painel "Vem e Segue-me", óleo do seminarista Alberto Ramos, futuro Arcebispo de Belém, fixado a altura de uma tesoura no recreio. O retrato de um Padre professor holandês na sala de aula da Filosofia e um outro a óleo de Santo Tomás de Aquino na sala de aulas de Teologia.

Quando ainda não havia relógio de pulso, era um verdadeiro serviço, não só para o Seminário senão para todos os moradores do entorno, o grande relógio do torreão interno, com seus quadrantes visíveis à distância, marcando as horas e os quartos de hora de dia e de noite:

Os sinos da Prainha. Nas torres estão os sinos, um carrilhão. Numa, bem visível o maior, o Centenário (que ainda não tinha rachado): duzentos quilos; na outra, os menores. Acionados por meio de cabos muito fortes, o Centenário chegava a suspender quem o acionava. Eu fui sineiro. Sei o que estou dizendo. A esse respeito vale à pena, conforta e edifica aos do meu tempo recordar o inspirado cântico triunfal: Sonho Medieval. Escrito pelo inspirado poeta Osvaldo Chaves, recém entrado no Seminário, vindo de Sobral.

Acontecimento marcante na história do Seminário: o desabamento repentino de todo o dormitório dos teólogos no dia 7 de julho de 1894, pelas três e trinta da manhã debaixo de uma chuva torrencial. Até o recordar impressiona. Os 17 teólogos dormiam profundamente quando desabou todo o conjunto dessa parte do Seminário. Pode-se imaginar o susto e o pavor de todos numa Fortaleza que ainda não dispunha de luz elétrica. Resultado: um verdadeiro milagre! Dos 17 só um estava um pouco contundido, outro com um lábio levemente rachado e um terceiro, com alguns arranhões na perna. Em memória os Padres colocaram em um nicho ao fundo do longo corredor na altura da parede contígua à igreja da Prainha uma bela imagem da Virgem Virgo Potens (Virgem Poderosa) que hoje é venerada na correspondente nave lateral.

Em toda essa realidade há personagens que se destacam. O bispo diocesano é de todas a primeira. Vêm depois os formadores, os professores e professoras, os mestres, notadamente os padres. Às vezes também, algum colega de turma ou contemporâneo de seminário: os mais virtuosos, os mais inteligentes, os mais dedicados. Pessoas humanas

todos nós, importa anotar a influência negativa, atuando às vezes como mau exemplo, algum procedimento que não se deve adotar. Não se trata, contudo, de atitude marcante. São alguns casos de vocação duvidosa, inexistente, “vocação” mais de uma mãe piedosa, sim, mas não devidamente orientada. São os que terminam por não se ajustar à disciplina e à formação da casa, os raros que levam dela para a vida alguma mágoa, uma revolta e, graças a Deus, não demoram muito no Seminário. Mesmo assim, reconhecem a formação que ali se ministra. Pois a bem da verdade, isso se percebe em nossos encontros onde falam sempre bem do Seminário.

Falta imperdoável seria não recordar aqui a presença e atuação do médico ex-seminarista da Prainha, Dr. João Otávio Lobo e do dentista Dr. Plutarco Montenegro, pai da Ir. Maria Montenegro, Irmã de Caridade que muito tempo depois, como professora, terá grande importância na formação do nosso clero.

Quem é que não se lembra das santas ironias bem francesas do velho e venerável Pe. Pedro Zinguerlê? Vou recordar apenas duas. Após a primeira sessão do Concílio Vaticano II foi muito grande o desencanto, a decepção que atingiu muitos sacerdotes em toda parte. Tanto assim que a Diocese de Limoeiro, de clero bem formado, perdeu 27 de seus padres que renunciaram ao ministério sacerdotal e se casaram. Mas fato interessante: os padres até então usavam batina preta de casimira, às vezes faixa preta e chapéu. No centro da cabeça estava a tonsura. Como por encanto do dia para noite desapareceram a batina, a tonsura e o chapéu. Um piedoso sacerdote amigo do Pe. Pedro foi visitá-lo, preocupado porque os padres não andavam mais de chapéu e perguntou-lhe: Padre Mestre, que é que se faz com esses padres que não andam mais de chapéu? Resposta do Pe. Pedro: *miserave*, eles não tem mais cabeça! (*Miserave*, no sentido francês mais ou menos correspondente ao nosso afetoso *pobrezinho*, e *santo* era como o Pe. Pedro tratava a todos). Uma vez alguém lhe perguntou: Pe. Mestre, no mundo de agora, tão mudado como está, o que existe mais, os *santos* ou os *miseraves*? Respondeu: *Miserave*, agora tudo é *santo*. Bom lembrar também a presença do Pe. Pedro na enfermaria sempre cuidando com muita dedicação, com muito amor dos que estavam doentes. Toda madrugadinha podia se contar por certo, lá no coro da Prainha, estava o Pe. Pedro de joelhos, calvície entre as mãos, em oração.

Estaria eu esquecendo, ou pior, desvalorizando as pessoas do serviço da casa, os empregados, as empregadas? Mas, para recordar só

alguns haverá ex-aluno da Prainha que não se lembre com respeito e admiração do seu Antônio, o porteiro, tão atencioso? Do mestre Raimundo? Mestre Raimundo... o *fac-totum* que fazia dos consertos do piso às instalações hidráulicas ou elétricas, à fabricação da armadura de seus próprios óculos. Do sapateiro, o Toré? Sapatos consertados, novas meia-solas em mãos ou na sacola, entrando de Seminário a dentro na hora dos recreios, repetindo em alta voz: Seu menino! Seu menino! E o galego Elias com a sua grande bandeja, oferecendo um mundo de quinquilharias?

Repassemos agora a vida diária do Seminário Maior: despertar às cinco da manhã com uma breve oração iniciada ainda na cama. Em silêncio, o banho. Depois, ida para a capela interna, oração da manhã e meditação. Em seguida, para o refeitório sob a presidência de um padre: um grande salão, a imagem de Cristo crucificado, a tribuna para o leitor e ao fundo a roda semelhante a um tambor de madeira vazio através do qual vinha a comida. O café era servido pelos empregados. Tudo em silêncio. No púlpito um seminarista proclamava um texto da Bíblia e depois fazia a leitura de um bom livro, às vezes biografias. Destas, a que mais me impressionou foi o livro de Hugo Wast intitulado “Dom Bosco e o seu Tempo”. Como era bom quando em dias feriados ou pela presença de um Sr. Bispo o presidente proclamava o *Deo Gratias*. Era aquela alegria e começava a conversa animada que ia até o fim.

Agora o recreio. No recreio geralmente cada um fazia espontaneamente uma breve visita ao Santíssimo na Igreja da Prainha. Depois do recreio do café, todos no salão de estudo para a preparação da primeira aula. Duas aulas pela manhã, duas à tarde. Após o recreio da segunda aula da manhã iam todos à capela, para o exame de consciência, baseado na leitura do Crampon. O almoço nas condições já indicadas e em seguida o recreio. Enquanto alguns ficavam no recreio, outros, a maioria, ia para o dormitório onde em silêncio desfrutavam de uma boa sesta.

Após a sesta, ao toque da sineta, o estudo de preparação da primeira aula da tarde: reunidos no vasto salão, cada qual na sua escrivaninha estudava em silêncio. Por causa do calor este era um estudo em que o sono, às vezes, dominava um ou outro. Depois dessa terceira aula, o recreio com uma merenda particular de cada um que a recebia de sua família ou de alguma pessoa amiga e que era compartilhada, às vezes, entre amigos quando o outro não tinha. Toque da sineta, volta ao salão de estudos, preparação da última aula, depois da qual vinha um tempo de oração na

capela e então, o jantar, em silêncio com a leitura do Martyrológium, em latim, terminando sempre com estas palavras: *Et álibi aliorum plurimorum sanctorum martyrum et confessorum atque sanctarum virginum. Tu, autem, Domine, miserere nobis.* (E em outros lugares numerosos mártires, confessores, santos e virgens. E tu, Senhor, tem piedade de nós.) Depois um recreio mais longo a com a animação das conversas, os jogos de salão: sinuca, pingpong, firo, damas e voleibol para quem gostava. A propósito de esportes havia no tempo conveniente o futebol, o voleibol, às vezes o basquete jogado de batina arregaçada. A animação do brocoió e para alguns idas e voltas no pátio treinando conversar em uma língua estrangeira, geralmente Inglês. Depois, na capela menor, no primeiro piso, a leitura espiritual e, às segundas-feiras, a conferência do Pe. Reitor. Finalmente, em silêncio, às nove horas, no dormitório, para o sono da noite. Assim terminava o dia.

As férias de dezembro e janeiro e as de julho. O boletim de conduta dado pelo Pároco na volta do seminarista ao Seminário, ao retornar das férias. As visitas da família aos domingos. A tudo isso acresce alguma coisa excepcional: a visita de pessoas importantes: bispos, sacerdotes, leigos. E às vezes, coisas inimagináveis. Por exemplo, no meu tempo, uma dupla com um dos seus membros que engolia tudo, até giletos que ele mostrava pela chapa dos raios-X do seu estômago.

Um breve olhar agora para a liturgia. As grandes celebrações litúrgicas, as solenidades da Semana Santa, a figura do presidente, o senhor Arcebispo. As procissões, os Irmãos do Santíssimo de opas violácio-vermelhas, os cânticos em latim, às vezes também em português. O barulho da matraca. As mortificações, a penitência da quaresma e a alegria da Páscoa. Depois o passeio pascal sempre muito animado. As celebrações de encerramento anual da Campanha pelas Vocações Sacerdotais em outubro, no Teatro José de Alencar lotado de assistentes, a figura do Pe. Pedro Perdigão com a leitura do relatório anual e seus resultados, o cântico em francês bem ensaiado e bem executado da epopéia sacrorreligiosa *Les Martyrs* (Os Mártires). Ainda estou ouvindo, tal a minha impressão: *Cesar! Ceux qui vont mourir te saluent, Cesar!* (Cesar, os que vão morrer te saúdam!) Que emoção profunda se gravava em cada um de nós para toda a vida!

Voltando ao Seminário. As celebrações dominicais e dos dias de festa. A missa pela manhã às sete horas na Prainha. A Igreja bem lotada de fiéis. Os celebrantes. O padre, o diácono, o subdiácono no altar com

seus respectivos paramentos, os acólitos. A imagem de Jesus crucificado, a imagem da Imaculada Conceição do altar mor e nas laterais, as imagens de Jesus no Horto com o anjo confortando-o, a de Nossa Senhora da Piedade com Jesus morto ao colo em sua tranquila expressão de uma dor imensa, a de São Francisco de Assis, a de Santo Antônio, a do Sagrado Coração de Jesus, a de Nossa Senhora das Graças (da Medalha Milagrosa). A miraculosa conversão do judeu Afonso Ratisbona. A música e os cânticos sagrados. Pedro Alcântara ou Teófilo Rocha ou Ágil Moreira ao harmônio. À tarde, as vésperas. Padres e seminaristas com suas vestes litúrgicas em volta do altar e os seminaristas de batina e sobrepeliz nos seus lugares. O cântico do salmo 113:

“In éxitu, Israel de Aegypto,  
Domus Jacob, de populo bár-ba-ro”  
(Na saída de Israel do Egipto  
A Casa de Jacó, de um povo bárbaro).

As ordenações precedidas pela tonsura clerical quando o seminarista recebia a tonsura na cabeça e era incorporado ao clero. Depois as ordens menores (Ostiariado, leitorado, acolitato e exorcitato) no seu devido tempo, às vezes impedidas ou adiadas por preterições geralmente provisórias, e as ordens maiores (subdiaconato, diaconato, presbiterato).

Os clubes. Clube mesmo que não tivessem propriamente esse nome eram duas entidades que se reuniam com seus membros todo dia no recreio da noite, especialmente. Não eram reuniões oficiais, mas encontros espontâneos, naturais, não necessários, mas de todos os dias. O mais concorrido era o Brocoió. Foi só aí que eu encontrei esta palavra. Palavra onomatopaica, cujos sons reproduzem a realidade por imitação, por semelhança. O brocoió era a animação, a anedota, a piada, a brincadeira, a crítica alegre, alguma pequena censura, algum fato do dia, alguma pessoa. Era coisa muito interessante. Era simplesmente um encontro animado e bem aceito. O outro, muito menor em número de participantes, chamava-se Chetife. A diferença entre os dois estava mais nos tipos de participantes: seminaristas mais circunspectos, menos brincalhões, mais reservados.

As sessões do Centro de Improviso São João Crisóstomo: toda quarta-feira, no recreio do almoço, sob a presidência do seminarista presidente. Era um treinamento não obrigatório dos seminaristas para o ministério da pregação. Muito importante!

As sessões do Centro de Estudos Santo Tomás de Aquino (CESTA), fundado pelo seminarista Hélder Câmara. Aqui eram estudos, geralmente escritos, expostos pelo autor no salão de Teologia. Para isso ele podia dispor dos livros da Biblioteca do Seminário. A Faculdade Católica de Fortaleza tem hoje a sua revista *Kairós*. O Seminário da Prainha também teve a sua: *A Voz do Seminário*. E eram os seminaristas do Seminário maior que escreviam os artigos.

Os passeios. Aconteciam algumas vezes durante o ano. Esperados com boa disposição, quase ansiedade, em casas ou propriedades fora da cidade. Ocupavam o dia. Padres e seminaristas participavam tanto os teólogos quanto os filósofos. Muita animação, cânticos e músicas, muita guloseima, uma beleza!

Dia de saída mensal. Numa quarta-feira. Uma alegria para todos e uma tristeza para um ou outro que não participasse; isto para a correção de algum mau comportamento.

A Catequese. Todos os alunos do Seminário Maior eram catequistas. Ministravam a catequese tradicional para meninos e adolescentes do sexo masculino todos os domingos no Teatro São José, do outro lado da praça. Os alunos recebiam um pequeno cartão no fim da aula, - um atestado de frequência que lhes assegurava prêmios no fim do ano. Bom observar que o Seminário da Prainha foi fundado e confiado aos Padres da Congregação da Missão com a intenção de formar novo tipo de sacerdote, o que ele realmente conseguiu, no Ceará, onde a imagem do Padre figurava como um homem de batina com um terço numa das mãos e um bacamarte na outra.

Tudo isto durante doze anos. Seis no Seminário Menor e seis no Seminário Maior, sendo nestes, dois para a Filosofia e quatro para a Teologia. Doze anos de formação seguida. Pode-se imaginar o tipo de sacerdote e de pessoa humana assim formada.

Os Vicentinos. Prolongamento da sacristia para o lado que dá para a praça da coluna Cristo Redentor em sala que lhes era reservada, reuniam-se todos os domingos os Vicentinos. Fundados na França por um leigo Frederico Ozanan ainda hoje presente e atuante em todo o Brasil e em muitos outros países são eles um testemunho permanente de caridade evangélica e vicentina. Só Deus lhes pode avaliar e recompensar devidamente os méritos!

Voltemos a falar sobre os senhores bispos. E vou destacar os dois primeiros porque os outros estão mais próximos de nós e os conhecemos melhor.

Dom Luís Antônio dos Santos, fluminense, o primeiro. Começou sua formação em Mariana, no Seminário do Caraça, Minas Gerais. Depois na França e em Roma. Com grande influência de seus formadores Lazaristas, Padres da Congregação da Missão de São Vicente de Paulo, chegou a pensar em ser lazarista, mas terminou por optar pelo sacerdócio diocesano. Em Fortaleza, no Ceará, foi o grande organizador da Diocese, o fundador do Seminário da Prainha e como extensão deste, do Seminário São José do Crato, para onde se dirigiu e onde passou seis meses até deixá-lo funcionando. Não alcançou em Sobral o mesmo resultado. Em Fortaleza fundou também o Colégio da Imaculada Conceição para a educação da juventude feminina confiada à direção das Irmãs de Caridade de São Vicente de Paulo vindas da França. Bispo culto, sábio, admirável, muito amado pelo clero e pelo povo. Por todos respeitado. De comportamento santo e heróico muitas vezes. De toda sua vida ressalto este fato: em tempo de seca e de peste que dizimou a população de Fortaleza e do Ceará, Dom Luís visitava, consolava, confortava os pestilentos, alojados em condições repugnantes e desumanas e notem bem: às vezes deitado ao lado do enfermo para atendê-lo em confissão.

Dom Joaquim. Estamos nos tempos do Padroado, herdado de Portugal dos reis fidelíssimos, dos reis católicos, apostólicos romanos e portugueses. O catolicismo religião oficial do Estado. Do Imperador depende a nomeação dos Bispos e dos Padres. Sem a sua indicação aceita por Roma não se cria nenhuma paróquia, nenhuma diocese, não se funda nenhum seminário. Dele também depende a vida da Igreja. Nesse contexto, o Pe. Vieirinha, de Itapetininga, São Paulo, é Vigário de Campinas. Estamos no ciclo do café. O imperador Dom Pedro II com seu séquito está em visita à cidade. Chega o Imperador, a cidade em festa e o Padre Vieirinha não comparece, o que é contra o protocolo. Algo inimaginável. O Pe. Vieirinha tinha fundado a Santa Casa de Misericórdia. O que lhe granjeava grande estima e gratidão do povo. Estranha o Imperador o seu procedimento inexplicável, inadmissível e manda chamá-lo. Resposta do Pe. Vieirinha: "Recuso-me a comparecer e beijar a mão de sua Majestade, a mesma mão que assinou o Decreto de condenação a trabalhos forçados dos senhores Bispos Dom Vital da Penha, de Olinda e Recife e de Dom Antônio Macedo Costa, de Belém, pela condenação dos grãos-mestres maçons na questão das Irmandades". Reação do imperador: de volta ao Rio, nomeou o Pe.

Vieirinha Conselheiro de Estado de sua Majestade e logo depois o indicou para segundo Bispo do Ceará. O caso também recorda outro gesto, o do Marechal Luis Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, que só aceitou o convite de Dom Pedro II para Primeiro Ministro do Império depois que ele retirou a condenação dos dois prelados.

Está no momento do ponto final. Minha intenção não foi resumir a história do Seminário da Prainha. Foi muito mais a de recolher e esboçar o seu perfil, a sua alma, o seu espírito, aquele mundo de realidades, atitudes, comportamentos e gestos que vão acontecendo ao longo do decorrer dos tempos, um tesouro de belezas, de alegrias, de vitórias, de alguma derrota que a gente vê não vendo, ou melhor, não vê vendo e que se imprime em nós que os presenciamos e ficam em nós para sempre. Um tesouro que se vive sem notar e se comunica e se transmite espontaneamente. Muitos deles não ficam na história. Aqui não há um ponto final, há dois pontos: “Amém. Vem, Senhor Jesus. A graça do Senhor Jesus esteja com todos” (Ap. 22,20-21).

Pare, ore, sinta, pense, entenda, ame e viva.

*\*Dom Manuel Edmilson da Cruz*  
Bispo Emérito de Limoeiro do Norte-CE

## O TEMPO NA FILOSOFIA ANTIGA E DA IDADE MÉDIA

Jan G.J. ter Reegen\*

### Introdução

Todos somos pessoas que não somente vivem no tempo e sob o manto do tempo; sem dúvida, somos tempo. Toda a nossa história se desenvolve no tempo, e é marcada por seu avanço, implacável. Por exemplo, nestes dias, faz 50 anos que cheguei ao Brasil, provindo da Itália, onde estudei por 03 anos, depois de ter vivido 23 anos na Holanda.

Naqueles dias, o Seminário da Prainha estava na boca do mundo clerical: a celebração dos seus 100 anos de fundação coincidiu com uma crise acentuada entre a direção/corpo docente e o corpo discente, entre outros fatores, originada pelo “aggiornamento” da Igreja, vivida e promovida pelo Concílio Vaticano II, em pleno funcionamento. Tal situação acentuou e agravou-se, levando à saída da Congregação das Missões – os Lazaristas – do Seminário e a entrega de sua direção ao clero arquidiocesano, até à hora do seu encerramento alguns anos mais tarde. Vivenciei, ainda, como professor de Liturgia os últimos momentos da Seminário.

Considero uma honra haver participado e, ainda, participar da evolução desta Casa, agora renovada, depois de múltiplas peripécias, e rejuvenescida como Faculdade Católica de Fortaleza, que é uma seiva que faz crescer, não somente em volume, mas, sobretudo, em profundidade, a dedicação ao pensar filosófico e teológico do nosso tempo: *Cooperatores Veritatis*.

### I - O pensar a respeito do Tempo na Filosofia Antiga e da Idade Média.

O tema central da minha conferência é o Tempo na Filosofia Antiga e na Filosofia Medieval. Vou abordar o tema em dois níveis<sup>1</sup>:

---

<sup>1</sup> Não numa perspectiva que envolve muitos nomes e teorias, como, por exemplo, na publicação *Tempo e Eternidadena Idade Média*. Organizadores: TER REEGEN, Jan G.J., DE BONI, L.A.; COSTA, M.N. Porto Alegre: EST/Edições, 2007.

como se *pensa* e como se *vive* o tempo nestas duas épocas, fundamentais para a cultura humana, mediante uma exposição dos aspectos mais importantes e adequados – tanto do pensar como do viver - que possam levar a um entendimento mais aprofundado, e por isso seguro, sem o perigo de cair num superficial e estéril historicismo.

Pode-se lembrar das palavras de Parmênides, para quem “pensar e viver são a mesma coisa”<sup>2</sup>, embora nem sempre o próprio viver seja o caminho do pensar de forma rigorosa ou automática.

## **I. A – Pensar o Tempo na Filosofia Antiga**

Na Mitologia Grega encontra-se um momento rico e profundo em que já se vislumbra o pensar filosófico do homem grego. Isto se manifesta por meio de perguntas básicas sobre questões fundamentais do homem e do seu mundo, entre outras o tempo, linha que vem sendo puxada num tear de forma arbitrária, sob o domínio absoluto das Moiras, “as potestades do destino”<sup>3</sup> que nada tem de racional, mas são puro acaso. Além disso, se encontra um tempo cíclico, simbolizado na história do Cronos, que devorava, um após o outro, os filhos que lhe nasciam. Num determinado momento, no entanto, induzido, os filhos ao tempo, vomitando-os em ordem inversa, sendo destarte Zeus o primeiro, fazendo o tempo voltar.

Para indicar o tempo é, também, usada a palavra “aioon”, uma realidade que até hoje perambula entre Filosofia e Teologia, com alguns novos aspectos significativos, diferentes do original, porque o “aioon”, embora o tempo esteja presente no seu conceito, quer, sobretudo, dizer força de vida, fonte de virilidade, tempo de vida. O conceito desenvolveu-se para o significado de eternidade, não exatamente como uma duração sem fim, mas como um processo que acaba<sup>4</sup>.

1- No início da história da Filosofia, embora não sejam as primeiras, destacam-se as figuras de Anaximandro e Empédocles. O

---

<sup>2</sup> ANAXIMANDRO, PARMENIDES, HERACLITO. Os Pensadores Originários. Introdução, LEÃO, E.C., Tradução, LEÃO, E.C. e WRUBLESWKI. Petrópolis: Vozes 1991, p.45.

<sup>3</sup> SISSA, G. e DETIENNE, M. Os Deuses Gregos. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p.267.

<sup>4</sup> REALE, G. *Historia da Filosofia Antiga*. vol. V. Tradução LIMA VAZ, H.L. e PERINE, M. São Paulo:, Edições Loyola, 1995, p. 102. Cfr., também, PEETERS, F.E. *Termos filosóficos Gregos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, p. 18.

primeiro enuncia, numa frase famosa e de custosa interpretação e compreensão<sup>5</sup>:

Todas as coisas se dissipam onde tiveram a sua gênese, conforme a necessidade, pois pagam umas às outras castigo e expiação, conforme a determinação do tempo.

Desta forma explica-se que há um tempo de nascer e de morrer e de que tudo tem o seu tempo.

2- A mesma realidade, isto, é a da sucessão do tempo num ritmo cíclico é explicada nas grandes e belas poesias de Empédocles: *Sobre a Natureza* e *As Purificações*.<sup>6</sup> Na primeira, encontram-se as ideias de *Amor e Ódio*, ou *Atração e Rejeição*, que formam um eterno “vai e volta”, em que as coisas se amam e se odeiam, se unem e se separam, se aproximam e se distanciam, deixando bem claro que a união e a separação acontecem numa infinita sucessão, deixando entrever não somente a eternidade do movimento, mas igualmente a do tempo.

3- Na mesma linha, desenvolve-se o pensamento dos pitagóricos<sup>7</sup>, que, com a sua reflexão místico-científica, nos confronta, na linha do pensamento de Anaximandro, com os conceitos de limitado e ilimitado, onde – entre as várias manifestações deste bônimo – surge o tempo, expresso em números. Esta linha se encontra aperfeiçoada, no sentido de “desmistificada” no pensamento aristotélico.

4- Chegamos a Platão, que descreve “o” homem como imortal, e nesta perspectiva uma tradição lhe atribui e tenta elucidar a sua apresentação do tempo como “imagem móvel da eternidade”. (Tim. 37 d.5). Deste modo, o tempo se exprime como uma imagem da manifestação de uma presença que nunca passa, a qual indica o “agora”, um momento atual. Assim se chega, de certa forma, a uma dimensão espiritual do tempo, expressa num belíssimo trecho do diálogo Timeu – um dos mais complexos e ricos da obra platônica:-

[...] ora, quando o pai que o gerou percebeu que tinha gerado uma imagem dos deuses eternos, dotada de movimento e de vida, alegrou-se e,

---

<sup>5</sup> Esta é a versão de BORNHEIM, G. Há várias traduções nas fontes disponíveis, e.o. de KIRK-RAVEN: *E a fonte das gerações das coisas que existem é aquela em que se verifica também a destruição segundo a necessidade, pois pagam castigo e retribuição uns aos outros, pela sua injustiça, de acordo com o decreto do Tempo*. Os Filósofos Pré-socráticos. Lisboa: Fundação Caloute Gulbenkian, 1985, p.115.

<sup>6</sup> BORNHEIM, o.c.p. 67.

<sup>7</sup> Evito usar “Pitágoras”, porque é sabido que não temos nenhum escrito dele, tudo é fruto dos relatos dos seus discípulos e das “doxografias”.

de satisfeito que estava, reflectiu na maneira de a tornar ainda mais semelhante ao paradigma. E, como o paradigma é um ser vivo eterno, empreendeu tornar este universo, na medida do possível, igualmente eterno. Porém, acontecendo que a natureza daquele ser vivo é eterna, não era possível adaptá-la completamente ao universo gerado; foi por isso que concebeu produzir uma imagem móvel da eternidade. Assim, ao ordenar o céu, produziu uma imagem eterna da eternidade, que permanece na unidade, imagem essa que se move segundo um número, e que é aquilo a que chamamos tempo. Efetivamente, os dias e as noites, os meses e os anos, não existiam antes de o céu ter sido gerado; pois foi ao mesmo tempo que constituía este que produziu também a geração daqueles; e todos eles são parte do tempo. E o que era e o que será são formas geradas do tempo, as quais aplicamos incorrectamente à substância eterna, esquecendo a sua natureza; de facto, dizemos que foi, que é e que será, quando “e” é a única expressão que se lhe aplica com verdade, enquanto “era” e “será” são expressões que convêm àquilo que se gera e se move no tempo – porque são ambos movimentos. Mas, àquilo que permanece sempre, sem se mover, não se aplica tornar-se mais velho, nem tornar-se mais novo, com a passagem do tempo, nem ter sido gerado no passado, nem ser gerado agora, nem vir a ser no futuro, nem nenhuma daquelas coisas que a geração juntou àquilo que se move na ordem sensível, uma vez que estas coisas são formas do tempo que imita a eternidade e que gira em círculos segundo o número<sup>8</sup>.

5- Com Aristóteles, que para os filósofos árabes da Idade Média e seus comentaristas é considerado um pensador maior do que Platão, inicia-se uma reflexão “mais física” e extensa, talvez mais profunda, visto que ele vê o tempo como uma realidade impreterivelmente ligada ao movimento. Sabendo que para Aristóteles o movimento é eterno, consequentemente, o será, também, o tempo. Na sua obra *Física*, o Estagirita afirma isto claramente, quando define o tempo “como o número de um movimento segundo o anterior e o posterior” e tornando-se mais preciso ainda quando afirma que “o tempo é aquilo por meio de que o movimento tem um número”<sup>9</sup>. Mas, onde existe o tempo?

[...] “nas coisas”, como nos parece, ou será ele dependente da alma, tal qual um número não pode existir sem alguém que conte (*Física*, IV,11, 219b 1-3). Ele adota uma solução de compromisso: existe sim, por assim dizer, um tempo nas coisas, mas ele só é em potência; é uma coisa indeterminada “o que faz que haja tempo” e que só se torna tempo quando é apreendido como tal por um ato da alma que “afirma” que o

---

<sup>8</sup> PLATÃO, *Timeu*, Introdução de Trindade dos Santos, tradução de Maria José Figueiredo, Lisboa: Instituto Piaget, 2004.

<sup>9</sup> ARISTÓTELES, *Física* IV, 10-16.)

“agora” presente é distinto de um “agora” anterior. [...] O tempo é contínuo, ou seja, indefinidamente divisível; um “agora” não pode ser contíguo a um outro “agora”. [...] ele é infinito [...] ele existe de uma forma original, como um dia que passa ou uma luta que se desenrola, sendo que “o que se apreende não permanece” (Física, III, 6, 206<sup>a</sup>21-25, b13-14; 208<sup>a</sup>20-21) ... [...] O futuro é qualitativa e ontologicamente diferente do passado, o que se traduz pelo estatuto lógico muito particular dos enunciados no futuro a respeito de fatos singulares [...] <sup>10</sup>

6- No fim do período clássico, chama atenção a figura de Plotino, expressão máxima do Neoplatonismo Primeiro, em que – embora com ênfase em Platão – encontramos uma síntese entre o pensamento deste e Aristóteles.<sup>11</sup> Para Plotino, o tempo está ligado à vida da alma em movimento, quando passa de um a outro, de uma experiência a outra. Na *Terceira Eneada*, Trat. III, 7 cap. 7-13, descreve o que o tempo *não* é: o tempo não é o movimento, nem todo movimento, nem o da esfera celestial; nem mesmo é a esfera celestial. O tempo não pode ser considerado a medida do movimento, tanto como um movimento medido, quanto um número abstrato medidor nem como o sujeito que mede; afinal, o tempo não é concomitante do movimento. O que é, porém, então, o tempo? Plotino oferece a seguinte definição: é a vida da Alma em movimento de transição de um modo de vida a outro em contraste com a eternidade como Vida Imutável. Sendo assim, ele é a prolongação da vida e atividade contínua da Alma no cosmos, desenvolvendo-se numa série sucessiva de mudanças regulares e similares.

7- Como figura situada no fim do Pensamento Antigo Tardio – outros já a colocam como início da Idade Média Alta – onde se constata o profundo encontro do pensamento pagão com o pensamento cristão, destaca-se a pessoa de Santo Agostinho, o bispo de Hipona. Num aprofundamento do seu pensar sobre o tempo, encontram-se alguns escritos seus que se impõem. Além dos capítulos 11, 12 e 13 das *Confissões*, são importantes seus *Comentários sobre os Livros do Gênesis*.

A inspiração do que se segue é baseada num ensaio do estudioso luterano finlandês Knuutila<sup>12</sup>. Quando, depois de refletir sobre a questão posta por Agostinho nas *Confissões* - “o que Deus estava fazendo antes de

---

<sup>10</sup> PELLEGRIN, P. *Vocabulário de Aristóteles*. Tradução, de Berliner, Claudia. São Paulo: Martins Fontes, 2011, p.63-65.

<sup>11</sup> PLOTINO, *Eneadas III-IV – El tiempo, 7-13. Introducción y notas de Jesús Igal*. Madrid, Editora Gredos, 1985.

<sup>12</sup> KNUUTILA, Simo. Time and creation in Augustin. In: *The Cambridge Companion to Augustin*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 103-116.

criar o mundo” e “Deus criou tudo o que ele podia criar?” - inicia sua exposição com aquele jogadinho de palavras de Santo Agostinho, quando esta diz: “E como responder a quem pergunta o que fazia Deus antes de criar o céu e a terra”? Não vou responder como aquele, que segundo se narra, respondeu contornando com graça a dificuldade da pergunta: Deus preparava o inferno para aqueles que perscrutam os profundos mistérios. Agostinho diz: “não vou responder assim!, pois uma coisa é procurar compreender, outra é querer brincar”. Preferiu dizer: não sei. E continua dizendo: “se ninguém me perguntar a respeito do tempo eu sei, porém, se eu quiser explicar àquele que me perguntou, já não sei”... Então, o que tem que ser colocado como ponto básico é que toda a criação se constitui uma atualização da eterna e imutável decisão de Deus. Uma decisão no caso de Deus não implica uma mudança no querer ou na vontade; além disso, Deus sem fazer nada antes não tem sentido, porque Deus antecede o mundo criado no sentido temporal. É nesta linha que Agostino argumenta que a prática de medir o tempo é temporal, baseada no fato de que a consciência humana funciona antecipando o futuro, lembrando o passado e estando acordada, tendo bem vivo na consciência o presente por meio da percepção. Por intermédio desta distensão da alma, temos em nossa memória imagens de coisas que eram presentes e que passaram. Por isso temos na alma o presente do passado que é a memória. E a presença do futuro que é a antecipação ou a expectativa, neste caso, o tempo existe como a distensão da alma. Para medir o tempo, conseqüentemente, é necessário medir extensores temporais entre impressões de acontecimentos bem passados, que, pois, já se foram, causaram na alma. Eventos passados não existem; quando a duração entre eles é medida a consciência, presença do passado, é associada à consciência do movimento, medido no passado.

## **I- B. O pensar a respeito do Tempo na Idade Média**

1- Em seguida, já nos situando em plena Idade Média, algumas considerações sobre São Tomás de Aquino. Este deixa bem claro que nós somos tempo, somos passado e presente. Fica, porém, a pergunta: somos futuro? Pode-se afirmar que o Aquinate, inspirado por Alberto Magno, segue a linha do pensamento de Aristóteles, em quem estão presentes as ideias de lugar, geração, corrupção, mudança, envelhecimento, tudo isto, entretanto, numa perspectiva nova: o pensamento cristão. Em São Tomás aquela tentativa de síntese entre o pensar “pagão” e o “cristão” - não bem-sucedido em todas as suas teses, nem sempre resistente a estudos posteriores - torna-se profundamente inspiradora para a reflexão tanto

filosófica como teológica. Quando o Doutor Angélico coloca enfaticamente como fontes da ciência teológica a Fé e a Razão, afirma, além de sua fé nas Escrituras, o seu seguimento e a aceitação de Aristóteles, embora esta opção nem sempre tenha sido bem compreendida por muitos de seus contemporâneos<sup>13</sup>.

Em conceber Deus como a própria imobilidade, como a própria permanência do ser, afirma categoricamente que a medida de Deus é a eternidade: Deus é a própria eternidade. Em outras palavras, Ele não *tem* o ser, mas *é* o próprio ser. O tempo é uma numeração, uma contabilidade, uma cronometragem; ele é o número desta realidade, o tempo, que foi criada por Deus. É como se expressa Carlos Nouguê:

[...] E enquanto Deus tem por medida a eternidade, ou seja, a posse total, simultânea e completa da vida interminável, têm os anjos por medida a eviternidade, ou seja, aquilo que por certo ângulo se assemelha a Deus e a certo ângulo se assemelha ao que está imerso no tempo. Assim é a eternidade ou evo; é exatamente a medida intermediária entre a eternidade e o tempo. Só se aplica aos anjos o antes, a medida, o número, segundo o antes e o depois do seu modo de pensar. Quanto à mutabilidade que é própria do seu modo de pensar<sup>14</sup>.

São Tomás é firme na sua afirmação de que o tempo foi criado, não é eterno, e neste ponto não hesita, embora nem sempre consiga explicar este seu ponto de vista, mais baseado nas Escrituras, do que de modo racional<sup>15</sup>.

2- Embora contemporâneo e colega de magistério na Faculdade de Teologia da Universidade de Paris<sup>16</sup>, São Boaventura, no seu pensar sobre o tempo, associa esta realidade à “produção total do mundo no ser, no tempo e do nada por um primeiro princípio”, segundo a tríplice

---

<sup>13</sup> Cfr ANONIMO, *De pomo sive de morte Aristotelis. A maçã ou sobre a morte de Aristoteles*. Tradução e Introdução de TER REEGEN, Jan G.J. Fortaleza: EDUECE, 2005.

<sup>14</sup> NOUGUÊ, Carlos. Tempo e Eternidade em Santo Tomas de Aquino. *Mirabilia 11, jan/fev. 2010, p. 183*.

<sup>15</sup> Tomás acredita na criação do tempo, baseado na sua fé nas Escrituras, embora filosoficamente não tenha a mesma certeza. Boaventura professa, sem nenhuma restrição, sua fé na criação do tempo. Boécio de Dácia, como filósofo aristotelizante que é, defende a eternidade do tempo.

<sup>16</sup> Há um comentário malicioso de Rogério Bacon em que ele se refere a “meninos teólogos” quase com certeza pensando em Tomás e Boventura. Cfr. Carta a Clemente IV, em: OBRAS ESCOLHIDAS, Introdução de Jan G. J. ter Reegen. Tradução de Jan G. J. ter Reegen e Orlando A. Bernardi. Porto Alegre/Bragança Paulista: Edipucrs/Edições Universidade São Francisco, 2006.

causalidade eficiente, exemplar e final<sup>17</sup>. Desta forma, rejeita categoricamente a eternidade do mundo. A criação está marcada pelo tempo, visto que se desenvolve numa sucessão e variação, também chamada de passado e futuro. Em vão procura-se este fenômeno na eternidade, porque

[...] o Ser Divino nada recebe, é simples e infinito, carecendo de princípio e fim e de prioridade posterioridade. Mas a distensão e a sucessão existem em Deus - o mundo existe em Deus<sup>18</sup>.

Ele se encontra em todos os lugares, mas não se distende por eles, como está em todos os tempos. Assim, criação e tempo se tornam vestígio dEle. Volta-se, desta forma, à tese de que somos o tempo e do tempo, porque o tempo está em tudo.

3- Um pensamento que se distancia das opiniões dos filósofos e teólogos do século XIII encontramos na pessoa do Beato João Duns Scoto, que – para Alain de Libera – “não apenas desfez tudo que Tomás de Aquino havia feito, mas também abriu caminho para seus mais decididos adversários”<sup>19</sup> Exageros à parte, encontram-se no Doutor Sutil novos, talvez melhor dizendo, outros caminhos do que os de seus antecessores, quando aprofunda e repensa conceitos, opondo-se a verdades aceitas até então, desta forma enriquecendo a reflexão racional. Não obstante a “sutileza” acentuada do seu pensamento, não se pode deixar de fora a sua opinião sobre o problema “tempo”.

Duns Scotus elaborou o seu pensar sobre o tempo na convicção de que o mundo contingente está marcado pela temporalidade. Distancia-se, portanto, da

[...] concepção agostiniana-boaventuriana, segundo a qual o tempo está em tudo aquilo que tem o ser depois de haver saltado do nada, quer dizer o tempo afeta todo o criado. [...] O franciscano escocês critica esta tese, porque o nada ou o não ser não tem nenhuma medida e, por isso, não tem justificação a medida do salto do não ser ao ser<sup>20</sup>.

---

<sup>17</sup> ROCHA, A. M. Linguagem e Tempo em São Boaventura. EM: *Tempo e Eternidade na Idade Média*. Organizadores: Jan G.J. ter Reegen, De Boni, L.A., Costa, Marcos Nunes. Porto Alegre: Est Edições, 2006, p. 98.

<sup>18</sup> ROCHA, A. M., o.c. 99.

<sup>19</sup> LIBERA, Alain de, *A Filosofia Medieval*. São Paulo: Edições Loyola, p.419. Etienne Gilson é mais brando na sua avaliação: Duns Scotus permanece de acordo com São Tomás sobre as teses fundamentais da Filosofia, mas, percebe-se, refletindo que ele as entende num novo sentido (*Filosofia Medieval*, São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 751)

<sup>20</sup> MERENO, J. A. Metafísica. Em: *Manual de Filosofia*, MEREINO, J.A. e Fresneda, F. M. (coordenadores) Petrópolis: FFB/Editora Vozes, 2006, p. 136.

Assim entendido deve se afirmar que é a continuidade que mede o movimento e não a descontinuidade. Além disso, Scotus critica, também, o fundamento que se dá unicidade do tempo, argumentando que o tempo que

[...] é a medida da variação causada pela matéria, que sempre anela revestir-se com uma nova forma, e dado que a forma é uma em todas as realidades materiais, por isso deve defender-se que o tempo também é uno<sup>21</sup>.

Para Scotus, no esteio de Aristóteles, tempo é estar no e ligado ao número. Assim invoca o movimento, não no sentido “do devir metafísico, mas o movimento accidental, que é posterior à quietude<sup>22</sup>.

Assim sendo, assim na perspectiva de Merino,

O tempo é medida *uniforme*, enquanto, considerado em si, é idêntico a si mesmo; mas afirma-se como *sucessiva* enquanto é quantidade; e afinal, é contínua, já que o instante temporal continua as duas partes do tempo, isto é, o passado e o futuro<sup>23</sup>.

## II- O viver do tempo

### 1 A vivência do tempo na Antiguidade

1- Não constitui exagero afirmar que os gregos, de modo especial na época helênica, viveram o tempo de modo ordenado, sabendo-se inseridos no grande movimento do *kosmos*, de forma ética e política, convencidos de que eles têm que ser ao mesmo tempo bons sujeitos para serem bons cidadãos. Tudo isso naquela consciência orgulhosamente assumida: o tempo, lugar, o próprio homem é grego! Os outros são os bárbaros, não sabem falar, os seus deuses são nada, afinal eles são os “sem cultura”. Por isso o caráter totalmente *sui generis* da colonização helênica. Sem dúvida, pode-se afirmar que os gregos assumiram a dignidade da raça humana e a exploraram, tentando dar a essa consciência de serem especiais – Só eles os verdadeiros homens – expressão em poesia, prosa e arquitetura. A leitura de Hesíodo, descrevendo as cinco raças na sua *Os trabalhos e os dias*<sup>24</sup>, podendo ser considerada como a aventuras dos homens no tempo, deixa o homem de

---

<sup>21</sup> MERINO, J.A., o.c. p.136.

<sup>22</sup> MERINO, J.A., o.c. p. 136.

<sup>23</sup> MERINO, J.A., o.c. p. 137.

<sup>24</sup> HESÍODO, *Os trabalhos e os dias*, Tradução e comentários de LAFER, Mary de Camargo Neves. São Paulo: Iluminuras, 1991, p. 31-33.

hoje, ainda, cheio de admiração. Da mesma forma, a história da guerra de Troia e a sua sequência nas viagens de Odisseu – tudo se desenvolvendo submisso ao tempo dos desígnios divinos - encanta quando como que mergulha o leitor moderno naquela cultura que enaltece as virtudes – a excelência – tanto guerreiras como morais<sup>25</sup>. Talvez não exista maior expressão da vivência do tempo dos antigos gregos do que a celebração a cada quatro anos da grandiosa festa, em que todo o mundo grego se reunia, os Jogos Olímpicos<sup>26</sup>.

Fora e acima de tudo isto está o esforço de se tornarem e viverem como sábios, como se expressa no nascimento e no desenvolvimento da filosofia: ver e viver a realidade no todo, na *physis*, na grandiosa ordem do kosmos<sup>27</sup>.

## 2- A vivência dos tempos dos medievais<sup>28</sup>.

O tempo da Idade Média é, em primeiro lugar, um tempo de Deus e da terra, depois, dos senhores e dos que estão sujeitos ao senhorio, depois – sem que os tempos precedentes tenham deixado de ser presentes e exigentes – um tempo das cidades e dos mercadores, e, finalmente, um tempo do príncipe e do indivíduo<sup>29</sup>.

A principal referência para este tema são incontestavelmente os estudos e pesquisas de Jacques Le Goff, que deram início a uma série de complementações nos últimos decênios<sup>30</sup>. Ele descreve o tempo depois da confusão do fim da época do Império Romano, sobretudo do Ocidental, em que se vivia, no esteio da cultura helenística, de modo orgulhoso e provocante - almejando impor e organizar - o mundo de acordo com o conceito da “Paz Romana”.

---

<sup>25</sup> HOMERO, *Ilíade e Odisséia*.

<sup>26</sup> A contagem inicia-se em 776, durante a primeira vaga de colonização, expressando a ideia do pan-helenismo, numa consciência aguda de sua unidade política, religiosa e cultural. Cf. AMOURETTI, M-C. e RUZÉ, Fr., *O mundo grego*. Lisboa: Ed. Dom Quixote, 1993, 146.

<sup>27</sup> De outra forma, mas não menos arrogantes, os romanos se consideraram os donos do tempo. A sua contagem da história, por exemplo, é contada *ab urbe condita*, a partir da fundação da cidade, i.e., Roma, que corresponde ao ano 754, data em que Rômulo foi escolhido para fundar a cidade Cf. CRISTOL, M. e NONY, D., *Roma e seu Império*. Lisboa: Ed. Dom Quixote, 1993, 44.

<sup>28</sup> Aborda-se, aqui, quase exclusivamente o Medievo latino-ocidental, não por posição ideológica, mas por falta de oportunidade – por falta de tempo e espaço - de uma aproximação mais segura do Medievo oriental, especialmente judaico, bizantino e árabe.

<sup>29</sup> LE GOFF, Jacques e SCHMITT, Jean-CLAUDE. Tempo, em *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*, vol. II. Bauru SP: EDUSC, 2006, p.531-541.

<sup>30</sup> Cf. RUST Mirabilia, Rust, maria manuela

Depois daquela época, surgiu um tempo em que se tenta juntar o que restou da cultura grego-romana com as culturas – sem dúvida, inferiores - das tribos invasoras, como os Godos – tanto os Visi como os Ostro - Francos, Germanos e com algumas sobreviventes como os Celtas e os Frisões. Mais tarde, segue-se ainda a integração com as tribos nórdicas, e com algumas de origem oriental, como os magyares. Não era uma tarefa simples, sobretudo ao observar que depois de uma vivência que deve ser considerada com uma quase restauração, fraca e apagada, do Império Romano, que é o império efêmero Carolíngio<sup>31</sup>, que sofre e luta – e sucumbe – quando o mundo é acossado por três ondas de novas invasões: os vikings ou normandos, que devastaram não somente toda a região costeira, mas através dos rios Reno, Sena e outros, chegam à Colônia, Lutécia<sup>32</sup>, Dorestad<sup>33</sup>, e outras; conseguiram estabelecer-se em Normandia e Sicília. Do outro lado atacam os Húngaros e do sul vem a onda vitoriosa dos Árabes, que, afinal, se fixam em baixo dos Pirineus.

A partir do ano mil surge um novo, outra situação cultural em razão de circunstâncias variadas, no meio das quais é importante ressaltar a mudança climática, que favorece a agricultura - e diminui a fome - um crescimento demográfico, que restaura as cidades antigas e faz surgir outras, o que, por sua vez, restabelece as antigas rotas comerciais e cria outras. Além disso, este novo tempo se revela e manifesta na Filosofia e Teologia, com figuras como, entre outras, Anselmo e Abelardo, e, mais tarde, nas famosas escolas de Chartres, Troyes, Toulouse e Saint Victor, entre outras<sup>34</sup>.

Costuma-se, com Le Goff, dividir o Tempo Medieval em tempo da igreja e tempo do mercador, tempo clerical e leigo, rural e urbano, sacramental e pragmático. Completando esta visão, Maria Manuela Lima da Purificação<sup>35</sup> apresenta uma contextualização da Idade Media na qual o tempo é alvo de determinações sociais e naturais:

[...] o tempo rural: leigo e clerical;  
O tempo dos mercadores: tempo urbano;  
O tempo religioso;

---

<sup>31</sup> Renascimento num sentido muito restrito na opinião de alguns, porque limitadíssimo - atingindo quase exclusivamente o alto clero e parte da nobreza - tanto na sua duração como no seu alcance e atingido só uma parte da cultura.

<sup>32</sup> Atualmente Paris.

<sup>33</sup> Atualmente Wijk bij Duurstede ( Holanda).

<sup>34</sup> HASKINS, Charles Homer, *The Renaissance of the 12<sup>th</sup> Century*. New York: Meridian Books, 1957, p. 3-

<sup>35</sup> Porto 09/09/2015

A idade do mundo, das eras e dos estilos;  
O tempo do Oriente Medieval: visão ocidental.

Leandro Duarte Rust, por sua vez, afirma que não é algo fora de comum pensar que este tempo místico cosmológico é avesso à racionalidade atribuído por Le Goff ao Medievo, pois

[...] parece ser fruto de uma leitura impressionista das fontes, [...] parece privilegiar os vestígios do passado que apresentam os clérigos medievais absorvidos pelo sobrenatural e pelo misterioso, negligenciando outras fontes em que esses clérigos se mostram interessados pelas exigências e necessidades geradas pela existência neste mundo<sup>36</sup>.

Tudo o que Leandro Rust, porém, afirma não invalida o que Le Goff apresenta quando este fala de uma representação clerical do tempo, como acontece no mundo rural; um tempo marcado pelas estações e pelo desenvolver da celebração da história da salvação, culminando na festa das Páscoa; da mesma forma também se santifica os dias da semana por meio da *Lectio Divina*, chegando ao *dia Domenicus*, dia de repouso no Senhor, em que os pensamentos e celebrações se centralizam no Ressuscitado. Afinal, é o tempo de Deus, de que se comemora a grande obra da Redenção, representada na Primeira Aliança e realizada na Segunda: é o tempo litúrgico. O tempo rural está, também, sob o signo de Deus, como mundo criado, com sua sucessão de estações, o tempo de semear e colher, afinal dependendo da natureza, a maravilhosa e reveladora ordem da criação de Deus.

O tempo, conseqüentemente, é sagrado e a vida monástica é considerada uma expressão básica da vida ordenada por Deus: o ritmo da vida é determinada pelo sol – no seu percurso pelo firmamento - pelo canto do galo, pela sucessão das estações. O caráter sacral deste tempo acentua-se pela oração cantada das horas das Matinas até as Completas. Este tempo é também sacramental, cheio de significado que se ancora na vida do cristão no seu acompanhamento e na sua missão: tempo de nascimento: batismo; tempo de crescimento: crisma ou confirmação, eucaristia, penitência; tempo de maturidade: matrimônio; tempo de ministério no exercício da ordem, e, afinal, tempo de ajuda no caminho, às vezes atribulado, da vida: a unção dos enfermos.

---

<sup>36</sup> RUST L.D. Jacques Le Goff e as representações do tempo na Idade Média. *Revista da História e Estudos Sociais*. Abril/maio/junho de 2008, vol.5, Ano VB, n° 2. Disponível em: [www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br). Rust insiste neste ponto em outros trechos do seu estudo. Ele abordou o mesmo tema no estudo: Tempo e cultura clerical na Idade média central. Um balanço histórico. *Klepsidra*. Disponível em: [www.klepsidra.net5/klepsidra24/culturaclerical.htm](http://www.klepsidra.net5/klepsidra24/culturaclerical.htm).

O outro, ou segundo tempo que parece se insinuar no decorrer e, muitas vezes, concomitantemente, é o do tempo do mercador, do homem da cidade. Seu tempo é diferente, marcado pela árdua luta pela sobrevivência, muitas vezes em circunstâncias adversas, como a exploração e a obrigação de, junto com os agricultores formando a classe dos *laboratores*, garantir a sobrevivência dos *oratores* – o clero – e dos *bellatores* – a nobreza. A medição do tempo torna-se, neste contexto, importante e assim se vê, aos poucos, o surgimento do relógio, entre outros os famosos relógios d'água – as clepsídras - e sua presença nos edifícios das prefeituras das cidades medievais, para lembrar os cidadãos que trabalhar e chegar na hora é seu dever. Junto com os sinos das igrejas, convocam para eventos cívicos importantes, advertem quando perigos assolam as cidades, como guerra, peste e outras fatalidades, como incêndios, inundações, entre outras.

Muito se poderia relatar a respeito do tempo do mercador, sem dúvida, muito dramático. Isto se torna revelante numa história, contada por Le Goff<sup>37</sup>. Em 1128, pegou fogo e foi destruída a pequena cidade de Dods, em frente à Colônia, do outro lado do Reno. O abade do mosteiro de Santo Ediberto, o celebre teólogo Rupert, muito apegado às tradições, viu nesse fato a cólera de Deus castigando o local, que – arrastado pelo desenvolvimento de Colônia, se transformara em templo de trocas e antro de infames mercadores e artífices. A partir daí, com auxílio da Bíblia, esboçou uma história antiurbana da humanidade. O inventor das cidades e o primeiro construtor delas foi Caim. Nisto foi imitado por todos os maus, pelos tiranos e pelos inimigos de Deus. Pelo contrário, os patriarcas e de um geral os justos, os que temem a Deus, viveram sempre na tendas do deserto. Instalar-se nas cidades é escolher o mundo, e de fato o desenvolvimento urbano favorece o incremento da ideia e o instinto da propriedade, uma mentalidade nova, ligada a uma vida ativa em detrimento da vida contemplativa.

De modo especial, ainda, encontramos no auge do Tempo Medieval – o das universidades - como uma variante, o tempo dos intelectuais, caracterizado por um ritmo especial: o das *lectiones*, das *quaestiones disputatae*, seja específicas ou *quodlibetianas*; tempo também marcado pelo avanço na longa luta de vários anos para chegar aos graus acadêmicos e a ascensão da vida profissional, seja na área laica ou religiosa<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> Cf. LE GOFF, Jacques, *História da Civilização*, vol. 1.

<sup>38</sup> LE GOFF, J., *Os intelectuais na Idade Média*. Rio de Janeiro, Editora José Olímpio, 2003.

## Conclusão

O tema desenvolvido neste ensaio/conferência é incontestavelmente riquíssimo; muitos outros aspectos, não apresentados, poderiam – até mereceriam – ser desenvolvidos e aprofundados. Isto, porém, exigiria muito mais pesquisa, e, também mais tempo. As reflexões aqui oferecidas, porém, se poderão tornar um caminho de maiores aprofundamentos neste campo.

Obrigado.

*\*Jan G.J. ter Reegen*

Doutor em Filosofia Medieval pela PUCRS

DL em Filosofia Antiga pela UECE

Prof. Titular da FCF

Prof. Emérito da UECE

# O TEMPO NA MODERNIDADE E NA CONTEMPORANEIDADE

*Prof. Dr. Manfredo Araujo de Oliveira\**

## 1. O Tempo na Modernidade

### 1.1 A reviravolta epistemológica da Modernidade: a nova concepção do saber

A modernidade ocidental se apresenta do ponto de vista epistemológico como um momento de profunda ruptura com a racionalidade até então vigente e como a articulação de um novo tipo de racionalidade que marcará a partir de então os destinos da civilização ocidental: a racionalidade instrumental. Na tradição<sup>1</sup>, o saber é entendido como a apresentação da constituição ontológica das coisas respondendo às perguntas por sua essência, seu significado e seu valor<sup>2</sup>. A atividade teórica assim compreendida constitui a suprema realização do ser humano.

O saber é aqui antes de tudo uma reflexão destinada a tornar possível ao ser humano a compreensão do todo da realidade que é o pressuposto, a fim de que ele possa situar-se corretamente no universo. Aqui o ser concede dignidade ao saber: o espírito humano que expressa o ser das coisas está ele mesmo inserido no todo do ser e dele recebe seu sentido.

A postura típica da modernidade consiste, ao contrário, em desprender o espírito, a consciência, do todo da realidade e contrapô-lo a tudo mais. Este procedimento vai fazer emergir a característica central do saber moderno: o abismo entre o ser humano e o mundo, espírito e realidade, sociedade e natureza, entre sujeito e objeto, de tal forma que a subjetividade emerge como a instância de determinação do sentido de toda e qualquer realidade. O objetivo agora é possibilitar o domínio da

---

<sup>1</sup> Cf. SCHMITT A., *Die Moderne und Platon*, Stuttgart/ Weimar: J. B. Metzler, 2003.

<sup>2</sup> Cf. ESTRADA J. A., *Imagens de Deus. A filosofia ante a linguagem religiosa*, São Paulo: Paulinas, 2007, p. 24.

subjetividade sobre o outro de si, os objetos, o que só é possível quando o saber nos fornece uma informação de “como” as coisas se comportam.

Com isto se muda radicalmente tanto a ideia de razão como a própria concepção de realidade: a razão não é mais a razão integral coextensiva à totalidade do ser, mas a razão da pergunta sobre como o mundo se comporta, como ele funciona, como condição para que suas forças possam ser conquistadas e controladas<sup>3</sup>. Agora o saber adquire caráter eminentemente instrumental, operatório: ele não tem sentido em si mesmo, está em função do processo de imposição do sujeito sobre o mundo, do controle e da subjugação da natureza<sup>4</sup>. O valor-fundamento neste novo contexto é a eficiência, ou seja, o sucesso nas intervenções do homem, o que revela a utopia implícita no projeto da modernidade: a sociedade moderna “projeta a utopia de uma história criada plenamente pelo homem”<sup>5</sup>. A influência desta forma de pensar se torna decisiva na modernidade, de tal modo que podemos dizer que nossa visão do mundo é fundamentalmente marcada pela nova ciência, habitamos o espaço do mundo da cultura científica<sup>6</sup>, ou seja, nossa visão do mundo é basicamente físico-matemática.

Na determinação da especificidade teórica desta nova forma de pensar, J. Ladrière<sup>7</sup> defende o argumento de que a racionalidade formal (lógico-matemática) é em si mesma “operatória” e é por essa razão que ela é a racionalidade própria das ciências modernas: o que elas fazem é exprimir os fatos observados numa linguagem lógico-matemática, numa palavra, a Matemática se faz a matriz da inteligibilidade do mundo. Isso implica que elas possuem dois níveis: um de natureza descritiva e outro propriamente teórico de natureza lógico-matemática, são, assim, uma relação entre duas ordens de inteligibilidade. Daí a necessidade de pensar “regras de correspondência” entre as duas esferas. Portanto, a

---

<sup>3</sup>Cf. LIMA VAZ H. C. de, *Ciência e Ontologia da natureza*, in: *Ontologia e história. Escritos de Filosofia VI*, São Paulo: Loyola, 2001, p. 109: “Para a consciência apreensiva e esquematizadora do homem moderno, o “mundo” é a *Urstoff* oferecida ao império do espírito legislador e construtor”.

<sup>4</sup> Cf. ROSA L. P., *Tecnociências e Humanidades. Novos paradigmas e velhas questões. O determinismo newtoniano na visão de mundo moderna*, Vol. I, São Paulo: Paz e Terra, 2005, p. 128: “A Revolução Científica tem um caráter de intervenção do homem na natureza que deixa de ser contemplada e passa a ser objeto da atividade humana”.

<sup>5</sup> Cf. HERRERO X., *Filosofia da Religião e Crise da Fé*, in: *Síntese Nova Fase* 35 (1985)18.

<sup>6</sup>Cf. LIMA VAZ H. C. de, *Ciência e Ontologia da natureza*, op. cit., p. 110.

<sup>7</sup>Cf. LADRIÈRE J., *A Articulação do Sentido*, São Paulo: EPU/ Ed. da Universidade de São Paulo, 1977, p.45-66. LIMA VAZ H. Cl., *Fé e Ciência: Duas Linguagens para uma Verdade*, in: *Magis. Cadernos de Fé e Cultura*, n. 18 (1995).

linguagem da ciência é uma linguagem artificial que tem uma parte descritiva e uma parte teórico-formal.

## 1.2 O Tempo Físico

Podemos dizer, como faz o físico alemão Von Weizsäcker<sup>8</sup>, que o produto deste novo tipo de saber gestou uma visão mecânica do mundo em que se exprime uma fé na unidade da natureza. Sua afirmação básica é: tudo o que ocorre no mundo é em si predeterminado, o que se radica em leis que regem o universo. Estas teses fundamentais podem ser demonstradas com suporte na experiência, o que se faz possível com base em três tipos de conhecimento: a) as leis gerais da mecânica; b) a configuração especial das forças que atuam entre os corpos e c) a situação do sistema considerado num ponto determinado do tempo. Tudo o que ocorre por via das leis gerais é necessário enquanto as condições iniciais são contingentes. Assim, a mecânica de teor clássico trabalha com quatro tipos de realidades objetivas: corpo, força, espaço e tempo, entendidas como entidades independentes<sup>9</sup>.

Foi Newton, certamente, quem na modernidade elaborou uma articulação sistemática da visão mecânica do universo e, decerto o conceito de natureza da modernidade é essencialmente marcado pela ciência da natureza de Newton<sup>10</sup>, que parte de um espaço tridimensional no sentido de Euclides e de um tempo unidimensional<sup>11</sup>. Para Neuser, a posição de Newton se baseia num só conceito fundamental, o de uma força matemática, e num duplo princípio metodológico, isto é, o da dedução matemática e o da indução empírica<sup>12</sup>. Ele se empenhou em tematizar com clareza os pressupostos fundamentais de sua ciência.

---

<sup>8</sup> Cf. VON WEIZSÄCKER C. F., *Die Einheit der Natur. Studien*, München: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & Co, KG, 1995, p. 136 e ss.

<sup>9</sup> L. A. Oliveira apresenta o cenário básico do que ele denomina a cosmovisão clássica. Cf. OLIVEIRA L. A., *Caos, Acaso, Tempo*, in: NOVAES A. (org.), *A Crise da Razão*, São Paulo: Companhia das Letras/ Brasília: Ministério da Cultura/ Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1996, p.508: "... corpos materiais massivos deslocam-se - no âmbito de um espaço continente absoluto (não afetado pelas vicissitudes que por ventura sucedam a seu conteúdo) e identificados a um espaço tridimensional euclidiano (volume) ilimitado - sob a ação mútua de forças, causas eficientes analíticas (expressas por relações de infinitésimos, que modificam o movimento inercial livre, compondo - ao longo de um tempo newtoniano absoluto global, linearizado (geometrizado) e instantaneizado - sucessivas configurações cujo encadeamento encarnaria todo o desenrolar da existencia: a biografia do universo".

<sup>10</sup> Cf. NEUSER W., *Natur und Begriff. Zur Theorienkonstitution und Begriffsgeschichte von Newton bis Hegel*, Stuttgart/Weimar, 1995, p. 29.

<sup>11</sup> Cf. SZAMOSI G., *Tempo e Espaço: as dimensões gêmeas*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1988.

<sup>12</sup> Cf. NEUSER W., *Natur und Begriff*, op. cit., p. 29.

Neste contexto teórico está a postulação do espaço e do tempo como algo existente, independentemente dos corpos neles existentes e suas relações espaciais e temporais, isto é, como dois absolutos sem referência a qualquer objeto exterior a eles. Newton fala de um espaço absoluto, imutável e imóvel que é independente da presença de corpos nele, e de um tempo absoluto e verdadeiro que, independentemente dos eventos físicos nele presentes<sup>13</sup>, isto é, são de certo modo recipientes que independem de seus conteúdos<sup>14</sup>. Da mesma forma, há um tempo em si que flui uniformemente seja qual for a medida dos relógios particulares.

De acordo com esta mecânica, não há critérios físicos que nos permitam saber, por exemplo, se em relação ao espaço absoluto nos encontramos em repouso ou numa situação de movimento retilíneo uniforme<sup>15</sup>. Leibniz, em sua polêmica com Clarke, em contraposição a Newton, defende a tese de que as asserções sobre propriedades e relações espaciais são asserções sobre relações quantitativas entre corpos materiais. Há coisas e relações espaciais entre elas (concepção relacional do espaço). O espaço não é uma coisa (uma substância), mas uma relação entre coisas (substâncias).

O tempo, por sua vez, é a coleção de todas as relações temporais entre os acontecimentos (concepção relacional de tempo). As relações entre os acontecimentos constituem um componente real do mundo e neste sentido o tempo é real e não como um tempo em si. Todos os acontecimentos que ocorrem no mundo estão temporalmente relacionados entre si. Independentemente da matéria, só se pode falar em espaço no sentido de uma elaboração matemática ideal. O erro fundamental de Newton consistiu em hipostasiar objetos de um mundo ideal, conceitual, em objetos físico-reais<sup>16</sup>.

Para Newton, o espaço, assim, não é corpo, mas condição de possibilidade dos corpos. Da mesma forma, o tempo, de alguma forma, é pressuposto por nossos conceitos dos objetos do mundo, sua compreensão é pressuposta mesmo ali onde o conceito de espaço é criticamente investigado: não podemos dizer o que entendemos por causalidade,

---

<sup>13</sup>Para Selvaggi, embora nem tão explicitamente, mas já se encontra esta concepção na Antiguidade e na Idade Média. Cf. SELVAGGI F., *Filosofia do Mundo. Cosmologia Filosófica*, São Paulo: Loyola, 1988, p. 239.

<sup>14</sup>Cf. VON KUTSCHERA F., *Grundfragen der Erkenntnistheorie*, Berlin/New York: de Gruyter, 1982, p. 355 e ss.

<sup>15</sup>Cf. VON KUTSCHERA F., *Grundfragen der Erkenntnistheorie*, op. cit., p. 355.

<sup>16</sup>Cf. LEIBNIZ G. W., *Correspondência com Clarke*, Coleção Os Pensadores, Newton e Leibniz, São Paulo: Ed. Abril, 1983.

movimento, mudança etc., sem de alguma forma empregar o conceito de tempo, significando dizer que ele é um conceito fundamentalmente pressuposto nos esquemas conceituais com que compreendemos a natureza. Desta forma, por exemplo, para ele não é possível entender e definir o movimento real sem referência a um espaço, real, absoluto e a um tempo real, absoluto, que se distinguem dos espaços e tempos empíricos que observamos.

Neste sentido podemos dizer que espaço e tempo não constituem propriamente objetos da Física como ciência do mundo, mas sua condição de possibilidade, constituem o pressuposto do conhecimento do mundo. Portanto, eles são elementos teóricos postulados para se poder explicar os fenômenos de nossa experiência. Eles são, pois, estruturas básicas do mundo e de seu conhecimento, portanto, ocupam um lugar absolutamente central em nossas teorias do universo e não se identificam mais com o que na vida cotidiana consideramos como espaço e tempo. Com efeito, são conceitos físico-matemáticos de espaço e tempo.

Na perspectiva de Koyré<sup>17</sup>, o que faz fundamentalmente Newton é passar de uma concepção subjetiva de espaço e tempo (qualitativa) para uma geometrização (geometria de Euclides) do espaço e do tempo (quantitativa) de tal modo que conceitos subjetivos (classificatórios: ser humano, animal, casa etc.) são substituídos por grandezas quantitativas e objetivas.

### 1.3 Espaço e Tempo na Filosofia de Kant

Contrapondo-se às conclusões céticas de Hume, Kant reconfigura a própria estrutura da teoria filosófica como tal e defende a tese de que Filosofia é fundamentalmente uma crítica radical da razão sobre si mesma. Justamente em seu pensamento se articula de forma sistemática o que E. Tugendhat denomina a "reviravolta reflexiva"<sup>18</sup> do pensamento humano: de agora em diante, a Filosofia não é mais uma consideração racional direta dos conteúdos de nosso conhecimento, do mundo, do universo, do ser, mas "um conhecimento formal", isto é, conhecimento da própria racionalidade humana como instância de possibilitação do conhecimento de objetos e da ação sensata do ser humano.

Esta proposta se contrapõe em princípio a toda atitude dogmática da consciência entendida como um uso da razão radicado em princípios

---

<sup>17</sup>Cf. KOYRÉ A., *Newtonian Studies*, Harvard: Harvard Univ. Press, 1993.

<sup>18</sup> Cf. TUGENDHAT, E., *Vorlesungen zur Einführung in die sprachanalytische Philosophie*, Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1976, p. 16 e ss.

considerados evidentes em si mesmos ou simplesmente postos como axiomas. É isto que Kant denomina "reflexão transcendental" (KrV B 25), isto é, a tematização das condições de possibilidade da constituição do sentido e de sua pretensão de validade.

As estruturas aqui tematizadas não são estruturas constitutivas dos entes, mas condições intrascendíveis de possibilidade do conhecimento dos fenômenos (virada copernicana). O que constitui a realidade em si mesma para Kant é inatingível pelo intelecto humano. As ciências têm como tarefa o conhecimento do modo de comportamento dos fenômenos. Neste sentido, a tarefa da nova teoria filosófica é, em diferença com o conhecimento das ciências, demonstrar os princípios fundamentais de constituição e validade do conhecimento dos fenômenos.

É neste horizonte epistemológico que Kant se vai confrontar com a concepção de espaço e tempo articulada na nova ciência por Newton e pensá-los não como algo empírico extraído por abstração da experiência, mas antes como momentos das condições de possibilidade de nosso conhecimento como tal dos fenômenos, portanto, de toda e qualquer experiência<sup>19</sup>. Kant apresenta de espaço e tempo o que ele denomina uma "concepção metafísica" (eles são somente representações, intuições e não conceitos<sup>20</sup>) e uma "concepção transcendental" (são princípios necessários que possibilitam conhecimentos sintéticos a priori<sup>21</sup>).

Parte-se do objeto dado na consciência e se faz o passo para as condições de possibilidade no sujeito de seu conhecimento que é compreendido como síntese do múltiplo (KrV B 103). A primeira tarefa consiste em demonstrar como a multiplicidade do material não ordenado gestado pela afecção das coisas sobre nossos sentidos é levado à unidade, trabalho próprio da subjetividade. Ora, toda síntese do múltiplo pressupõe um princípio *a priori* (uma forma) de unidade, o que já ocorre na intuição sensível em que espaço e tempo exercem justamente esta função de unificação em seu primeiro degrau (a dimensão de receptividade de nosso conhecimento) completado pelas categorias do entendimento (a dimensão categorial de unificação, a dimensão da espontaneidade). Isto significa que

---

<sup>19</sup>Para Delekat, trata-se em Kant de situar em sua teoria filosófica da percepção o conceito físico-matemático de espaço e tempo. Cf. DELEKAT F., *Immanuel Kant. Historisch-Kritische Interpretation der Hauptschriften*, Heidelberg: Quelle & Meyer, 2a. ed., 1966, p. 54.

<sup>20</sup>Cf. ALLISON H.E., *Kant's Transcendental Idealism: An Interpretation and Defense*, New Haven/London: Yale University Press, 1983, p. 92.

<sup>21</sup>Cf. a respeito: HÖFFE O., *Immanuel Kant*, São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 71.

para Kant não existe um conhecimento puramente imediato, pois a própria intuição sensível é mediada pelas intuições puras de espaço e tempo que são, pois, as formas e as condições de tudo o que é sensível em nosso conhecimento, aquilo que a sensibilidade nos dá *a priori*.

Daí sua pergunta fundamental neste nível: que é pressuposto no sujeito para que um objeto lhe possa ser sensivelmente dado? O conteúdo da sensibilidade externa, tudo o que é percebido de fora, está no espaço, é espacialmente extenso e possui um lugar determinado no todo do espaço. Assim, o espaço não é o resultado de uma abstração conceitual, mas condição prévia da percepção sensível de algo extenso: o espaço é a forma apriorística da sensibilidade externa.

Por sua vez, os conteúdos da sensibilidade interna, isto é, os teores percebidos em nós, estão no tempo: eles se manifestam como eventos temporais, seguem-se uns aos outros no curso do tempo. Assim, também, o tempo não é resultado de uma abstração conceitual, mas condição prévia no sujeito de nossa percepção de um evento temporal, do antes e do depois de uma mudança. Portanto, desta forma, o tempo emerge como a forma apriorística de nossa sensibilidade como tal, de seus conteúdos externos e internos, ou seja, na realidade um “esquema formal” que sempre permanece o mesmo<sup>22</sup>. Portanto, só existe tempo na sensibilidade. Espaço e tempo não são assim determinações dos objetos do mundo, mas as formas subjetivas de nossa intuição sensível e enquanto tais condições das ciências, da Matemática e da Física<sup>23</sup>.

## 2. O Tempo na Contemporaneidade

### 2.1 As revoluções científicas pós-newtonianas

O pensamento científico-moderno articulou no decorrer dos últimos séculos grandes transformações que modificaram profundamente sua visão do mundo. Fala-se neste contexto de revoluções pós-newtonianas, considerando sobretudo as transformações na Física ocorridas no século XIX, a Revolução da Termodinâmica e do Eletromagnetismo<sup>24</sup>, e as do

---

<sup>22</sup>Cf. MÜLLER M, *Zeit und Ewigkeit in der abendländischen Metaphysik*, in: *Erfahrung und Geschichte. Grundzüge einer Philosophie der Freiheit als transzendente Erfahrung*, Freiburg/München: Karl Alber Verlag, 1971, p. 217.

<sup>23</sup>Cf. HÖFFE O., *Immanuel Kant*, op. cit., p. 103.

<sup>24</sup>A respeito das mudanças fundamentais na Física do século XIX cf. ROSA L. P., *Tecnociências e Humanidades. Novos paradigmas e velhas questões. A ruptura do determinismo, incerteza e pós-modernismo*, vol. II, São Paulo: Paz e Terra, 2006, p. 26-27.

século XX, a Revolução da Mecânica Quântica<sup>25</sup> e a da Relatividade<sup>26</sup>, depois a Teoria das Cordas, a Teoria da Complexidade, dos Fractais e do Caos, as Teorias da Auto-organização, a Teoria dos Sistemas, o Princípio de Indeterminação de Heisenberg. Brush<sup>27</sup> considera estas transformações no contexto mais amplo que o da Física, considerando também a emergência da Teoria da Evolução de Darwin no século XIX e da Genética Molecular o século XX. Pode-se dizer que o que aqui está em jogo é a substituição do determinismo físico newtoniano pela complexidade da teoria da evolução biológica como novo paradigma geral do conhecimento científico e como horizonte de abertura para uma nova visão do mundo<sup>28</sup>.

Estas transformações tiveram continuidade em nosso século por via de uma crítica radical à visão fragmentada do mundo gerada pela ciência moderna e a tentativa de recuperação da unidade básica do universo. O procedimento analítico é considerado inadequado precisamente porque em seu horizonte é impossível captar a unidade fundamental que perpassa todas as partes do universo, que se revela como um ser único, complexo, diversificado e dinâmico. A Física e a Cosmologia contemporâneas apresentam o universo como uma grande teia de relações entre seus distintos elementos e tudo é considerado em primeiro lugar como uma espécie de fragmento do mundo como um todo, integrando, assim, o conhecimento científico de todos os campos do real. A ciência moderna ter-se-ia tornado incapaz de captar a unidade básica do real porque ensejou vários dualismos, entre os quais o fundamental é dualismo entre natureza e espírito.

No seio destas transformações, modificou-se profundamente a concepção de tempo. A título de exemplo de profunda influência sobre a ideação de tempo, vamos considerar aqui a teoria einsteiniana da

---

<sup>25</sup>A respeito dos postulados básicos da Teoria Quântica cf. OLIVEIRA A. L. de, *Universo*, in: MARTINS R. P./MARI H. (org.), *Universos de conhecimento*, Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2002, p. 134-135.

<sup>26</sup> A respeito de um apanhado histórico sob o desenvolvimento teórico na Física que conduziu à Teoria da Relatividade: Cf. ROSA L. P., *Tecnociências e Humanidades*, op. cit., vol. II, p. 101 e ss. WANDSCHNEIDER D., *Raum, Zeit, Relativität. Grundbestimmungen der Physik in der Perspektive der Hegelschen Naturphilosophie*, Frankfurt am Main: Klostermann, 1982, p. 141 e ss.

<sup>27</sup>Cf. BRUSH S. G., *The Kind of Motion We Call Heat: A History of the Kinetic Theory of Gases in the 19<sup>th</sup> Century*, Amsterdam: North Holland, 1976.

<sup>28</sup> Cf. ROSA L. P., *Tecnociências e Humanidades*, op. cit., vol. II, p. 17-18.

relatividade restrita, que revolucionou a cosmo visão física moderna com grandes consequências para nossa compreensão do mundo<sup>29</sup>.

### 2.1.1 A Teoria da Relatividade

Surgiram problemas no final do século XIX, sobretudo relativos a questões relacionadas à eletricidade e ao magnetismo, para as quais as teorias físicas existentes pareciam insuficientes<sup>30</sup>. Neste horizonte trabalha Einstein,<sup>31</sup> que elaborou na realidade duas teorias da Física: a primeira, de 1905, a Teoria da Relatividade Especial ou Restrita, em que rompe com a concepção de espaço e tempo da Mecânica newtoniana, e a de 1915, da Relatividade Geral, em que substitui a antiga concepção de força à distância por uma nova ideia de interação das massas fundada na explicação espacial.

Na busca de uma concepção unitária de todos os fenômenos, ele elabora em sua primeira teoria dois princípios (postulados) que considera como o resultado de toda a pesquisa científica precedente: a) O princípio da relatividade se estende a todos os fenômenos físicos: todos os fenômenos físicos são invariantes, as leis da natureza são as mesmas para todos, independentemente do estado do repouso ou do movimento retilíneo uniforme dos sistemas de referência. Portanto, as leis da eletrodinâmica e da óptica são válidas para todos os sistemas de coordenadas no quais valem as equações da mecânica; b) O princípio de constância da velocidade da luz, independentemente quer da fonte luminosa quer do observador ou do corpo iluminado. Ela é, portanto, um invariante universal, ou seja, não depende do referencial.

Numa palavra, a velocidade da luz é constante no vácuo, independentemente do movimento dos referenciais, isto é, “todo corpo está em repouso em relação ao movimento da luz”<sup>32</sup>. Ela constitui um máximo absoluto que não pode ser superado por qualquer outra velocidade, razão por que é impossível a ação instantânea à distância. Numa palavra, é impossível ultrapassar-se a velocidade da luz. Para Wandschneider, “este movimento não-relativo, que conhecemos empíri-

---

<sup>29</sup> Cf. PATY M., *Einstein Philosophe*, Paris: PUF, 1993. OLIVEIRA M. A. de, *Teoria da Relatividade e Filosofia da Natureza*, in: CIRNE-LIMA C./HELPER I./ ROHDEN L. (org.), *Dialética e Natureza*, Caxias do Sul: Educs, 2008, p. 51-78.

<sup>30</sup> Cf. ROSA L. P., *Tecnociências e Humanidades*, op. cit., vol. II, p. 18 e ss. SELVAGGI F., *Filosofia do Mundo*, op. cit. p. 260 e ss.

<sup>31</sup> Cf. BORN M., *Einstein's theory of relativity*, New York: Dover, 1965. DAVIES P. C. W., *Space and time in the modern universe*, London: Cambridge University Press, 1977.

<sup>32</sup> Cf. OLIVEIRA M. A. de, *Teoria da Relatividade e Filosofia da Natureza*, op. cit., p. 59.

camente como luz, é o “*tertium comparationis*” de sistemas em movimento um em relação ao outro. Unicamente sob esta condição, podem ser comparados espaço-tempo-massa e velocidades de sistemas relativamente movidos”<sup>33</sup>. Desta forma, podemos dizer que o movimento da luz é essencialmente independente do sistema de relação e neste sentido possui caráter absoluto.

Com suporte nesses dois postulados, Einstein submete a uma análise crítica os conceitos fundamentais da Mecânica de conteúdo clássico como os conceitos de massa, de espaço e tempo absolutos da Física newtoniana<sup>34</sup>, particularmente do conceito de simultaneidade de eventos distantes, de duração dos intervalos temporais e os conceitos derivados de velocidade, aceleração, energia etc. Na Física de conteúdo clássico de Galileu e Newton, considerava-se o movimento como tendo uma referência, a um espaço e tempo absolutos, a um tempo que fluía uniformemente sem relação a nada externo, ou seja, ele flui de forma igual para todos os observadores.

A investigação de Einstein pretende demonstrar que os pressupostos desta concepção não se exprimem e, em princípio, fisicamente irrealizáveis, o que se pode provar com necessidade matemática. Estas noções implicam justamente a possibilidade de transmissão instantânea de sinais a distância e de ações físicas imediatas a distância. Só com origem neste pressuposto se pode falar de um tempo único universal, identicamente mensurável por todos os observadores<sup>35</sup>. Eliminando o pressuposto, Einstein mostrou que o fluxo do tempo é diferente para distintos observadores.

Na realidade, todo corpo ou conjunto de corpos ou sistema rígido de referência tem um tempo próprio, intrínseco, medido com um relógio em conectividade com o conjunto dos corpos e o sistema de referência: “o tempo passa a depender do referencial em que o observador o mede... quando se muda o referencial, o tempo muda, mas a velocidade da luz fica constante”<sup>36</sup>. Por que a simultaneidade de dois eventos que ocorrem no mesmo ponto do espaço é absoluta, ou seja, válida para todo e qualquer

---

<sup>33</sup> Cf. OLIVEIRA M. A. de, *Teoria da Relatividade e Filosofia da Natureza*, op. cit., p. 58.

<sup>34</sup> Cf. EINSTEIN A., *Zur Elektrodynamik bewegter Körper*, *Annalen der Physik*, v. 17, 1905, reeditado in: *Ann. Phys. (Leipzig) 14, Supplement, 194-224 (2005)*. EINSTEIN A./INFELD L., *La Física, Aventura del pensamiento. El desarrollo de las ideas desde los primeros conceptos hasta la relatividad y los cuantos*, 17a. ed., Buenos Aires: Editorial Losada S. A., 1996, p. 111 e ss.

<sup>35</sup> Cf. SELVAGGI F., *Filosofia do Mundo*, op. cit. p. 265.

<sup>36</sup> Cf. ROSA L. P., *Tecnociências e Humanidades*, vol. II., op. cit., p. 106.

sistema de referência. Por outro lado, a simultaneidade de dois eventos espacialmente distantes é relativa ao estado de movimento dos sistemas de referência. Não se pode, assim, atribuir ao conceito de simultaneidade um significado absoluto.

Desta forma, a sucessão temporal, o antes e o depois dos eventos, que são ou podem ser ligados por vínculo causal físico, é absoluta para todos os observadores, isto é, se um evento é causa de outro, eles não podem trocar jamais de ordem no tempo, mas é relativa ao estado de movimento do observador para todos os eventos, de tal modo distantes no tempo e no espaço que não possam estar ligados por vínculo causal. Neste caso, a sucessão temporal pode ser invertida em relação a sistemas diversos de referência.

Numa palavra, os intervalos temporais entre acontecimentos dependem do sistema de referência em que estes são medidos. Assim, a duração temporal de um evento ou a distância temporal de dois eventos é relativa ao estado de movimento em relação ao sistema de referência em que é medida, ou seja, o conceito de velocidade precisa de uma referência. Desta forma, eventos que acontecem em distintos lugares, e que são simultâneos em um referencial, podem não ser em outro referencial, movendo-se em relação ao primeiro.

Toda medida temporal possui uma componente espacial e toda medida espacial uma componente temporal: espaço e tempo estão ligados entre si e podem ser representados em um cronótopo de quatro dimensões: as três espaciais e a dimensão temporal. A massa dos corpos não tem, como se supunha na clássica Mecânica, um valor absoluto e invariável, mas nesta nova mecânica ela cresce com a velocidade do corpo e tende ao infinito com o tender desta velocidade à velocidade da luz. Massa e energia, por sua vez, são equivalentes segundo um coeficiente de proporcionalidade igual ao quadrado da velocidade da luz. Assim, a massa de um corpo é equivalente a uma energia altamente condensada e pode ser transformada, toda ou em parte, em energia livre e vice-versa.

Numa palavra, o tempo e o espaço deixam de ser invariantes ao mudar de sistema de referência, passando a ser dependentes do estado de movimento dos observadores, o que implica que não há um só sistema de referência absoluto. Desta forma, pode-se afirmar que a Teoria da Relatividade de todos os fenômenos a sistemas de relação articulou uma mudança radical de nossa postura perante à realidade. Esta mudança está justamente vinculada à revisão fundamental da concepção a respeito do caráter absoluto dos fenômenos físicos, o que significa a articulação de

um novo quadro teórico em relação à Física clássica<sup>37</sup>. Assim, relações reais espaciotemporais não possuem valor absoluto idêntico para todos os observadores, mas um valor relativo que depende do estado de movimento do observador.

## 2.2 Do Tempo Físico ao Tempo Hermenêutico: o Tempo na Filosofia do Ser, de M. Heidegger

Se é possível afirmar com razão<sup>38</sup> que a produção filosófica de Heidegger brotou da pergunta básica de Aristóteles sobre “o que é o ente enquanto ente” e de sua tese sobre as formas de falar desse ente, no entanto, ele não simplesmente a retoma, mas abre um novo horizonte de pensamento no sentido de pôr a questão do ser de maneira nova e radical. Seu objetivo central é explicitar o fundamento da Metafísica.

Sua questão básica é a do ser, que só pode ser enfrentada por meio da pergunta pelo sentido do ser, uma problemática situada num nível anterior ao da pergunta metafísica sobre o ente e a pluralidade dos modos de dizer o ente. Desta forma, a clássica Metafísica, que era um saber sobre o ente que se entendia como filosofia primeira, radica-se num saber mais fundamental ainda: o saber que põe em seu centro a pergunta pelo sentido do ser como pressuposto por toda e qualquer significação. Heidegger denomina aqui este saber de “ontologia fundamental”, pois sua tarefa é buscar o fundamento da Ontologia<sup>39</sup>.

A afirmação absolutamente central de Heidegger com a qual ele pretende se distinguir de toda a tradição é: o ser não é um ente (diferença ontológica) e neste sentido estrito é nada. Ora, para ele, a característica central da metafísica é justamente a identificação entre ser e ente. Daí por que sua pergunta fundamental é pelo ente como ente, ou seja, pergunta pelo ente no horizonte do ser que é pressuposto como horizonte último desde onde tudo é pensado.

O problema é que, na Metafísica, o ser permanece instância pressuposta desde onde tudo é pensado sem que ele mesmo se torne tema da investigação já que aqui tudo se concentra no ente. Na realidade, em última instância, o ser aqui é interpretado como ente universal e

---

<sup>37</sup>Cf. HÜBNER K., *Kritik der wissenschaftlichen Vernunft*, Freiburg/München: Karl Alber Verlag, 1978, p. 137.

<sup>38</sup> Cf. PÖGGELER O., *Der Denkweg Martin Heideggers*, Pfullingen: G. Neske, 1963, p. 17.

<sup>39</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Sein und Zeit*, op. cit., \*&& 4,5,7,9, 10. HOSOKAWA R., “*Sein und Zeit*” als “*Wiederholung der Aristotelsichen Frage*”, in: Phil. Jahrbuch 94(1987)362-371.

supremo, ou seja, como o ser desse ente ou simplesmente como ente supremo, o que fez da metafísica uma ontoteologia<sup>40</sup>.

Para Heidegger, em contraposição à metafísica, a diferença<sup>41</sup>, que distingue ente e ser, é um evento fundante por via da qual o ente é ente. Ser e ente se mostram desde a “Diferença”<sup>42</sup> que assim se revela como uma dimensão mais originária do que o ser e o ente da Metafísica, e é precisamente esta dimensão originária que Heidegger denomina ser. Por esta razão, para Heidegger “a coisa do pensamento” é a diferença como diferença,<sup>43</sup> o que significa pensar o ser sem levar em consideração a relação do ser com o ente<sup>44</sup>, portanto, não pensando o ser como a metafísica pensa, rearticulando-a, pois não é uma simples destruição da metafísica, mas antes de um esforço de se apropriar mais radicalmente das possibilidades ínsitas na própria pergunta metafísica. É isto que, segundo Heidegger, torna possível uma confrontação com toda a tradição do pensamento ocidental<sup>45</sup>.

Se se quer pensar o ser que não é o ente pela mediação da subjetividade que não é doadora do sentido, como emerge, então, o ser? A indagação de Heidegger é a pergunta pela condição de possibilidade do encontro como tal entre subjetividade e mundo, ou seja, o ser não é aqui pensado como o polo objetivo contraposto à subjetividade, mas como aquela dimensão originária que, falando em linguagem transcendental, é aquela dimensão que abrange tanto a subjetividade constituinte como o mundo constituído, como diz Heidegger em sua carta a Husserl de 1927<sup>46</sup>: “o problema do ser se refere universalmente ao constituinte e ao constituído”.

Esta instância, que para ele nunca constituiu tema da tradição metafísica, nem é subjetiva (Filosofia da subjetividade) nem objetiva

---

<sup>40</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Identität und Differenz*, op., p. 55.

<sup>41</sup> Cf. REIS R. R. dos, *Observações sobre a relação entre lógica e ontologia*, op. Cit., p. 481: “A noção de uma diferença ontológica significa não apenas a diferença entre ser e ente, mas sobretudo que o plano ontológico não pode ser tomado como sendo ele mesmo um novo plano de entes”.

<sup>42</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Identität und Differenz*, op. cit., p. 61.

<sup>43</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Identität und Differenz*, op. cit., p. 37.

<sup>44</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Tempo e Ser*, in: *Escritos e Conferências*, São Paulo: Nova Cultural, Trad. de E. Sein, 1996, p. 268.

<sup>45</sup> Cf. HOSOKAWA R., “*Sein und Zeit*” als “*Wiederholung der Aristotelsichen Frage*”, op. cit., p. 371.

<sup>46</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Brief Heideggers an Husserl vom 22/10/ 1927*, in: *Husserliana*, op. Cit. Vol. IX, p. 602.

(Ontologia da coisa como Ontologia da substância) nem também uma síntese posterior entre sujeito e objeto, mas a dimensão “possibilitante” do encontro entre sujeito e objeto que em si abrange e é a partir dela que se pode determinar o que são sujeito e objeto<sup>47</sup>. A pergunta pelo sentido do ser é, portanto, uma perquirição sobre esta dimensão originária e isto é a única, a primeira e a última “coisa” do pensamento.

Sua vinculação filosófica mais direta é com a Fenomenologia de Husserl, é uma versão da filosofia da subjetividade, é considerada por Martin Heidegger em continuidade direta com a velha metafísica. Em contraposição, Heidegger interpreta a fenomenologia como ontologia, na medida em que a entende como a instância de explicitação do que é sempre pressuposto, mas nunca tematizado na vida quotidiana, ou seja, o sentido do ser. Desta forma, sua “virada ontológica” sob nenhuma forma pode significar uma simples recuperação da metafísica pré-kantiana, pois ser aqui não é o ente ou o polo contraposto à subjetividade, mas emerge como sentido originário que se mostra em si mesmo.

Aqui a subjetividade, apesar de constituir referência necessária, não é, como na modernidade, a instância determinante do sentido de tudo, mas antes se entende como relação fundamental ao ser, como abertura ao ser como aquela dimensão que se mostra antes de tudo: o ser humano é “Ex-istência”, lugar privilegiado de manifestação do ser, o “Aí” (Da) do ser<sup>48</sup>, o Eis-aí-ser (Dasein) o que significa que Heidegger distingue rigorosamente entre existência e ser. A abertura ao ser é, assim, a estrutura do Dasein, significando dizer que nós já sempre nos situamos numa compreensão de ser: “Esta compreensão do ser mediana e vaga é um factum”<sup>49</sup>. Daí se dever falar do comum-pertencer de ser humano e ser<sup>50</sup>.

Esta é a razão que conduz Heidegger a afirmar que a transcendência para o ser é a constituição originária da subjetividade de um sujeito e, como tal, está na base de todos os seus relacionamentos aos

---

<sup>47</sup> Cf. FLEIG M./ SANTOS V. dos/ PIMENTEL F. G., *Heidegger Com Husserl*, op. Cit., p. 346: “Abandonar a polarização entre *realismo* e *idealismo* e propor um novo começo é, resumidamente, um esboço do pensamento heideggeriano”.

<sup>48</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Was ist Metaphysik ?*, op. cit., p. 13-14.

<sup>49</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Sein und Zeit*, 10ª. Ed, Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 1963,p. 5.

<sup>50</sup>Cf. HEIDEGGER M, *Identität und Differenz*, Pfullingen: Neske, 1957, p.11-34.

entes<sup>51</sup>. Assim, o que caracteriza justamente sua primeira fase de pensamento é que esta dimensão originária só pode ser tematizada por via da análise da “Existência”, do ser humano enquanto “Dasein”, ou seja, pela mediação do entendimento do ser pressuposta em toda ação intencional<sup>52</sup> do sujeito. Heidegger reconheceu posteriormente que esta posição, embora não falsa, era muito limitada pelo fato de ser incapaz de romper sem ambiguidades com a centralidade do sujeito,<sup>53</sup> uma vez que, apesar da mudança permanecia a referência necessária ao sujeito. Daí a virada que ele propõe: não pensar o ser a partir do Dasein, mas, ao contrário, pensar o Dasein desde o ser.

O ponto de partida da execução desta tarefa foi constituído por suas considerações sobre a vida fática que é portadora em si mesma de um contexto de significação. As repostas às questões emergentes são expressas em sua linguagem específica, já que aqui sentido e vida<sup>54</sup> são radicalmente imbricados. É naturalmente possível objetivar esta significação, como fazem as ciências, mas o preço a pagar é precisamente a perda do que é próprio à vida e isto porque a vida, como contexto de significação, se efetiva sempre em “situações”, cuja expressabilidade não se dá no nível da linguagem científica que é incapaz de se centrar no próprio atuar, no exercício da vida, no evento da vida.

No atuar da vida se dá seu sentido-fundamento e, enquanto tal, ela se revela como “essencialmente histórica”. Assim, existência fática significa existência histórica e isto tem enormes consequências na configuração da Filosofia: se a existência fática do sujeito humano constitui o ponto de partida insubstituível da reflexão filosófica, o esclarecimento do sentido do ser que é o pressuposto da compreensão de

---

<sup>51</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Metaphysische Anfangsgründe der Logik im Ausgang von Leibniz*(Vorlesung Sommersemester 1928, GA Vol. 26, 3a.ed., Frankfurt am Main: V. Klostermann, 2007, p. 211.

<sup>52</sup> Cf. REIS R. R. dos, *Observações sobre a relação entre lógica e ontologia na Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger*, in: Cf. OLIVEIRA N. de/ SOUZA D. G. de (Org.), *HERMENÊUTICA e filosofia primeira*, op. Cit., p. 482: “...todo comportamento intencional para com entes pressupõe a compreensão de ser dos entes correspondentes. Não apenas há uma intencionalidade descobridora dos entes, mas também uma intencionalidade primitiva, dirigida para ser”.

<sup>53</sup> Provocou inclusive a interpretação da análise existencial como uma nova antropologia filosófica. Contra esta interpretação cf. STEIN E., *Ser e Tempo Não é Uma Antropologia Filosófica*, in: STEIN E., op. Cit., p. 87-94.

<sup>54</sup> Isto vai desembocar na consideração da historicidade enquanto horizonte constituidor da nova forma de pensar. Cf. STEIN E., *Seis estudos sobre “Ser e Tempo” (Martin Heidegger)*, Petrópolis: Vozes, 1988, p. 13.

algo como algo terá que ver essencialmente com historicidade, o que significa dizer que o conceito de sentido está ligado à tradição hermenêutica, justificando, assim, a designação de Fenomenologia Hermenêutica.

A centralização da reflexão na historicidade torna ilusória qualquer tentativa de instituir um começo absoluto para o pensamento, pois tal empreendimento pressupõe o abismo entre o sujeito e o objeto, o que origina a um problema insolúvel, ou seja, a questão de como se tem acesso ao mundo. Heidegger considera esta questão básica sem sentido porque sujeito e objeto já estão sempre abrangidos pela dimensão originária, o ser. Nesta perspectiva, o centro da Filosofia deixa de ser a epistemologia que constituiu a característica básica da Filosofia moderna. Agora se põe no centro da Filosofia a Ontologia repensada.

Na medida em que Heidegger entendeu a Filosofia antes de tudo como interpretação da vida fática, ele se pergunta pelo que levou a metafísica, em contraposição ao cristianismo, a não compreender seu sentido. Para ele, a explicação está no fato de que o sentido de ser pressuposto pela metafísica, ou seja, “presença permanente”<sup>55</sup>, tornou esta compreensão impossível. Isto significa dizer que, para Heidegger, a metafísica sempre referiu ser a tempo, embora tenha reduzido o tempo a uma de suas dimensões, o presente. Isto tem uma grande consequência para a Filosofia: torna-se básica a pergunta pelo sentido do ser como pergunta por ser e tempo, numa palavra, o tempo emerge como o horizonte transcendental da pergunta pelo ser<sup>56</sup>.

O enfrentamento desta questão se faz, então, pela análise desse ente que compreende ser, o Dasein. Ele, como ser-no-mundo, é um projeto lançado e, assim, é essencialmente possibilidade, um antecipar-se no mundo como ser em familiaridade com os entes mundanos. Heidegger exprime a totalidade desta estrutura complexa, seu sentido, com o termo “cuidado”<sup>57</sup>. Na vida cotidiana, este ser permanece oculto: o ser humano em primeiro lugar vive inebriado por seu mundo e nesta atitude se deixa simplesmente levar pelas “evidências” que se lhe impõem. Normalmente, o ser humano não vive por si mesmo, mas é antes “vivido” por via da ditadura do “se”<sup>58</sup>. Conserva, no entanto,

---

<sup>55</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Sein und Zeit*, op. cit., p. 25.

<sup>56</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Sein und Zeit*, op. cit. p. 41.

<sup>57</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Sein und Zeit*, op. cit., & 39 e ss.

<sup>58</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Sein und Zeit*, op. cit., op. Cit., & 25-27.

sempre a possibilidade de uma vida autêntica, o que lhe possibilita a compreensão do sentido do seu ser.

Que significa isto? Qual o sentido do ser do ser humano como cuidado? No primeiro momento, parece impossível responder a esta questão, uma vez que o ser humano como cuidado é antecipação, ou seja, ele não é ainda propriamente algo que pudesse ser captado em sua totalidade: o cuidado tem relação justamente com seu poder-ser. O ser humano só é totalmente em seu caminhar para a morte, ou seja, o ser para a morte, a finitude da temporalidade, é o fundamento oculto da historicidade do Dasein. A história, propriamente falando emerge no acontecer da existência, ou seja, desde o futuro do Dasein.

Aqui se revela com toda a clareza que o ser humano é fundamentalmente uma “existência fática”: ele é possibilidade, mas só o é autenticamente enquanto caminha para sua extrema e insuperável possibilidade, a morte, seu mais próprio poder-ser, uma vez que além dela o que há é a impossibilidade de existir como poder-ser determinado. Daí por que, como diz Stegmüller, *“a consciência da finitude é essencialmente constituída pela consciência da morte...”*<sup>59</sup>.

Desta forma, a morte se revela como a possibilidade mais própria e insuperável do ser humano, pois ela não significa a simples interrupção da vida humana, imprevisível e vinda de fora, mas a possibilidade da absoluta impossibilidade do humano. O ser humano é, antes de tudo, determinado pelo futuro, ou seja, por sua morte. Assim, a morte não é simplesmente o fim da vida no futuro, mas um modo de ser da existência presente, isto é, o não-ser do ser próprio de agora. O ser-para-a-morte constitui fundamentalmente a existência do ser humano, por isso ele já morre sempre<sup>60</sup>. Numa palavra, a possibilidade que o ser humano é no mais profundo de si mesmo se origina de uma impossibilidade última. Daí por que sua existência radica na facticidade.

O chamado à consciência conduz o ser humano a seu poder-ser último e o faz saber que ele é culpado, não num sentido moral, mas num senso formal: ele é o fundamento de um ser marcado por um nada. Não foi ele que pôs este fundamento, ele já encontra-se originando dele. Por isto ele é “nádico” tanto a partir de seu lançamento como em seu projeto concreto, que é sempre inserido numa situação determinada, fazendo que

---

<sup>59</sup> Cf. STEGMÜLLER W., *Filosofia Contemporânea*. Introdução crítica, vol. I, São Paulo: E.P.U./Edusp, 1977, p. 132.

<sup>60</sup> Cf. HEIDEGGER M, *Sein und Zeit*, op. cit., op. Cit., && 46 e ss.

suas escolhas sejam sempre situacionalmente limitadas, portanto, marcadas por um nada, o que significa dizer que seu universo não é o espaço do fundamento, mas é o universo da facticidade, da finitude, da historicidade. Daí por que sua verdade é sempre localizada, implicando que ele sempre se mantenha aberto a outros aspectos.

Na medida em que ele sempre caminha para morte, contudo, ele é sempre totalmente em todas as situações e, como tal, sempre um ser do futuro<sup>61</sup>, mas capaz de retornar a si e assumir seu estar-no-mundo. O ser humano só é presente a si como passado “futúrico” e a unidade destes momentos é o que Heidegger denomina “temporalidade”, manifesta, então, como sentido do ser do ser humano, ou seja, do cuidado assim que todos os seus momentos constitutivos devem ser entendidos a partir da temporalidade revelada fundamentalmente como historicidade<sup>62</sup>.

Ser histórico significa ter um destino, isto é, caminhar para a morte, retornar à facticidade e à finitude da existência, entregar-se às possibilidades abertas e ser momentâneo ao próprio tempo. A existência cotidiana não percebe seu caráter histórico e por isto mesmo é inautêntica no sentido de um modo de ser. A metafísica da tradição pensou desde essa perspectiva e por isto foi incapaz de pensar a temporalidade em seu sentido originário, ou seja, nunca pensou a própria temporalidade do tempo.

Para Heidegger, no universo do humano, de sua liberdade e de sua história, está em jogo uma temporalidade (tempo hermenêutico, histórico<sup>63</sup>) profundamente diferente da temporalidade do mundo natural (tempo físico, natural) e constitui a situação originária do ser humano<sup>64</sup>. A historicidade é desta forma o modo de existir que as coisas não possuem. Desde sempre, estamos encerrados no mundo humano marcado pelo sentido. Daí a fundamentabilidade da compreensão no ser humano. A fenomenologia ontológica se situa, assim, aí onde sempre está o ser humano, ou seja, na esfera da historicidade e é ela que torna sem sentido a

---

<sup>61</sup>Cf. HEIDEGGER M, *Sein und Zeit*, op. cit., op. Cit., && 65 e 66.

<sup>62</sup>Cf. HEIDEGGER M, *Sein und Zeit*, op. cit., op. Cit., && 72-77.

<sup>63</sup>Husserl abriu este novo horizonte de compreensão, analisando o tempo como o entrelaçamento, no “presente” da consciência, do tempo que foi (retenção) e do tempo que será (protensão). Cf. HUSSERL E., *Vorlesungen zu Phänomenologie des inneren Zeitbewusstseins* (1993-1917). Husserliana X, Den Haag: M. Nijhof, 1966

<sup>64</sup>A respeito das aporias que emergem desta concepção de tempo que ficaram sem solução no pensamento de Heidegger, cf. LACOSTE J-Y., *Notes sur le Temps: essai sur les raisons de la memoire et de l'epérance (Théologiques)*, Paris: PUF, 1990, p. 23-25, 35-37.

ideia de um começo absoluto da reflexão filosófica como havia exigido a metafísica moderna desde Descartes.

A análise do ser humano como Dasein, entretanto, era apenas para Heidegger o caminho necessário a fim de pensar o ser. O sentido do ser do ser humano é a temporalidade: a grande tarefa que se impõe agora é pensar a temporalidade do sentido do ser, ou seja, efetivar a passagem da temporalidade da compreensão de ser para a temporalidade do próprio sentido do ser. Conduz algum caminho do tempo originário para o sentido do ser? O próprio Tempo se manifesta como horizonte do Ser? Como relacionar a temporalidade do ser humano e o tempo como horizonte transcendental da pergunta pelo ser? Heidegger não efetivou mais esta última tarefa.

### **Considerações finais: O desafio de pensar a unidade da complexidade**

A modernidade e a contemporaneidade põem a Filosofia diante do desafio de pensar o tempo na integralidade de suas dimensões: tempo físico e tempo histórico<sup>65</sup>. O ser humano emerge aqui como irrenunciável para a efetivação desta tarefa já que ele mesmo se revela como uma configuração altamente complexa em dimensões, assim unidade na diferença de tempo físico e tempo histórico.

O ser humano se capta, a si mesmo, como uma unidade altamente complexa. Ele se mostra antes de tudo como uma realidade material-orgânica e, assim, tal como uma parte da natureza, o cosmo é seu lugar insuperável. Neste sentido, ele emerge no mundo, é um fenômeno no mundo, um fenômeno entre outros fenômenos integrantes do mundo e de sua evolução, portanto, um fenômeno originado do mundo e no mundo, integrado no mundo e por ele condicionado. Assim, ele é um ser natural, um corpo orgânico, caracterizado, portanto, por uma determinada configuração corporal-biológica.

Por esse pretexto, em contraposição a Descartes, Ricoeur fala de reintroduzir o corpo no *Cogito* integral e de recuperar a certeza fundamental de estar encarnado, de estar numa situação corporal<sup>66</sup>. Na qualidade de ser corporal-orgânico o ser humano pertence ao mundo

---

<sup>65</sup>Lima Vaz fala de quatro níveis de espaço-tempo articulados entre si: espaço-tempo físico-biológico, espaço-tempo psíquico, espaço-tempo social, espaço-tempo cultural. Cf. LIMA VAZ H. C., *Antropologia Filosófica I*, São Paulo: Loyola, 1991, p.177-178.

<sup>66</sup>Cf. RICOEUR P., *Philosophie de la volonté. Le volontaire et l'involontaire*, Paris: Aubier, 1967, p. 203.

objetivo<sup>67</sup> e é portador das qualidades que caracterizam os seres materiais e das estruturas próprias dos organismos<sup>68</sup>. Por esta dimensão, o ser humano se situa na esfera da *particularidade* do espaço/tempo físico do mundo natural, tanto do mundo exterior pelo corpo, como do mundo interior pelo psiquismo.

O ser humano, no entanto, não se esgota como realidade no que ele de fato é, mas possui em princípio a capacidade de transcendência da facticidade. Assim, por exemplo, como ele pode objetivar tudo, ele não é simplesmente seu corpo, mas tem seu próprio corpo como objeto. É deste quadro teórico que se pode compreender que a pertença do ser humano à esfera do biológico é constitutiva, mas de certo modo paradoxal: por um lado, uma determinação biológica é um fator constitutivo de seu ser como de qualquer ser orgânico; por outro, ele não se identifica pura e simplesmente com esta determinação, pois pela pergunta transcende a esfera do imediato e se aparta de tudo, o que revela uma característica que não é encontrada no biológico, pois seu alcance intencional é absolutamente universal.

Esta é a razão que nos permite afirmar que com isto se revela algo especificamente humano. Foi precisamente por esta razão que M. Scheler<sup>69</sup> caracterizou o ser humano como o sendo eterno protesto contra a simples efetividade. Nesse sentido, pode-se dizer que a evolução produziu um ser que tem a tarefa de se produzir. Por poder distanciar-se de tudo, ele pode, em seu conhecimento, partir dos entes individuais e avançar pela consideração de interconexões cada vez mais amplas até atingir a interconexão de todas as interconexões, ou seja, a dimensão que se pode chamar “ser originário”<sup>70</sup>. O ser humano emerge, então, como o ser da abertura ao ser em seu todo, como o ser da totalidade<sup>71</sup>, que encerra simplesmente tudo, o que implica a negação de qualquer limite e exterioridade: o ser da subjetividade se revela coextensivo com o ser em

---

<sup>67</sup>Cf. MERLEAU-PONTY M., *Phénoménologie de la perception*, Paris: Gallimard, 1945, p. 171: “Le corps est notre moyen général d’avoir un monde”.

<sup>68</sup>Cf. JONAS H., *Organismus und Freiheit*, Göttingen, 1973; *Theorie des Organismus und Sonderart des Menschen*, in: *Philosophische Untersuchungen und metaphysische Vermutungen*, Frankfurt am Main/ Leipzig: Insel Verlag, 1992, p. 9-100.

<sup>69</sup> Cf. SCHELER M., op. Cit., pg. 55.

<sup>70</sup>Cf. PUNTEL L. B., *Sein und Gott. Ein systematischer Ansatz in Auseinandersetzung mit M. Heidegger, É. Lévinas und J-L. Marion*, Tübingen: Mohr Siebeck, 2010, p. 189 e ss.

<sup>71</sup> Esta é uma tese básica da tradição da filosofia ocidental. Assim, Aristóteles afirma do espírito ou do pensamento que ele de certo modo é tudo. Cf. De anima III. 8. 431 b 21: ἡ ψυχὴ τὰ ὄντα πᾶσι παντα. E que o sábio sabe tudo. Met. A 2 982 a 8.

seu todo, por ser a instância que expressa o todo. É isto que a tradição chamou ser espiritual.

Nesta óptica, o ser humano se compreende a si mesmo como um ser dotado de inteligência, vontade e liberdade e, como tal, é um ser temporal não apenas como tempo físico, mas tempo é nele também a forma do devir da liberdade humana<sup>72</sup>, tempo histórico. Neste sentido, a evolução natural de que ele faz parte se revela em última instância como um momento da história do espírito livre, de tal modo que o tempo físico do cosmos se revela como um momento da história da liberdade.

Desta forma, o mundo e seu modo de ser se manifestam como o espaço e momento interno desta história temporal da liberdade. Inserido no mundo natural e histórico, o ser humano é marcado por inúmeros condicionamentos. Assim, podemos dizer que não há liberdade sem *processo de emancipação*, ou seja, sem a tarefa de o ser humano se conquistar a si mesmo como ser humano, de produzir criativamente uma maneira de ser de si mesmo, de se determinar em face das determinações prévias em que está inserido<sup>73</sup>.

Numa palavra, o vazio da liberdade feito possibilidade de autodeterminação se manifesta como a necessidade de construir a si mesmo, de se pôr na esfera da existência, da finitude, da particularização, ou seja, de uma configuração específica do próprio ser e do ser do mundo, decidindo-se sobre si mesmo e as possibilidades de sua existência, como chance e, portanto, "tarefa histórica"<sup>74</sup> da elaboração do ser pessoal e social, e, conseqüentemente, como possibilidade do fracasso na conquista da auto-identidade e de sua realização. É precisamente isto que constitui sua historicidade originária.

**\*Prof. Dr. Manoel Araújo de Oliveira**

Doutorado em Filosofia pela Universität München Ludwig Maximilian.  
Mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma.  
É professor titular da Universidade Federal do Ceará.

---

<sup>72</sup>Cf. RAHNER K., *Hörer des Wortes. Zur Grundlegung einer Religionsphilosophie*, München: Kösel-Verlag, 1963, p. 161 e ss.

<sup>73</sup> Cf. TOMÁS de AQUINO, S. Th., I, 83, 2 ad 3.

<sup>74</sup> Cf. LADRIÈRE J., op. cit., p. 34-35: "...o ser humano ... só existe à maneira do devir, ainda não é o que pode ser, aquilo que é chamado a ser, não sendo plenamente o que é. Portanto, tudo indica que existe, no ser humano, uma tensão interior fundamental entre o ser, tal como ele é dado no presente a si mesmo e o ser tal como ele aparece a si mesmo: como ser futuro".

## O TEMPO DA GRAÇA

Maria A. R. Abrão\*

### **Resumo**

A leitura do passado na experiência cristã é mais do que uma análise objetiva da evolução e da sucessão dos acontecimentos. Sem prescindir dos tecidos socioeconômicos e culturais nos quais está enraizado, aquele que crê se exercita nessa tessitura a discernir a comunicação, a solicitude de Deus para com os seres humanos. De modo mais radical, é o reconhecimento de como a circulação do amor divino permeia o tempo e, nele, as evidências que o habitam. Com esta finalidade, este artigo pretende fazer um esboço da percepção do tempo em sua dimensão teológica na reflexão do Pe. Antônio Vieira, SJ, englobando no caminho desse entendimento a fonte inspiradora singular que deu origem à Companhia de Jesus: Inácio de Loyola. Sua experiência e o legado de sua maneira de ajudar outros a distinguir a graça – universo no qual o ser humano vive e se move – permitem alargar o campo de compreensão e de melhor penetrar a atuação de Vieira. Simultaneamente, torna possível visitar o caminho de uma fé que desposa as realidades do seu tempo para ser fiel ao seguimento de Jesus Cristo e à vivência do evangelho.

### **Palavras-chave**

Tempo. Graça. Fé. Antônio Vieira. Inácio de Loyola.

### **Resumé**

La lecture du passé dans l'expérience chrétienne est au-delà d'une analyse objective de l'évolution et de la succession des événements. Sans faire fi des tissus socio-économiques-culturels où il lance ses racines, celui qui croit s'exerce à discerner la communication, la sollicitude de Dieu envers les êtres humains. De manière encore plus radicale, il s'agit de reconnaître la façon dont la circulation de l'amour de Dieu traverse le temps et, en lui, les évidences qui le constituent. Dans ce but, cet article veut esquisser la perception du temps dans sa dimension théologique dans la réflexion du P. Antônio Vieira SJ, y inclus la source inspiratrice qui a donné naissance à la Compagnie de Jésus : Ignace de Loyola. Son expérience et l'héritage de sa manière d'aider les autres à distinguer la grâce – univers dans lequel l'être humain vit et se meut – rendent possible d'élargir le champ de compréhension et mieux saisir la manière d'agir de Vieira. Elles nous permettent également de visiter le chemin d'une foi qui épouse les réalités de son temps pour être fidèle à la suite du Christ et à vivre son évangile.

## Mots-clés

Temps. Grâce. Foi. Antônio Vieira. Inácio de Loyola.

Tempo. Qual é o preço a pagar para dele dispor? E quando dele se dispõe, aproveitá-lo. Por quê? Para quê? Esta é uma questão de ontem e de hoje habitando as preocupações humanas, como o testemunha Fernando Pessoa:

Aproveitar o tempo! Mas o que é o tempo, que eu o aproveite?

Aproveitar o tempo! Nenhum dia sem linhas... (...)

Aproveitar o tempo! Tirar da alma os bocados precisos – nem mais nem menos – para com eles juntar os cubos ajustados que fazem gravuras certas na história. (...)

Aproveitar o tempo! Não ter um minuto que o exame de consciência desconheça...

Não ter um ato indefinido nem factício...

Não ter um movimento desconforme com propósitos... Boas maneiras da alma... Elegância de persistir...

Aproveitar o tempo!

Meu coração está cansado como mendigo verdadeiro. Meu cérebro está pronto como um fardo posto ao canto (...).

Aproveitar o tempo!... Ah, deixem-me não aproveitar nada! (...)<sup>1</sup>

Pensar o tempo da graça é situar-se na experiência cristã do tempo. Essa experiência atribui à iniciativa divina a organização histórica temporal em sua tríplice dimensão, na qual se desenvolve a história de uma relação, história santa e salvífica que vai da anamnese à realização escatológica, passando por uma incessante significação teológica do presente<sup>2</sup> significação tecida no tempo do mundo, em contextos socioculturais, políticos e econômicos, no coração de ambivalências, de realidades humanas que situam o homem diante de lógicas distintas.

Confrontado a tais lógicas e provocado a decifrá-las, aquele que crê é instado a abandonar o terreno das evidências – lugar confortável - para significar, na qualidade de pessoa de fé, o que lhe sucede.

Numa consideração sobre as distintas gerações – *baby boomers*, geração X, geração Y - e suas prioridades, Bauman acentua que “tudo o que nos é fácil, constante e fartamente acessível tende a ser óbvio demais para ser notado”. E prossegue seu argumento: “... se nos pedissem para

---

<sup>1</sup> PESSOA, Fernando. *Poesias*. Seleção de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM Editores, 1996.

<sup>2</sup> LACOSTE, Jean-Yves. *Dictionnaire critique de Théologie*. Paris: PUF, 1998.

fazer uma lista das coisas que consideramos ‘essenciais à vida’, dificilmente nos lembraríamos de mencionar o ar”. A obviedade, via de regra, não leva a pensar. “... o ar está presente a qualquer hora, em qualquer lugar; tudo o que temos de fazer é inspirá-lo na quantidade que nossos pulmões permitem”<sup>3</sup>.

Se admitirmos que a graça é o ar que respiramos – porquanto o homem foi criado em Cristo (cf. Ef. 1, 3ss) – pensar o tempo da graça é talvez se exercitar a deixar o campo das evidências e entrar decididamente num labor teológico.

Tempo da graça. O próprio título traz a qualificação: “da graça”. Para visitar sua dimensão teológica, a opção é a de um caminho em três etapas. E, nela, **três palavras** são fundamentais: discernimento do tempo, perseverança na esperança e seguimento no amor. Discerniremos o tempo, deixando-nos orientar pelo Pe. Antônio Vieira<sup>4</sup>, o que exigirá de nós um recuo de quatro séculos, tendo diante dos olhos as perguntas: e se o tempo fosse um aliado do ser humano em sua caminhada e não aquilo contra o que lutamos? E se estivéssemos vivendo a idade de ouro? A primeira parte será o contexto e o pretexto para visitarmos uma herança espiritual que modelou não somente Vieira, mas também grandes santos e personalidades na Teologia<sup>5</sup>. Nessa herança, o estatuto e o tratamento do tempo serão objeto da segunda parte. Finalmente, na terceira e última, olharemos para Aquele que é a graça em todo tempo.

## 1. Discernir o tempo com o Pe. Antonio Vieira<sup>6</sup>

### 1.1 A densidade teológica do tempo

Um espírito que tem pressa traduz bem a inquietude do coração desse jesuíta que prega a tempo e a contratempo, servindo-se de seus Sermões, sem, contudo, se limitar a eles, para denunciar injustiças e anunciar o Evangelho.

No seu tempo, também Vieira tentou falar como entendia o «tempo da graça» e até mesmo persuadir seus interlocutores sobre a sua concretude. Eram momentos difíceis. As vicissitudes da história levaram

---

<sup>3</sup> BAUMAN, Zygmunt. *44 Cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 60.

<sup>4</sup> Apoiar-nos-emos, sobretudo, na obra inacabada: *História do Futuro*. Edição crítica comentada e prefaciada por José van den BESSELAAR. Munster: Aschendoorff, 1976.

<sup>5</sup> A título ilustrativo: Karl Rahner, Hans Urs von Balthasar.

<sup>6</sup> Retomamos aqui alguns elementos de nossa publicação no livro: *Lembra-te do Futuro*. A teologia de Antônio Vieira à luz da História do futuro. São Paulo: Loyola, 2012.

o seu país a estar por muito tempo sob o jugo de outro povo<sup>7</sup>. É surpreendente como as contradições históricas não o dissuadiram, mas antes o estimularam a reconhecer a solicitude da Trindade para com os humanos. Hermeneuta incansável, Vieira procura entender: como a graça de Deus pode habitar esta história? Como a graça pode habitar estes tempos? Em geral, quando falamos de « tempo da graça », somos tentados a pensar em tempos idílicos. A ideia do paraíso terrestre alimentou correntes milenaristas<sup>8</sup>. Que conteúdo, porém, é colocado sob a palavra “graça”? Se a consideramos como “a solicitude divina para com o homem, tal como ela se encarna em Jesus Cristo e se comunica no mais profundo da natureza humana como dom do Espírito Santo”<sup>9</sup>, vemos não apenas que muitas outras perguntas poderiam ser acrescentadas, mas também que há, pelo menos, duas perspectivas distintas, duas diversificadas portas de entrada: do ponto de vista da Trindade que se dá e do ponto de vista da relação que se instaura. À sua maneira, Antônio Vieira se deleitou em refletir sobre isso. Ainda mais: esse deleite foi para ele uma necessidade, com implicações existenciais. Para o leitor a quem Vieira se dirige, o tempo da graça seria provavelmente isento de percalços, um tempo em que se pudesse conhecer o futuro. No movimento de uma projeção contínua, a graça estaria sempre lá onde o homem ainda não está (futuro) ou onde ele não está mais (passado recente), nem nunca esteve (passado muito distante). Este jesuíta traz em si muitas ambiguidades. É, a um tempo, realista e utópico, e – diga-se de passagem - não é o único a ter esse privilégio...

Na *História do Futuro*, mas também em algumas passagens dos *Sermões*, nós o vemos obstinado em descobrir na própria história, tal qual se apresenta, no presente que lhe é dado, as marcas de Deus (ver ainda o “Sermão de Santo Antônio aos peixes”<sup>10</sup>). Na *História do Futuro*, livro bastante árido, ele se aplica ao exercício de perceber, de discernir, de reconhecer a presença, o comunicar-se, o agir de Deus e, portanto, a graça em ação. Era no século XVII. E assim ele se expressou:

---

<sup>7</sup> Na *História do Futuro*, Vieira retomará diversas vezes a reflexão sobre esse sofrimento sob o jugo espanhol. Ver VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, edição crítica comentada e prefaciada por José van den BESSELAAR. Munster: Aschendoorff, 1976, v. 1, p. 94.

<sup>8</sup> Para uma leitura com maior vagar sobre este ponto, ver: DELUMEAU, Jean. *Une histoire du paradis*. Mille ans de bonheur. Paris: Fayard, 1995.

<sup>9</sup> FABER, Eva-Maria. Grâce, em: LACOSTE, Jean-Yves. *Dictionnaire Critique de Théologie*. Paris: PUF, 2007.

<sup>10</sup> NORONHA, José. *Para uma leitura do Sermão de Santo Antônio aos peixes*, do Padre Antônio Vieira. Lisboa: Presença, 1998.

O tempo (como o mundo) tem dous emisferios: hum superior e visível, que he o passado; o outro inferior e invisível que é o futuro. No meyo de hum e outro emispherio ficão os horizontes do tempo, que são estes instantes do presente que himos vivendo, onde o passado se termina e o futuro começa<sup>11</sup>.

Lugar onde o passado se termina e o futuro começa. Temos aqui uma **definição** do que é para ele o tempo, considerado em sua tríplice dimensão. O presente é, nessa visão, o entroncamento entre o passado e o futuro. Será que a sua preocupação é puramente especulativa? Da maneira como o seu projeto é tecido, vemos que ele busca o espaço para uma ação. Avesso à postura passiva ou a um pseudoabandono à Providência, mostra-se, antes, motivado e motivador para interferir no curso dos acontecimentos, criando, em certa medida, o tempo de tal intervenção. Leitor incansável das Escrituras<sup>12</sup>, nelas busca luz e força para inventar no tempo que é o seu as formas de aplicar sua interpretação; interpretação que se recusa a se estagnar no passado ou a se projetar, como o lugar em que a graça marca encontro com o ser humano. Mais do que situar a importância na sucessão entre passado, presente e futuro, o caso é de sublinhar que o presente é o lugar em que o futuro se constrói. Evadir-se do presente faz o ser humano “perder a graça”. A esse respeito, Vieira faz um comentário irônico:

Em um mapa tão pequeno, tão plano e tão liso como a palma da mão de um homem, inventaram os quiromantes não só linhas e caracteres distintos, senão montes levantados e divididos, e ali descrita a ordem e sucessão da vida e casos dela, os anos, as doenças, os perigos, os casamentos, as guerras, as dignidades e todos os outros futuros prósperos ou adversos: arte certamente merecedora de ser verdadeira, pois punha a nossa fortuna nas nossas mãos<sup>13</sup>.

Sim, nas mãos humanas podemos ler e reconhecer o caminho da vida, todavia, numa compreensão bem diversa daquela que Vieira critica. E aqui temos um indicador: Deus coloca a graça no alcance das mãos humanas. O exercício é ainda o de tratar continuamente o presente à luz do futuro. Isso, porém, não seria evasão? Não. O futuro para Vieira já está dado na promessa e na realização da palavra de Deus dirigida ao

---

<sup>11</sup> VIEIRA, António. *História do Futuro*, v. 1, p. 72.

<sup>12</sup> Para dar-se conta da seriedade dessa afirmação, ver o projeto de Vieira que testemunha o seu espírito investigativo no que concerne à Escritura: VIEIRA, A. *Clavis Prophetarum*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000. Edição crítica por Arnaldo do Espírito Santo.

<sup>13</sup> VIEIRA, António. *História do Futuro*. Introdução, actualização do texto e notas por Maria Leonor Carvalhão BUESCU. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da moeda, 1992, p. 49.

homem. Quanto mais este se referir existencialmente a essa palavra, tanto mais estará ancorado no seu tempo e na sua realidade.

A referência a essa palavra que não é a própria exige do homem que discerne o tempo a atitude de **fé**; atitude que na perspectiva do autor é sinônimo de gratidão, por ser resposta a um amor revelado não de maneira abstrata, mas na economia salvífica; não somente alicerçado na história do povo de Israel, mas à luz dessa história–indubitavelmente paradigmática – o Amor revela-se na história singular vivida em cada tempo. Aquela deve estar sempre diante dos olhos daquele que crê, como um farol. Nunca para ser repetida. Sua função é anamnésica. Aponta para o modo de proceder de Deus e para a fidelidade a uma palavra dada. É o mesmo Deus o de ontem e o de hoje. E faz parte inseparável da eternidade, da natureza de Deus, que todos os futuros lhe sejam presentes<sup>14</sup>. Já o ser humano está postado nos horizontes do tempo, no presente<sup>15</sup>. Vieira descreve assim essa relação: «*O homem, filho do tempo, reparte com o mesmo tempo ou o seu saber, ou a sua ignorância: do presente sabe pouco, do passado menos, do futuro nada*<sup>16</sup>». Contrariamente, no entanto, às aparências, a pertença ao tempo não constitui um obstáculo. Em vez de separar o homem de Deus, o reaproxima dEle, passando de lugar hostil ao encontro com Deus ao lugar dado por Deus para o encontrar. Assim a distância que separa o homem contemporâneo do evento fundante da fé cristã não o situa em desvantagem em relação às testemunhas oculares, mas dá meios inusitados de viver essa relação, enfatizando a dimensão pneumática e ratificando a palavra de Jesus.

## 1.2 “Durar” no tempo da provação

Meios inusitados... Uma vez mais, o universo poético pode ser útil à reflexão teológica...

Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca,

---

<sup>14</sup> Idem. *História do Futuro*, v. 1, p. 67.

<sup>15</sup> Em seu trabalho sobre o tratamento do presente, F. Hartog ajuda a ver passagens significativas de compreensão do presente. Ele passa pelo presente homérico, o antigo dos filósofos, o renascente dos humanistas, o escatológico ou o messiânico, o presente moderno, e conclui que uma mudança se faz sentir: a luz que para os humanistas vinha do passado antigo comportando o dever de exemplo e de imitação, com o regime moderno de historicidade, provém do futuro. Em nossos dias, a luz vem unicamente do próprio presente e este se determina. Ver HARTOG, François. *Régimes d'historicité*. Présentisme et expériences du temps. Paris : Seuil, 2003, p. 218. Vieira não cessará de tratar o presente à luz do futuro que é para ele ao mesmo tempo promessa e realização da palavra de Deus dirigida ao homem.

<sup>16</sup> Ver VIEIRA, António. *História do Futuro*, v. 1, p. 67.

para sempre”, escreve Rubem Alves. “Assim acontece com a gente. As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo. Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito, a vida inteira. São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosas. Só que elas não percebem. Achem que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser. Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos. Dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, ficar doente, perder um emprego, ficar pobre. Pode ser fogo de dentro. Pânico, medo, ansiedade, depressão - sofrimentos cujas causas ignoramos. Há sempre o recurso aos remédios. Apagar o fogo. Sem fogo o sofrimento diminui. E com isso a possibilidade da grande transformação<sup>17</sup>.

Pensamos que Vieira tentou situar seus ouvintes ante a decisão radical que consente à transformação. Parece ocupado, na perspectiva de sua obra, em mostrar que o tempo com todas as circunstâncias que inclui não é um obstáculo entre Deus, que vive na eternidade e a humanidade, submissa às leis do tempo. Pensando o tempo como uma criatura<sup>18</sup>, dá a entender – mediante uma alusão a Rm 8, 38-39 – que Paulo lança um desafio também ao tempo ao afirmar que nada pode nos separar do amor de Deus manifestado no Cristo Jesus. Aceitando o fato de que Deus seja Deus, o ser humano acolhe em sua contingência a certeza que pode ser determinante na sua vida.

Por isso, a fé tem para Vieira um papel decisivo. E o “fogo” de que fala Rubem Alves, Vieira traduz numa perspectiva teológico-espiritual:

A prova da verdadeira fé e a fineza do verdadeiro amor não é seguir o sol quando ele se deixa ver claro e formoso, com toda a pompa dos seus raios. A prova da verdadeira fé e a fineza do verdadeiro amor residem em seguir o sol quando ele se nega aos olhos, escondido e encoberto de nuvens<sup>19</sup>.

E aqui entramos na segunda palavra fundamental do tema que nos ocupa, porque associada à fé está a perseverança. Perseverar, do latim *per* (totalmente) e *severus* (sério, estrito), quer dizer manter-se firme. Manter-se firme por teimosia? Não. A leitura teológica da história lembra que a promessa de Deus se realiza sempre, mesmo se o autor admite a possibilidade de que ela tarde a vir. A duração do tempo ao qual o homem é submisso ameaça lhe fazer esquecer a promessa. Será que Vieira quer por esse intermédio nos sugerir que a realização da promessa dependeria da consciência que dela tem o homem? Será que o desconhecimento d'Aquele

---

<sup>17</sup> disponível em [http://www.releituras.com/rubemalves\\_pipoca.asp](http://www.releituras.com/rubemalves_pipoca.asp).

<sup>18</sup> Ver VIEIRA, António. *História do Futuro*, v. 1, p. 80.

<sup>19</sup> VIEIRA, António. *Sermões*. Porto: Lello & Irmão Ed., 1951, vol. VI. Sermão do Santíssimo Sacramento pronunciado em Roma no ano de 1674.

que faz a promessa impede seu cumprimento? Na lógica de sua teologia, parece-nos que não há influência sobre a promessa. Os termos esquecimento e desconhecimento são para ser ligados, no contexto a que ele se refere, com a gratuidade e o reconhecimento. Gratidão e reconhecimento remetem, por sua vez, não somente ao «ver», mas igualmente a certa qualidade de visão que pode manifestar as disposições do coração. Esta qualidade de visão não altera a realidade objetiva: os fatos estão lá. A negligência ou a recusa de vê-los, contudo, impede a leitura do modo como a promessa se cumpre, e projeta então o homem num futuro que lhe deve trazer o que já vem a ele, mas que ele não reconhece.

### 1.3 Discernir a promessa no tempo

A esperança e o tempo estão ligados. A esperança implica durar. A fuga da duração pode provocar a infidelidade. O que pode, entretanto, nos permitir esperar? Esperar não é fácil. O próprio Vieira o reconhece: «*Ainda que seja muyto segura, muyto firme e muyto bem fundada a esperança, he um tormento desesperado o esperar*<sup>20</sup>». Lembra que os profetas várias vezes foram objeto de zombaria por causa de sua esperança na promessa que demorava a se realizar<sup>21</sup>. Reconhece também que, na História Sagrada, foi preciso várias gerações até chegar o dia de entrar na Terra Prometida<sup>22</sup>. É verdade, há esperanças que tardam, mas há as que vêm. E o reconhecimento das que vêm alimenta e dá forças para esperar as que devem vir. Isso não é um jogo de palavras: é interpelação a discernir esperanças e, nelas, descobrir a vida de que são portadoras. A impressão de que as promessas não se realizam semeia a desconfiança sobre a palavra dada. Esta desconfiança tem um influxo sobre a atitude humana perante a esperança no futuro. O homem é então tentado a viver com os olhos colados no passado ou no presente, uma vez que não há nada a esperar. O binômio promessa-esperança, no entanto, poderia ser um «lugar teológico» onde se torna possível uma síntese harmoniosa: presente, passado, futuro.

Se fosse simplesmente uma palavra humana, poderia levar à ilusão, dada a facilidade com a qual o homem promete o que não pode dar. Quando esta promessa, contudo, vem de Deus e se fundamenta nEle, ela

---

<sup>20</sup> Idem. *História do Futuro*, v. 1, p. 78.

<sup>21</sup> Resta-nos compreender a alusão à passagem da página 79, em que Vieira toma distância com relação aos profetas da Escritura que falavam de esperanças de maior prazo. Será para dar mais credibilidade à sua História ao falar de esperanças breves? Será para fazer a crítica das promessas que, tentando acalmar o povo, o mergulhava na inércia?

<sup>22</sup>Ver VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, v. 1, p. 79.

abre à esperança que não decepciona. O risco é o de que a esperança possa ser objeto da usura do tempo. Sendo assim atingida, provoca fissuras na fidelidade.

Para levar a sério a revelação de Deus, faz-se necessário dar-se conta de que Ele, sem ser submisso às leis do tempo, se compromete com o homem que vive no tempo. Dá-lhe sua palavra, entrega-lhe sua promessa e o conduz ao seu cumprimento, que é o final de um processo. E é se engajando dessa maneira que Deus não destrói nem as liberdades, tampouco as leis do tempo.

## **2. A Seiva Inaciana: inspiração de ontem e de hoje**

### **2.1 Habitar o tempo com Deus**

É bastante provável que, na escola de Inácio, Vieira tenha se exercitado a discernir os distintos tempos e, neles, simultaneamente, tenha observado a relação do ser humano com a Trindade e os frutos que essa relação produz. Os *Exercícios* de Inácio de Loyola conhecem um dinamismo peculiar que passa continuamente pela prática do discernimento. Esta é uma maneira quotidiana de reconhecer no cerne do que vive o homem, no coração das forças que o agitam, a autocomunicação de Deus que o situa em movimento (moções). E, uma vez identificada, o homem é mobilizado a não parar nela, mas a “tirar proveito”, colher os frutos da experiência no sentido de orientar-se para uma ação. O exercício inaciano possui uma força inaudita do ponto de vista da perspectiva que nos ocupa: provoca o homem a ver a realidade, a nela mergulhar com Cristo e assim ser “devolvido” ao seu hoje, que é lugar teológico por excelência.

É preciso, contudo, enfatizar – porque nos parece que esta é uma riqueza particular da experiência de Inácio – o fato de que tudo, absolutamente tudo o que se faz na vida, na banalidade do cotidiano, é “matéria” do exercício de que acabamos de falar. Há duas frases muitíssimo conhecidas que querem expressar uma atitude de fundo: “Contemplação na ação” e “Ver Deus em todas as coisas e todas as coisas em Deus”. Acreditamos que a segunda expressa de modo menos ambíguo a especificidade do olhar de Inácio.

Ainda uma vez: trata-se de um exercício que Inácio convida a delimitar no tempo (em todo tempo) e, sobretudo, a intensificar no tempo da provação (desolação). Diz a tradição que, em Alcalá, Inácio ajudava os estudantes jesuítas a discernir no cotidiano as astúcias do inimigo da

natureza humana que tenta afastar o ser humano de Deus: "não retardemos nunca uma boa obra, por pequena que seja, pensando que faremos outras maiores em outro momento. É, com efeito, uma tentação habitual do inimigo fazer que se coloque a perfeição nas coisas futuras e nos conduzir ao desprezo das coisas presentes"<sup>23</sup>.

Os exercícios propostos por Inácio manifestam à profusão o presente, inscrevendo-se na elaboração incessante entre confluência do passado e gestação do futuro. E o homem é ator na medida em que acolhe Aquele que vem a ele.

Vieira será particularmente sensível a tais frutos. E há de se convir que, mesmo se mantendo discreto nas referências explícitas à sua pertença, ele se inscreve nessa tradição.

## 2.2 Fidelidade ao tempo real

Inácio tem um modo de aceder ao Evangelho que expressa grande liberdade. Isto se manifesta, sobretudo, nos *Exercícios Espirituais* e nas *Constituições*. O caminho, entretanto, para uma progressiva liberdade foi longo, como o testemunha a *Autobiografia*<sup>24</sup>. Ele leva a sério o fato de que entre Deus e o ser humano se realiza um encontro de liberdade e amor sempre atual. Por isso, na dinâmica da experiência inaciana, é fundamental contemplar Jesus Cristo na multiplicidade dos mistérios de sua vida, acompanhando-o em sua trajetória terrena. Para tanto, o homem todo é solicitado, inclusive com seus cinco sentidos. Com que finalidade? Unicamente com o objetivo de concretizar o mais plenamente possível o seguimento de Jesus e a maior aproximação com o seu modo de viver. Inácio - já no seu tempo -, no entanto, se dá conta de que, se é verdade que o apelo do seguimento guarda toda a sua atualidade, é igualmente verdadeiro que, no desenrolar da história das sociedades e da evolução do mundo, circunstâncias muito diversas se expressam a pessoas muito distintas advindas de realidades igualmente diferentes. E aqui Inácio, com grande liberdade, nas *Constituições* que deixa aos seus companheiros, nas grandes linhas, diretivas e orientações, não hesita em situar quase como um refrão: "segundo as circunstâncias de tempo, de lugares e de pessoas"; não esperar que os lugares, os tempos se adaptem ao ideal, mas neles imergir arraigados nos mistérios da vida de Cristo: tarefa e desafio.

---

<sup>23</sup> Epist. Ign. XII 676. Monumenta Historica, SJ, citado por GIULIANI, Maurice. *L'accueil du temps qui vient*. Études sur saint Ignace de Loyola. Paris: Bayard, 2003, p. 264 ss.

<sup>24</sup> LOYOLA, Inácio. *Autobiografia*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1987.

Aparentemente este foi um dos embates de Vieira: nas circunstâncias e nas adversidades históricas, ter diante dos olhos o paradigma da história da salvação como condição de interpretar as tensões, os acontecimentos e discernir a ação. E, ainda, mostrar o Espírito presente em todo tempo<sup>25</sup>; denotar que o presente, por não ser o ideal, não pode ser desqualificado e que não é em nada – nem teológica, tampouco moralmente – superior, inferior ou menos fecundo do que os tempos que nos precederam. Tomado tal qual ele se apresenta, sem nenhuma tentativa de tecer falsas aparências, de maquiá-lo, o ser humano pode acolher a graça que vem a ele no tecido mais inusitado, chegando a compreender que a idade de ouro era ontem, é hoje, será amanhã.

### 2.3 *Ad amorem*

Se a contemplação dos mistérios de Cristo permite o discernimento do tempo e da graça do tempo que acabamos de considerar, tal discernimento não é apenas exercício do intelecto, tampouco uma análise teológica estéril. Na intuição de Inácio, é o pressuposto de um agir lúcido. “O amor deve se colocar nas ações, mais do que nas palavras”<sup>26</sup>. Diante da graça, isto é, do comunicar-se gratuito do Deus trinitário e do seu agir em favor da humanidade, a liberdade humana acha-se confrontada com a expressão vital que enseja dar a si mesma, à luz do Evangelho, fonte da qual Inácio propõe a contemplação. Nela, “o ato humano que é a livre resposta ao dom livre e sem motivo de Deus o eleva acima de toda ética puramente teleológica...”<sup>27</sup>. Por isso, o tempo da graça poderia aqui ser considerado ainda sob o aspecto do tempo da gratuidade, do amor desinteressado, precisamente à maneira do Filho encarnado. Não sem razão, o Papa Francisco exortava a “sermos ‘descentralizados’, a ter adiante o ‘Cristo sempre maior’, o ‘Deus sempre maior’, (...) que nos leva continuamente para fora de nós mesmos, leva-nos a uma certa *kenosis*, a sair do próprio amor, querer e interesse” (EE, 189)<sup>28</sup>.

Trata-se então, para o ser humano à luz do discernimento do tempo - neste e não em outro – acolher e assumir na concretude das circunstâncias o seguimento dAquele cujo mistério contemplou e que, em sua vida

<sup>25</sup> VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, p. 159.

<sup>26</sup> LOYOLA, Inácio. *Exercícios Espirituais de Santo Inácio*. São Paulo: Loyola, 2010, nº 230.

<sup>27</sup> BALTHASAR, Hans Urs. *La gloire et la croix* IV. Le domaine de la métaphysique. Les constructions. v. 85, Col. Théologie, Paris: Aubier-Montaigne, 1982, p. 162.

<sup>28</sup> PAPA FRANCISCO. Homília do dia 31 de julho de 2013, disponível em [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130731\\_omelia-sant-ignazio.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130731_omelia-sant-ignazio.html)

terrena, se revelou como a Graça do Pai sofrendo toda espécie de desprezo e de injustiça - porque a graça tem um nome.

### 3. A Graça no tempo

#### 3.1 A abrangência da graça

A graça não entra em ação na vida do mundo e dos homens somente em momentos privilegiados. Está constantemente no quadro dos sucessos e dos dramas da humanidade. Nem sempre, todavia, pode ser vista “a olho nu”. Daí a importância das diversas mediações, dentre as quais os *Exercícios* de que falamos.

É impregnado das práticas inacianas, expressão de um espírito no qual foi formado, que Vieira lê, interpreta, prega, debate, combate a tempo e a contratempo. Filho de Inácio, Vieira levou muito a sério o caráter concreto da encarnação da palavra de Deus acolhida na fé. Nada escapa desse concreto: os nobres, a realeza, os colonizadores, os colonizados, toda a sociedade era convocada por Vieira para confrontar a vida com essa palavra.

Até agora não encontramos nos escritos de Vieira nenhuma alusão explícita ao que diz um trecho dos *Exercícios Espirituais* no contexto da Meditação sobre o Reino: “... querer fazer tudo pelo seu [de Deus] maior serviço e louvor, imitá-lo no suportar também as injúrias, desprezo, pobreza”<sup>29</sup>. A ausência das referências ou citações, entretanto, não expressa a minguada realidade. Talvez não seja exagerado afirmar que a referência à economia salvífica era imperativa para ele; referência que, sem ignorar seus ímpetos utópicos e algumas vezes pouco plausíveis, lhe valeu muitas incompreensões, porque entendia que desmascarar injustiças e projetos antievagélicos fazia parte da hermenêutica da graça de Deus.

O “Sermão de Sto António aos peixes”<sup>30</sup> - bastante ilustrativo do desmascaramento da opressão reinante no Maranhão – mostra o empenho em trazer à luz o que ele chama de antropofagia social:

[...] importa, peixes, que advirtais muito outras tantas cousas, quantas são as mesmas palavras. Diz Deus, que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz, que os comem de

<sup>29</sup> LOYOLA, Inácio. *Exercícios Espirituais*, nº 98.

<sup>30</sup> NORONHA, José. *Para uma leitura do Sermão de Santo António aos peixes*, do Padre António Vieira, p. 124 e ss.

qualquer modo, senão que os engolem e os devoram. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros<sup>31</sup>.

Rechaçar a injustiça faz parte do movimento da graça, ainda que com a certeza de ser ignorado, desprezado.

### 3.2 O Reino de Deus está próximo

Poder-se-ia pensar na graça desvinculada das exigências de justiça? Como refleti-la dissociada da proximidade do Reino?

Tanto nos *Sermões* como na *História do Futuro*, é facilmente observável o lugar concedido à dimensão social humana. À luz da fé, Vieira quer reler a vida social e política; quer lutar contra uma paralisia cristã.

Nesse sentido, vemos cada vez mais claro que seu interesse pelas Escrituras não é apenas o interesse por um documento fundador. Uma vez feita a experiência do discernimento da fé, da perseverança apoiada na fidelidade de Deus - experiência que engendra a esperança - é imperativo para ele passar ao seguimento e ao anúncio. A esperança está longe de ser interpretada como situação estática de bem-estar daquele que acredita. É dinâmica e «apressa» o Reino - elemento unificador do discurso de Vieira - que por sua vez é compreendido como boa nova que possui uma perspectiva universal<sup>32</sup>.

Vieira é impulsionado pela mesma exigência ética que encontramos no evangelho. A justiça do Reino cuja realização, segundo Mateus, se dá no cumprimento da vontade de Deus requer de cada pessoa uma decisão existencial: escolher o verdadeiro tesouro (Mt 6,19-21) que mobiliza a pessoa toda em vista de um engajamento exclusivo na busca do essencial (6, 24) e a recusa de toda preocupação que se constitui em obstáculo (Mt 6,25-34). O evangelista lembra o leitor que nenhuma pertença é em si garantia para se julgar participante do Reino, como o indica Mt 22, 10-14. Sem a resposta implicando uma reorientação de toda a vida, isto é, sem a conversão, não é possível nele entrar. Os títulos, as disposições exteriores são insuficientes se não representam expressão de

---

<sup>31</sup> Idem, *ibid.*, p. 137.

<sup>32</sup> Nenhuma parte do mundo é excluída do que Vieira nomeia "o Império" que Cristo estabelecerá sobre a terra. E esta totalidade não é para Vieira uma figura de linguagem, mas uma realidade que será levada a bom termo pelo Cristo, cabeça de todos e de tudo. Ver VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, v. I, p. 86.

um movimento interior. Nessa linha, Vieira critica ferozmente a opulência do reino e é consciente de seu perigo para a vocação e a missão que ele atribui não apenas aos cristãos em geral, mas também ao seu povo de modo especial - vocação e missão que se manifestam num caminho de fé.

### 3.3 O caminho da fé

Fiel a si mesmo, Vieira não elabora um “conceito” de fé. Ele a professa. Para ele é de persuadir seus ouvintes de que ela é uma resposta vital; não a uma doutrina, mas Àquele que é a Graça de Deus por excelência. Para isso, está convicto da importância do aproximar-se da totalidade do mistério e, nele, da encarnação<sup>33</sup>, vida, paixão de Jesus para “humanizar o humano”; aproximação que para ele se dá de modo privilegiado no testemunho das Escrituras e que colabora para estabelecer um diálogo vital e fecundo entre promessa e transfiguração progressiva das realidades desumanas que afastam o homem da condição primigênia: ser imagem e semelhança de Deus.

Vindo entre os homens, Jesus partilha plenamente a humanidade. Sua união ao criado é irrevogável. De certa maneira, eu ousaria dizer que podemos ler em Vieira um pedido indireto dirigido ao homem<sup>34</sup>, a saber: que este também, por sua vez, desça “do céu” e que despoje as realidades terrestres por fidelidade à lógica cristológico-trinitária.

Se a fé é o que permite ler a graça, poderá esta fé, assim compreendida, ser ouvida?

### Considerações finais

A personalidade multifacetada de Antônio Vieira não permitiu aos seus contemporâneos que os diversos ruídos sufocassem a suave força do Verbo que nas palavras de suas pregações permaneceu límpida e mordaz, ultrapassando os recursos da retórica. Sua ação foi, sobretudo, lembrança inquieta e incômoda, interpelando a fazer o caminho de um discernimento do tempo, das fontes, indicando a maneira de nele habitar e, finalmente, nele, a se aproximar dAquele que não cessa de vir ao encontro do ser humano por mediações surpreendentes.

---

<sup>33</sup>Para isso, basta ver, entre outras coisas, a insistência de seu argumento quando se cuida de defender o domínio temporal do Reino de Cristo. Está igualmente convicto do mistério da Redenção, reconhecendo que a humanidade foi resgatada pelo preço do sangue de Cristo. Ver VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, v. 2, p. 313.

<sup>34</sup> VIEIRA, Antônio. *História do Futuro*, v. 2, p. 299-300.

“Onde está a graça?” É a pergunta que fazemos frequentemente quando não entendemos grande coisa...

Vieira entrou para a plenitude da vida em 1697, mas cremos que seus escritos nos dão material o bastante para uma elaboração própria dessa resposta ou, ao menos, para os elementos em vista de uma resposta. História, espaço, tempo... categorias tão humanas aparentemente contrastantes, para muitos, com a Presença do Deus Trino que as habita e as ultrapassa - lugares dados aos humanos para tecer.

Enquanto a ideia do tempo que foge (*tempus fugit*) pode produzir a angústia, a ansiedade, até mesmo a culpabilidade, este filho de Inácio de Loyola, sem negligenciar os paradoxos, introduz seu leitor numa outra dimensão: o tempo é aliado, é lugar dado aos humanos para ruminar, tecer, a fim de ler a trama de Deus com a vida e fazer a trama da vida com Deus. Não se corre contra o tempo. “Corre-se” com ele.

Viver no tempo é lei de nossa humanidade. Nele imergir e dele emergir com todo o criado e associado a todas as criaturas trazendo as cicatrizes por habitá-lo à maneira dAquele que foi morto e ressuscitado, é movimento da graça.

A certeza de que Deus continua como sempre a se dar e a se comunicar ao homem marca a sua leitura e a compreensão definitiva de que a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo que continua a vir ao homem em todo tempo.

## Referências Bibliográficas

ABRÃO, M. *Lembra-te do Futuro*. A teologia de António Vieira à luz da História do futuro. São Paulo: Loyola, 2012.

ALVES, R. [http://www.releituras.com/rubemalves\\_pipoca.asp](http://www.releituras.com/rubemalves_pipoca.asp) acessado em 20 de outubro de 2014.

BALTHASAR, Hans Urs. *La gloire et la croix* IV. Le domaine de la métaphysique. Les constructions. Col. Théologie v. 85, Paris: Aubier-Montaigne, 1982, p. 162.

BAUMAN, Zygmunt. *44 Cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 60.

DELUMEAU, Jean. *Une histoire du paradis*. Mille ans de bonheur. Paris: Fayard, 1995.

FABER, Eva-Maria. Grãce, em: LACOSTE, Jean-Yves. *Dictionnaire Critique*

de *Théologie*. Paris: PUF, 2007.

GIULIANI, Maurice. *L'accueil du temps qui vient*. Paris: Bayard, 2003.

HARTOG, François. *Régimes d'historicité*. Présentisme et expériences du temps. Paris: Seuil, 2003.

LACOSTE, Jean-Yves. *Dictionnaire critique de Théologie*. Paris: PUF, 1998.

LOYOLA, Inácio. *Autobiografia*. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 1987.

\_\_\_\_\_. *Exercícios Espirituais*. São Paulo: Loyola, 2010.

NORONHA, José. *Para uma leitura do Sermão de Santo António aos peixes*, do Padre António Vieira. Lisboa: Presença, 1998.

PAPA FRANCISCO. Homilia do dia 31 de julho de 2013, disponível em [https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130731\\_omelia-sant-ignazio.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130731_omelia-sant-ignazio.html) acessado em 21 de outubro de 2014.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. Seleção de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: LPM Editores, 1996.

VIEIRA, A. *Clavis Prophetarum*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2000. Edição crítica por Arnaldo do Espírito Santo.

VIEIRA, A. *História do Futuro* v. 1 e 2, edição crítica comentada e prefaciada por BESSELAAR, José van den. Munster: Aschendoorff, 1976, p. 94.

VIEIRA, António. *História do Futuro*. Introdução, actualização do texto e notas por BUESCU, Maria Leonor Carvalhão. Lisboa: Imprensa nacional-Casa da moeda, 1992.

VIEIRA, António. *Sermões*. Porto: Lello & Irmão Ed., 1951, vol. VI.

\**Maria A. R. Abrão*

Doutora em Teologia pelo Centre Sèvres,  
Facultés Jésuites de Paris, com a tese "Mystique et politique chez António  
Vieira". Atualmente é professora e coordenadora do  
Curso de Teologia da Universidade Católica de Pernambuco.



## Recensão literoeclésiástica

### JESUS CRISTO E A IGREJA ATUAL \*

Vianney Mesquita\*\*

*Tu es petrus et super hanc petram aedificabo Ecclesiam meam.*

Há poucos dias, à procura de conferir um indicativo em fonte jornalística a fim de ilustrar um escrito para publicação, dei com o registro surpreendente dos dois anos de mudança, para a Grandeza Edênea, do sacerdote católico, Diocese de Sobral (natural de Tapuio, Distrito de Cariré), **Padre Martins de Medeiros** (30.04.1945-04.02.2014), com quem há tempos, mantive contato, sem conhecimento pessoa a pessoa, conforme passo a narrar.

No já distante 1998 - há 18 anos, pois – coadjuvava, em Fortaleza, o trabalho das *Edições UVA*, da Universidade Estadual Vale do Acaraú, ao tempo do reitor e hoje deputado estadual, Professor José Teodoro Soares, na tarefa de preparação de originais, constante de revistas de língua portuguesa, acomodação de conteúdos, apropriações bibliográficas no que concerne às normas da A.B.N.T. e tantos outros procedimentos peculiares aos misteres de uma casa publicadora acadêmica.

Eis que, a instâncias da saudosa **Professora Norma Soares**, a qual dirigia a Editora da IES Sobralense, procedi ao prazenteiro encargo de aparelhar para uma edição possível o conjunto postulante a infólio, versão moderna, subordinado ao título *Jesus Cristo e a Igreja*, produzido pelo dito Padre Martins de Medeiros, há já dois anos, decerto, sob experimentação das delícias celestes.

A princípio, não atinei para o fato de que a obra representasse vigor autoral de maior profundidade. Dante mão, pensei que o Autor cuidava de juntar os tópicos de suas preleções no Instituto Teológico e Pastoral e em aulas ministradas na UVA, apenas para efeito didático-pedagógico, sem pretensões mais afoutas. Por certo, essa ousadia era inocente, sem o propósito estudado de que o trabalho corresse mundo. A julgar, todavia,

pelo agradabilíssimo espanto de que fui tomado, acreditei, então, que o fado da obra seria o sucesso – conforme veio mais tarde a se confirmar – máxime pela tenção investigativa que o Padre Martins de Medeiros ali imprime, particularmente, na parte de Eclesiológia.

De tal modo, sob o prisma do romaneio bíblico e da verdade também de outras vertentes, confirmo agora, novamente, depois de quase duas dezenas de anos, o fato de que os estudos de Cristologia partem da comparação do Jesus Cristo histórico com o Cristo da fé, enroupando, com habilimo poder sinóptico, todo o roteiro da Salvação, tendo por centro a estampa binatural da Segunda Personagem da Trindade – divina e humana. De tal maneira, o autor prosseguiu, de foz em fora, até a atualidade, com reflexões de remate acerca da perenidade do Cristianismo.

No módulo sequente, absolutamente altivo em relação à literatura jungida ao argumento relatado – pois conhecia procedência e língua em que foram vazados os documentos – grego, aramaico, latim e hebraico – o Padre Martins de Medeiros não se prevaleceu daquele teologismo exacerbado, do apego enfermiço aos princípios dogmáticos, para conceder visão pública às ideias de estudioso respeitável.

Mensageiro de uma reflexão independente, mediante a qual exprimiu erudição frugal, não apenas deitou judicativas conceituações, como também retirou ilações de passagens obscuras - e até polêmicas - da doutrina, aclarando entendimentos cuja má interpretação conduz a cismas, heresias e reformas, conforme aconteceu com **Ário** (256-336), **Jansênio** (1635-1738) e **Henrique VIII** (1491-1547), só para mencionar alguns dos mais afamados heresiarcas /reformadores.

Têm destaque na obra de Padre Medeiros, pelo que de responsabilmente atiladas, suas menções analíticas à epistolografia são-paulina, ao recorrer, não apenas, às *Cartas*, mas também a uma multiplicidade de fragmentos da Escritura Santa e da literatura coadjuvante, a fim de explicitar os textos do **Apóstolo Sírio** e seus vínculos com a fé professada pelos cristãos de contorno católico e de outros perfis confessionais.

Marcações de relevo, também, de *Jesus Cristo e a Igreja* radicam no papel exercido pelas assembleias episcopais – concílios, consistórios, sínodos etc – nomeadamente os Concílios de Trento, Niceia, Constantinopla e Vaticano II, por exemplo, quando restaram tomadas importantes decisões relativas a mudanças estruturais internas, à adoção de modelos litúrgicos –

como a missa vernacular, por exemplo – além de deliberações que modificaram profundamente o *modus operandi* temporal-adjetivo e imprimiram revisões de relevo nos conceitos cristoeclesiológicos, espirituais-substantivos, então exercitados pela Igreja.

Temas como *o Corpo Místico, a Igreja Povo de Deus e Corpo de Cristo, Estrutura e Jerarquia Eclesiásticas, os Carismas, Primado Pontifical e Colegiabilidade Bispal*, a exemplo dos demais assuntos abordados no livro do Padre Martins de Medeiros, são dissecados com vigor, conhecimento e coragem. O Autor, também, *sinegranosalis*, com o máximo de responsabilidade, também se referiu à Igreja do futuro, àquela hoje desenvolvida. Ao parafrasear o hoje Pontífice resignatário, Bento XVI – então Cardeal e teólogo Joseph Ratzinger, ele expressou:

[...] *como essa Igreja consta de homens fracos e pecadores, que podem falhar em sua responsabilidade para com a missão recebida de Cristo, o seu futuro também depende dos homens [...].*

Conquanto haja falhas, entretanto, o empenho, a decisão – agora sob o pastoreio do Papa Francisco – é de não fracassar, a fim de que, compostos e resolvidos os erros, a Instituição possa cada vez mais se achar à ideia maior de *Chiesa Aggiornata*.

Lembrança marcante, por conseguinte, deste sacerdote-escritor-teólogo, *Jesus Cristo e a Igreja* é livro que, por seu alcance teológico, continua a ser apreciado e estudado por todos os estratos da nossa Santa Madre Igreja no Ceará, nomeadamente nos seminários, conventos e assemelhados, bem como, principalmente, nas academias católicas.

*\*Jesus Cristo e a Igreja*

tem guarnições escritas por mim, cujo texto foi publicado no meu livro *Fermento na Massa do Texto*.

Sobral: Edições UVA, 2001, pp.127-8. 190 p. Reescrito em fevereiro-2016.

*\*\*Vianney Mesquita*

Professor-adjunto IV, da Universidade Federal do Ceará.

Membro das Academias Cearense da Língua Portuguesa e Cearense de Literatura e Jornalismo.

Escritor Jornalista. Ex-aluno do Seminário Arquidiocesano de Fortaleza (Prainha).